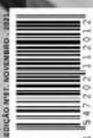


154

REVISTA

CIDADES.ARTE.PATRIMÔNIO.CULTURA



PARABOLOIDE.EDITORA

● EDITORIAL

Caros leitores,

Nós da Revista 15.47, além do fomento acadêmico e cultural, objetivo que permite estabelecer um diálogo frutífero com nossos leitores e bastante construtivo, através da diversidade de nossos conteúdos, sentimo-nos gratos porque, em meio a solidão imposta para todos nós em tempos de pandemia, crescemos junto a vocês, e seguimos por um ano de produção de bom conteúdo.

Cabe lembrar, como sempre temos feito por aqui, que nestes últimos dois anos fomos afetados de tal forma pela pandemia, que questionamos (nós, humanos), sobre a importância de nossa existência e nossa permanência - tema trazido por Carl Jung com sabedoria -, chegando a um ponto onde passamos a ter crises de identidade e existenciais. Estas, segundo Morén (2004), próprias de tempos “marcados pela própria pessoa ou por uma circunstância externa”, como produtores de incertezas. Dito isso, mais uma vez, esperamos encontrá-los bem, com saúde, e prontos para a leitura de uma nova edição, que se permita norte, nosso maior objetivo, multiplicando ressignificações. Afinal, somos o reflexo do tempo, de nossa sociedade, e com isso, refletimos a identidade e os processos pensados por todos!

Completados um ano de nossa Revista 15.47, pensando em nossa proposta constante de ressignificação identitária, chegamos ao sentimento de PERTENCIMENTO, e nas delicadezas quase catárticas que envolvem os significados do pertencer! Nesse sentido, consolidamos, dia após dia, nossa linha editorial, transformando-nos sempre, e propondo novos rumos em direção ao conhecimento.

Desde a edição passada temos trazido convergências entre os temas propostos para os artigos, “costurados” a muitas mãos, de uma forma multidisciplinar, consolidando a nossa proposta editorial. Nesta edição o tema transversal é o PERTENCIMENTO. Este entra nos artigos como proposta para a compreensão dos assuntos relacionados à vivência urbana, os sentimentos que nos envolvem e constroem nossa identidade, em como as artes representam processos históricos e que envolvem significados que vão além do conhecer, e migram a alma, e como o patrimônio cultural nos envolve de tal maneira a dependermos dele para que realmente sejamos uma sociedade com memórias.

Sendo assim, entendemos o quão importante é fazermos a essa altura, reflexões transversais a um tema único proposto. Propomos o PERTENCIMENTO, pois é a partir deste debate que podemos contribuir para o processo de construção de uma identidade cultural voltada para um sentimento que envolverá respeito e coletividade, empatia, reciprocidade, humanidade e ética. A transcendência do conceito deste sentimento nos permite avaliar as nossas relações humanas, com a pretensão em contribuir no momento pelo qual vive nosso país e o mundo com a desconstrução da intolerância, da segregação social, cultural e financeira, da misoginia, do racismo, da homofobia e até mesmo da morte normaliza e “des-sentidas”. Entendemos que algo em nossa sociedade precisa ser transformado. Propor o bom debate, e trazer assuntos como o Patrimônio Cultural, essência como formação de uma sociedade, a exemplos do restauro e da reativação do Teatro Nacional Cláudio Santoro - projetado por Oscar Niemeyer -, permite-nos criar um canal de diálogo e de transferência de conteúdo, convidando nossos leitores a construção de uma consciência coletiva, transparente e justa.

Estão convidados à leitura e esperamos que, assim como nós, apaixonem-se pelo conteúdo plural e singular presente nessa 7ª edição da Revista 15.47!

Boa leitura!
Angelina Nardelli Quaglia



Angelina Nardelli Quaglia

Arquiteta Urbanista, mestre pela Universidade de Brasília-UnB. Pesquisa nas áreas de acessibilidade/caminhabilidade (walkability); história da arquitetura, do urbanismo e das artes; representação e expressão; turístico patrimonial e tecnologias dos séculos XX e XXI. Artista plástica desde a década de 90, presta consultoria em montagem de exposições e curadoria de obras. Fundadora e diretora na empresa PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias, faz projetos e ministra cursos livres nas áreas que domina. Cineasta, produz pequenos curtas e desenhos. Fundadora e diretora da REVISTA 15.47, coordenadora da equipe editorial, assina as colunas “UM PROJETO PARA BRASÍLIA” com iniciativas pensadas para a Capital; “GASTRÔ CITIES”, sobre a gastronomia icônica; e “O DESIGN CRIATIVO + “ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA”, onde traz temas relacionados ao design, o urbanismo, a arquitetura e a arte.



Patrícia Lunes Ávila e Silva

Historiadora da arte e marchand, atua como pesquisadora no segmento artístico há mais de 15 anos, quando inaugurou o escritório de arte ArtBSB. Em seu trabalho, procura aliar a atividade comercial à disseminação de conteúdo. Dentre os vários projetos já realizados estão a criação de textos curatoriais de importantes exposições, a criação do Blog “Sobre Arte e Arrepios” e a recente participação no documentário “60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA” da REVISTA 15.47, além de ser membro do grupo diretor, assina a coluna “ARTE E HISTÓRIA” onde trata de assuntos ligados à arte e seus desdobramentos no âmbito social contemporâneo. Com trânsito fácil entre os ateliês e galerias da cidade, traz aos nossos leitores um olhar próprio, por vezes instigante, do que é produzido e apresentado em Brasília.



João Diniz

Arquiteto Urbanista mineiro, escritor, poeta e conteudista digital, é professor no curso de arquitetura e urbanismo (FUMEG - MG), mestre em engenharia civil com ênfase em estruturas metálicas (UFOP) e doutorando pela UFMG. Em seu currículo constam, além dos projetos significativos de arquitetura e urbanismo, exposições nacionais e internacionais, cenografias, produção de design, documentários e curtas, livros, dentre outros. Como escritor publicou mais de 26 livros. Dinâmico, apresenta uma grande gama de novos projetos. Membro do grupo diretor, assina a coluna “ARQUITETURA E PERCEPÇÃO”, trazendo debates acerca dos temas que permeiam as cidades, a arquitetura e o indivíduo.



Malu Perlingeiro

Artista plástica profissional, representante do Conselho Curador do Colege Arte na seleção de artistas do DF, para o Circuito Internacional de Arte Brasileira. Associada do SINAP-ESP/AIAP (The United National Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO). Ente e Agente Cultural concedida pela Secult DF, sócia fundadora da Associação Candanga de Artistas Visuais (ACAV). Como membro da equipe editorial da 15.47, também escreve a coluna “NOVAS ARTES EM BRASÍLIA”, trazendo entrevistas e reportagens sobre novos talentos da arte em Brasília e no Distrito Federal, bem como referências de novos e tradicionais espaços de exposição em Brasília.



Maria Luiza Junior

Formada pela Universidade de Brasília (UnB), em Comunicação Social e Cinema, mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Comunicação nas Instituições Públicas pela Universidade de São Paulo (USP) e em Comunicação e Mobilização Social pela Universidade de Brasília (UnB). Militante pelos Direitos Humanos e do Movimento Negro Unificado do DF, uma das participantes da fundação do Centro de Estudos Afro-brasileiros (CEAB) e do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF). Possui tríplice brasilidade: MG/DF/BA e é Mãe de Preto. Na REVISTA 15.47 assina a coluna “FEMININOS MÚLTIPLOS”.



André Berçott

Historiador e pedagogo, trabalha na rede SARAH de hospitais desde 2005. Com sua formação auxilia voluntariamente na elaboração dos projetos culturais fomentados pela PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias e pela REVISTA 15.47. Participou efetivamente do projeto de educação e prevenção de acidentes, da rede SARAH, com palestras para estudantes das redes pública e privada. Na revista, escreve na coluna “REFLETIR, POR QUE NÃO?” que trata da importância da reflexão sobre a vida nas RAs de Brasília.



Frederico Flósculo

Arquiteto Urbanista, professor Adjunto da Universidade de Brasília - UnB, mestre e doutor em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde pelo Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília (2009), além de escritor. Entre suas publicações estão os livros “Metodologias da Projeto Arquitetônica: Evidências Gráficas”, “Contos de cartomantes” e “Thalija aventuras brasilienses em busca da cidade oculta”, este último uma belíssima história em quadrinhos. Na Revista 15.47 é responsável pela coluna “BRASÍLIA PATRIMÔNIO”, onde tratará de temas sobre assuntos relacionados ao patrimônio Brasília e assuntos voltados a sua preservação, legislação de preservação e demais temas.



Rubens Perlingeiro

Historiador, geógrafo, cronista, professor, Oficial de Marinha (graduado em Ciências Navais) e pós-graduado em Ciências Políticas. Suas publicações comentam de forma bem-humorada o comportamento humano, provocando inúmeras risadas e por vezes, comparações com situações que em algum momento, podemos ter presenciado em nossas vidas, e que nos fazem sorrir. Dentre suas publicações está o livro “A Peruca do Defunto” e “Outras Situações Improváveis”. Responsável pela coluna “CRÔNICAS DO RUBENS” é também um dos membros da equipe editorial, trazendo bons textos sobre temas divertidos do cotidiano, permitindo-nos boas risadas e muita sabedoria.



Maria Helena Costa

Mestre em Arquitetura e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto e pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento. Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching, é aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação e qualificação. Fomentadora de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes, desperta pessoas e forma times. Acredita que o processo de desenvolvimento específico deve basear-se no despontar de cada ser, conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. Na 15.47 é responsável pela coluna “SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR”



Jorge Nassar

Músico e Compositor desde a década de 90, participou de projetos musicais importantes, sendo o responsável pela coordenação musical do projeto 60 “OLHARES SOBRE BRASÍLIA”. Com facilidade para a criação, escreve e dirige como cocriador o projeto “CRIATIVAMENTES”, direcionado à área de entretenimento digital. Na Revista 15.47 é membro do corpo editorial, e responsável pela coluna “MÚSICA EM BRASÍLIA - O TOM DA CONVERSA”, onde entrevista músicos brasilienses, atuantes na Capital e fora dela, debatendo temas de relevância nacional e internacional, tratando sobre a boa música e as boas histórias da capital federal.



Eduardo Oyakawa

Eduardo Oyakawa é Pós-doutor em Filosofia da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre e doutor em Mística e Literatura pela PUC-SP. Sociólogo e poeta. Membro da Associação Brasileira de Filosofia da Religião. Professor e escritor, tem em entre suas obras o livro “Os Sagrados Cães Dançarinos - Mística e heresia em Franz Kafka”, resultado de mais de uma década de reflexões e questionamentos respondidos pela filosofia, teologia e na história das ideias. Na Revista 15.47 escreve sobre FILOSOFIA.



Beatriz Berçott

Fotógrafa, designer gráfica e estudante de cinema, é uma das sócias da PARABOLOIDE. Incubadora de Ideias e auxiliou na formatação do projeto “60 OLHARES SOBRE BRASÍLIA”. Atua como fotografia, criadora de arte gráfica e de desenhos com softwares de arte; desenhista de maquete 3D e produtora de artes visuais e desenhos. Também é sócia fundadora da “Bia’s Photos”, compondo fotografia e criações autorais. Na Revista 15.47 é uma das responsáveis da curadoria de imagens e pesquisa de fotografia e design.



Juliana Rampim

Juliana Rampim Florêncio é professora, bacharela em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e doutoranda em História pela Universidade de Brasília (UnB), onde pesquisa a “História da Alimentação Brasileira”. Cozinha para desanuviar a vida e nutrir a quem ama. Na revista é a responsável pela coluna “GASTRONOMIA AFETIVA E HISTÓRICA”, onde são tratados assuntos ligados à memória e às tradições culinárias presentes nas diversas culturas formadoras de nosso país e patrimônios em nossas vidas, regados de histórias e memórias. Afinal o calor do fogo cozinha junto às panelas e mantém aquecido o coração.



Luciana Azevedo

Fisioterapeuta desde 1994, atuando, desde então, na área de geriatria e neurologia em atendimento domiciliar. Palestrante em formações de encontros matrimoniais e de jovens no Distrito Federal. Missionária em comunidades carentes no entorno do Distrito Federal e na formação e evangelização cristã. Junto a Jézer Junior é a responsável pela coluna “BRASÍLIA EM ORAÇÃO”; da Revista 15.47 onde são tratados assuntos relacionados à fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e do conhecimentos relacionados ao tema.



Jézer Junior

Bacharel em Direito, com especialização em Direito Público, escritor, palestrante, professor no curso “Escola da Fé nas matérias Mariologia, Cristologia, Espiritualidade, Doutrina Social da Igreja e Catequese. Conductor de dois programas na Rádio Rede Imaculada 94,5 FM. Junto à Luciana Azevedo é o responsável pela coluna “BRASÍLIA EM ORAÇÃO”; da Revista 15.47 onde são tratados os assuntos relacionados a fé cristã em Brasília, trazendo aspectos importantes da fé e dos conhecimentos relacionados ao tema.



Alexandre Guerra

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB), participa de processos de criação ligados à sustentabilidade na área de conforto luminoso e apaixonado por monitorias em disciplinas de história. Entusiasta da fotografia e aficionado por tecnologia, dedica-se a registrar todos os momentos, enxergando as experiências sob diversas perspectivas. Curioso em saber como e por que as coisas funcionam, tem como objetivo encontrar diversas maneiras de se conectar com o mundo e o conhecimento. Na REVISTA 15.47 é responsável pela coluna “GUIA DO ARQUITETO VIAJANTE”; trazendo assuntos relacionados a observar viagens não como turista, mas como viajante.



Luciano Brasileiro de Oliveira

Bacharel em Direito pela Universidade de Brasília (UnB); Ingressou nos quadros da Ordem dos Advogados do Brasil, restando compromisso em 07/4/1994; Advogado desde 1994, especialista em Direito Imobiliário Consultor Jurídico da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, Membro da Associação dos Advogados Trabalhistas do Distrito Federal, Membro da Associação Lusorasilense de Juristas do Trabalho. Foi Assessor Jurídico do Sindicato das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga no Distrito Federal - Sindibras. Foi Representante do Sindibras junto à Comissão Permanente de Relações do Trabalho da Associação Nacional do Transporte de Cargas e Logística. Foi Assessor Jurídico do Sindicato Nacional das Empresas de Táxi Aéreo, SNETA. Na Revista 15.47 escreve a respeito de DIREITO.



Francisco José Alencar Araripe

Graduado em Psicologia desde 1973, com especialização em Base Reichiana; Psicologia Analítica; Neurolinguística, atualmente faz parte da equipe de terapeutas da COOP – Clínica de Orientação Psicopedagógica, com atuação como Analista de orientação Junguiana e Terapeuta de base Reichiana. Na Revista 15.47, escreve sobre PSICOLOGIA, auxiliando os leitores com ensinamentos e conhecimentos relevantes e auxiliares, em especial para o momento que estamos vivendo.



Lucia Helena Moura (ABAP)

Arquiteta Urbanista com graduação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1980). Atualmente é assessor na Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação e possui experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Paisagismo, Meio Ambiente, Planejamento Urbano e Regional. Pela Revista 15.47 representa a Associação Brasileira de Arquitetos paisagistas (ABAP), escrevendo e organizando artigos para a seção que trata de paisagem urbana e trajetória da ABAP.



Nelson Inocêncio

Bacharel em Comunicação pela Universidade de Brasília (1985), Mestre em Comunicação pela UnB (1993) e Doutor em Arte também pela UnB (2013). É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais, vinculado ao Instituto de Artes da UnB, onde também atua como Coordenador do Curso de Graduação e Membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE. Junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação exerce o papel de Membro do Comitê Institucional Gestor do Programa de Iniciação Científica (ProIC). Suas pesquisas articulam História da Arte, Estudos da Cultura Visual e Estudos das Relações Raciais. Foi Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros pertencente ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB de 2001 a 2014. Na 15.47 é responsável pela coluna “ALTERIDADES”



Marta Romero

Graduada pela Universidad de Chile e pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1978), com Especialização em Arquitetura na Escola de Engenharia - USP de São Carlos (1980), com Mestrado em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (1985), Doutorado em Arquitetura pela Universitat Politècnica de Catalunya (1993) e Pós-Doutorado em Landscape Architecture na PSU (2001). Atualmente é professora titular da Universidade de Brasília (UnB) e coordenadora do Laboratório de Sustentabilidade da PPG-FAU/UNB (LaSUS).



Lucas Pontes

Fotógrafo e estudante de arquitetura na Universidad de Buenos Aires (UBA). Nascido em Brasília -DF, vivenciou a única cidade modernista do mundo desde muito criança, demonstrando interesse por todas as artes que aqui apresentam-se integradas a arquitetura e ao urbanismo. Entretanto, este jovem artista brasileiro viu seus interesses direcionados, ao longo dos anos, para as artes fotográficas, que o encantaram desde o primeiro dia em que teve um contato mais aprofundado com o tema. Em nossa Revista fala sobre "FOTOGRAFIA"



Carolina Sena

Relações Públicas e Jornalista, pós-graduada em Assessoria de Comunicação Pública pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB). Especialista em redação de textos para jornais, revistas, redes sociais e web. Fez parte da equipe de comunicação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) de 2005 a 2007. Trabalhou como voluntária em eventos esportivos internacionais como a Copa do Mundo FIFA Brasil em 2014, Jogos Olímpicos Rio 2016 e na Copa do Mundo FIFA sub-17. Colabora da Revista 15.47 na coluna "PAPO CANDANGO", uma conversa descontraída sobre diversos assuntos como família, cultura e entretenimento.



COLUNISTA CONVIDADO

Dr. Carlos Henrique Maroja de Medeiros

Mestre em sociologia e direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Especialista em direito penal pelo Universidade Católica de Brasília (UCB); professor no Centro Universitário do Distrito Federal/Rede Cruzeiro do Sul (UDF), e Juiz de direito na Vara do Meio Ambiente - TJDF.



● CLIQUE NO ARTIGO PARA LER,
E NO PONTO AO FINAL DE CADA
ARTIGO PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● ARQUITETURA . URBANISMO . ARTE . FOTOGRAFIA . CULTURA

- 08 Com a palavra: Por amor ao Teatro
- 11 Os jardins do Teatro Nacional Cláudio Santoro ou um teatro com jardins
- 23 Uma apoteose calculada - Minhas impressões sobre a arte de Sanagê
- 30 Entrevista com o artista Luiz Souza, Ratão
- 34 Lições instantâneas, para estudantes de arquitetura
- 38 Homens invisíveis no seio da capital

● HISTÓRIA . PATRIMÔNIO . GASTRONOMIA . TURISMO

- 41 Museu de Arte Negra: a reivindicação de um pertencimento
- 45 Brasília para os brasilienses: Um manifesto pela criação de uma verdadeira identidade
- 47 Caminhos natalinos
- 50 Um casamento de conto de fadas, em Brasília

● SOCIOLOGIA . PSICOLOGIA . DIREITO . BEM-ESTAR . COTIDIANO

- 52 CIORAN: niilismo e terror místico
- 55 Segundo maior Santuário do Brasil
- 58 Pertencimento - Sobrevoo
- 62 Pertencimento
- 63 Entre promessa cordial e racismo indefectível: Pertencimento na esfera do Poder
- 66 Diversão durante a pandemia
- 67 O contrato de locação residencial e o trabalho em home office - os efeitos da pandemia mundial

● MÚSICA . CRÔNICA . CHARGE

- 69 Uma história brasiliense
- 71 Comissão de Ética

● LEITURA EXTERNA



● COM A PALAVRA

Dr. Carlos
Maroja

POR AMOR AO TEATRO

***“All the world’s a stage,
And all the men and women
merely players.”.***

*(Shakespeare, As you like it,
Ato II, Cena VII)*

Os seres humanos são animais fisicamente fracos, quando comparados a outros seres da natureza: não têm a agilidade e destreza dos felinos, ou o instinto predador dos lobos, não podem voar como as aves ou se multiplicar tão velozmente como os insetos. Têm apenas uma, mas insuperável, vantagem competitiva: a inteligência.

A par de conferir essa enorme vantagem do animal humano sobre os demais entes da natureza, a razão também logo identificou uma incômoda e angustiante verdade: mais que um mero instinto, a consciência da própria finitude. Daí que os seres humanos passaram a empenhar-se em proteger também as futuras gerações, pois sabem que a única forma de se perpetuarem é pela garantia de sobrevivência e memória dos que estão por vir.

A reunião dos construtos criados pela inteligência humana é denominada

“cultura.” A cultura, expressão que remete a “cultivar” (no sentido de se produzir coisas boas e essenciais à vida) é, portanto, a expressão de toda a exuberância criativa da inteligência humana, e representa a condição de possibilidade de nossa própria sobrevivência.

Cultura é algo que só se produz coletivamente, em sociedade. Não há cultura num contexto de puro solipsismo, se é que tal contexto seja, em si mesmo, possível.

Cultura, portanto, não é item secundário ou banal, mas condição de sobrevivência digna da raça humana. Por isso mesmo proteger a cultura é

dever ético universal, típica invariante axiológica. Quem se posicione “contra” a cultura investe contra a Humanidade; simples assim. Não por acaso, a cultura é também interesse jurídico constitucionalmente protegido.

O conjunto articulado e harmonioso das múltiplas estruturas culturais, abstratas ou não, tendentes ao acolhimento seguro e, se possível, prazeroso, das presentes e futuras gerações humanas, é denominado “civilização.”

Assim, uma civilização digna de tal nome pressupõe, necessariamente, o equilíbrio entre as diversas manifestações de cultura, do modo mais respeitoso possível. Quanto mais livres,



Imagem: Painel "O sol faz a festa" de Athos Bulcão- Imagem/recorte de fotografia de Francisco Saldanha por A. Quaglia

diversas e exuberantes as manifestações de cultura, mais forte é a civilização; quando apenas uma manifestação cultural começa a colonizar as demais, a civilização se enfraquece, pois, assim como diversos são os modos de viver e sentir, também diversos devem ser os meios de produção e espraiamento das culturas.

Sem a civilização, que, por conjunto cultural, é produto inerentemente social, o ser humano estaria fadado ao fracasso; seria apenas mais uma entre tantas espécies que sucumbiriam à extinção, posto que isoladamente e sem o apoio da razão não seria capaz de fazer frente aos vários desafios que a vida selvagem impõe. A equação é de fácil dedução: quanto mais exuberante for a cultura, mais forte é a civilização; e quanto mais civilizada, mais segura, estável e, porque não dizer, feliz, é a comunidade humana.

São vários os engenhos criados para a expressão das culturas em suas variadas manifestações: as cidades,

escolas, universidades, museus, templos, palácios, prédios estatais etc. Poucos são tão significativos e emblemáticos do respeito de uma comunidade pela civilização que os teatros, espaços dedicados especialmente ao que de mais refinado o intelecto humano é capaz de produzir: as chamadas “belas artes”, aqui considerado o sentido amplo da expressão, abrangente não apenas das artes plásticas, mas também das artes cênicas, arquitetura, pintura, escultura, música, dança e literatura, todas elas abrigáveis sob o teto dos teatros.

Toda cidade que se preze orgulha-se de ostentar ao menos um grande teatro. Teatros são o símbolo mais perfeito do sucesso de uma dada comunidade na construção de uma civilização respeitável – não por acaso, as cidades mais opulentas são ricas também em teatros. Impossível se pensar em Paris sem lembrar do Odeon, Opera Garnier, Théâtre de Paris, dentre dezenas de outros, todos belíssimos. Dentre tantas glórias

intelectuais, o gênio inglês legou a obra de Shakespeare, até hoje festejada no Globe Theatre, dentre outros também inúmeros palcos londrinos. Além de diversos grandes teatros espalhados pela cidade, uma das mais célebres atrações turísticas de New York é exatamente um conglomerado de teatros, chamado Broadway.

No Brasil, apenas uma ligeira lembrança, pode-se falar da importância e grandeza do Teatro Municipal, no Rio de Janeiro ou de seu homônimo em São Paulo. João Pessoa orgulha-se do seu Teatro Santa Rosa; em Olinda, o Teatro Guararapes complementa com fulgor especial a festa cultural perene que os pernambucanos se orgulham de oferecer ao mundo. A riqueza do ciclo da borracha legou ao povo manauara um de seus maiores orgulhos: o Teatro Amazonas, sendo deveras emblemático que, num momento de peculiar prosperidade, tenha sido construído exatamente esse belíssimo espaço cultural. E tantos outros espalhados país afora.

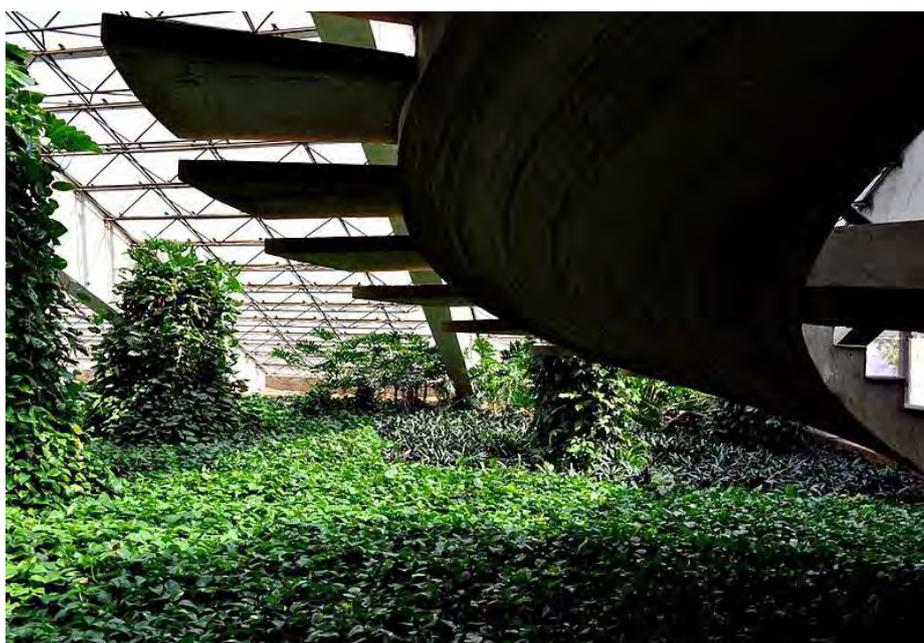


Imagem: Jardins e escada helicoidal no Foyer Villa-Lobos. Fotografia - Thiago Mello

Brasília, que é uma joia cultural em si mesma, obviamente também foi contemplada com um desses monumentos à cultura: o Teatro Nacional Cláudio Santoro. Projetado por Niemeyer e erguido em pleno Eixo Monumental de Brasília, próximo a polos de grande afluência de pessoas, como a Rodoviária, a Esplanada dos Ministérios e o Setor de Diversões Norte, a pirâmide de inspiração brutalista abriga três salas de espetáculos e impressiona a quem nela adentra pelo contraste entre a sobriedade do seu aspecto externo e a exuberância de seu foyer amplamente iluminado e pontuado por várias obras de arte, incluídos os



Imagem: Painel "O sol faz a festa" de Athos Bulcão Teatro Nacional Cláudio Santoro
Fotografia - A.C.Moraes

jardins projetados por Roberto Burle Marx, presentes tanto no interior como no entorno do prédio. Dentre outras funções, é o lar da Orquestra Sinfônica de Brasília, outro orgulho da cidade, criada pelo mesmo Cláudio Santoro que também fundou o Departamento de Música da UnB, uma instituição que resiste graças ao imenso talento dos seus integrantes, sob a brava condução do Maestro Cláudio Cohen.

Esta joia de imensurável valor, patrimônio e orgulho não só do povo brasileiro, mas de todo brasileiro, está literalmente caindo aos pedaços, inacessível há vergonhosos e intoleráveis oito anos, sem nenhuma perspectiva veraz de vir a ser reativada num futuro próximo. De monumento à cultura, transformou-se num melancólico troféu da insanidade que vem

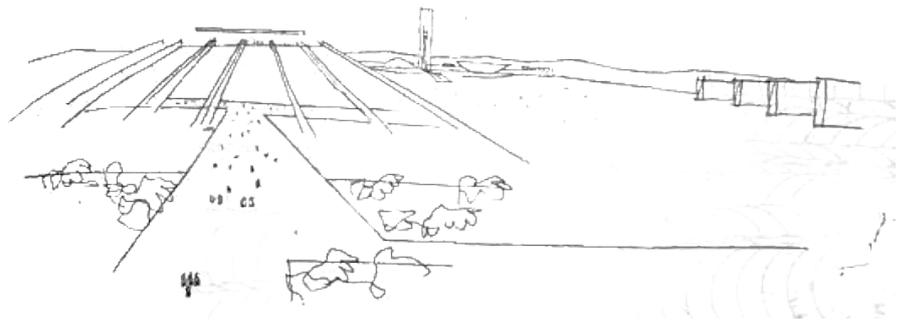
sendo chamada de "guerra cultural". Cansada de esperar que o poder público saia voluntariamente da letargia com que vem conduzindo o problema, a sociedade civil organizada inicia, a partir deste final de 2021, uma série de ações visando exigir a devida restauração e restituição do Teatro à população. A criação de uma Associação de Amigos do Teatro Nacional Cláudio Santoro é um primeiro passo em direção à exigência de maior abertura de informações sobre as razões de tamanho e tão duradouro descalabro com tão relevante bem cultural, permitindo-se, destarte, uma fiscalização mais atenta pela cidadania sobre o modo como seus repre-

sentantes cuidam do processo civilizatório na Capital.

Em cada ano terminado com 22, o Brasil experimenta acontecimentos tão grandiosos quanto impactantes: em 1822, a Independência; em 1922, o notável giro cultural conduzido pela Semana de Arte Moderna. Que em 2022 o Brasil novamente se reinvente, para que independência e cultura enfim prevaleçam e se aliem na restituição do Teatro Nacional Cláudio Santoro à sua relevante função civilizatória.

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

Imagem: Perspectiva de Oscar Niemeyer Teatro Nacional Cláudio Santoro Revista Modulo



● NOS CAMINHOS DA PAISAGEM



Lúcia Helena
Ferreira Moura,
Delayse Teles,
Yara Regina
Oliveira¹

OS JARDINS DO TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO OU UM TEATRO COM JARDINS

Introdução

“a palavra teatro deriva do grego theaomai (θεάομαι) olhar com atenção, perceber, contemplar (1990, vol. 28:515). Theaomai não significa ver no sentido comum, mas sim ter uma experiência intensa, envolvente, meditativa, inquiridora, a fim de descobrir o significado mais profundo; uma cuidadosa e deliberada visão que interpreta seu objeto.”

Neste ensaio apresentamos elementos da identidade intrínseca do Teatro Nacional Cláudio Santoro - TNCS, projeto de arquitetura de Oscar Niemeyer (1957) e projeto paisagístico de Roberto Burle Marx (1976), ambos com tombamentos específicos, nacional e distrital, e com o reconhecimento do Conjunto Urbanístico de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO (1987). O TNCS foi incluído na lista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pelo Minc (2017),² e os jardins por Decreto distrital (2011). Um olhar mais detalhado e cuidadoso deve aplicar-se ao TNCS aos seus jardins.

SOBRE ARQUITETURA DO TEATRO NACIONAL CLÁUDIO SANTORO-TNCS

Antes de falar sobre os jardins, explo-

ramos a arquitetura do TNCS (Figura 01, 02, 03, 04), que possibilita e abriga os jardins. Quem estudou arquitetura na segunda década do século XX com forte influência dos arquitetos modernistas terá estudado edificações públicas, que antes com frontão neoclássico ou características ecléticas se transformaram em edifícios com jardins.

No Brasil, as experiências inovadoras lançadas após a Semana de Arte Moderna de 22, e as influências modernistas nos projetos de arquitetura procuraram integrar a paisagem e os espaços para a vegetação, criando uma relação de simbiose com o construído. No Teatro Nacional Cláudio Santoro, o conjunto de jardins externos e internos associados com obras de arte cria um local de cultura e expressão do modernismo brasileiro, pois como afirma Leenhardt: *‘Mas o mais surpreendente no modernismo brasileiro é que ele é um movimento modernista com jardim’*.

O projeto de Oscar Niemeyer de 1957 em forma de pirâmide irregular, sem ápice, integra-se ao terreno de forma a amenizar suas dimensões, situando-se em cota inferior à plataforma superior como propôs Lucio Costa no Relatório do Plano Piloto. O TNCS possui vários acessos, pelo lado oeste.

O Hall e o Foyer da Sala Villa Lobos, acessam a Sala Villa-Lobos (1.307 lugares) e a Sala Alberto Nepomuceno (95 lugares); pelo lado leste o Foyer da Sala Martins Penna acessa a sala com mesmo nome (437 lugares). E o acesso ao espaço Dercy Gonçalves, espaço de restaurante panorâmico e mirante. Os Foyers são o ponto de encontro, antes dos espetáculos de música, teatro, ópera, dança e dos festivais de cinema, mas abrigam exposições e mostras. Os painéis de vidro entre as vigas de concreto proporcionam um ambiente de estufa para os jardins internos do edifício, jardins que atravessam os painéis de vidro e se transformam de tropicais em áridos e vice-versa. As obras de arte de Athos Bulcão estão presentes nas fachadas norte e sul, nos volumes geométricos (blocos de concreto), bem como no painel em mármore branco no Foyer da sala Villa-Lobos, onde também se encontram as esculturas “O Contorcionista” de Alfredo Ceschiatti e “O Pássaro” de Marianne Peretti que dialogam com os jardins.

A IMPORTÂNCIA DO EDIFÍCIO NA PAISAGEM E NA VIDA SOCIAL

O Teatro Nacional tem contribuição decisiva na paisagem do Plano Piloto por sua forma e inserção no cruzamento do Eixo Monumental com a Plataforma Superior do Eixo Rodoviário.

rio, integração da escala monumental com a escala gregária. Assim descreveu Lucio Costa no Relatório do Plano Piloto em suas alusões ao Teatro e suas funções, chamado no Relatório de Casa de Ópera:

“5 – O cruzamento deste eixo monumental, de cota inferior, com o eixo rodoviário-residencial impôs a criação de uma grande plataforma liberta do tráfego que não se destine ao estacionamento ali, remanso onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes etc.

10 – Nesta plataforma onde, como se via anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a esplanada dos ministérios, não foi edificada com exceção de uma eventual casa de chá e da ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões, como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na face fronteira foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo assim o conjunto deles um corpo arquitetônico contínuo com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. Previram-se igualmente nessa extensa plataforma destinada principalmente, tal como no piso

térreo, ao estacionamento de automóveis, duas amplas praças privativas dos pedestres, uma fronteira ao teatro da ópera e outra, simetricamente oposta, em frente a um pavilhão de pouca altura debruçado sobre os jardins do setor cultural e destinado a restaurante, bar e casa de chá.”

Assim, embora localize-se no Eixo Monumental, é um equipamento fundamental da escala gregária, juntamente com o Museu Nacional de Brasília. O TNCS abrigou os principais eventos culturais da capital, como o Festival de Cinema de Brasília, o mais antigo festival de cinema do país.

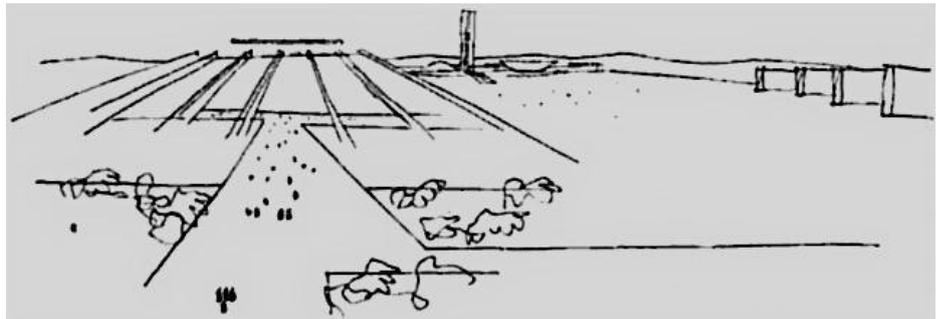


Fig. 01. Croqui - Perspectiva de Niemeyer para a segunda proposta do Teatro. Fonte. Revista Projeto.

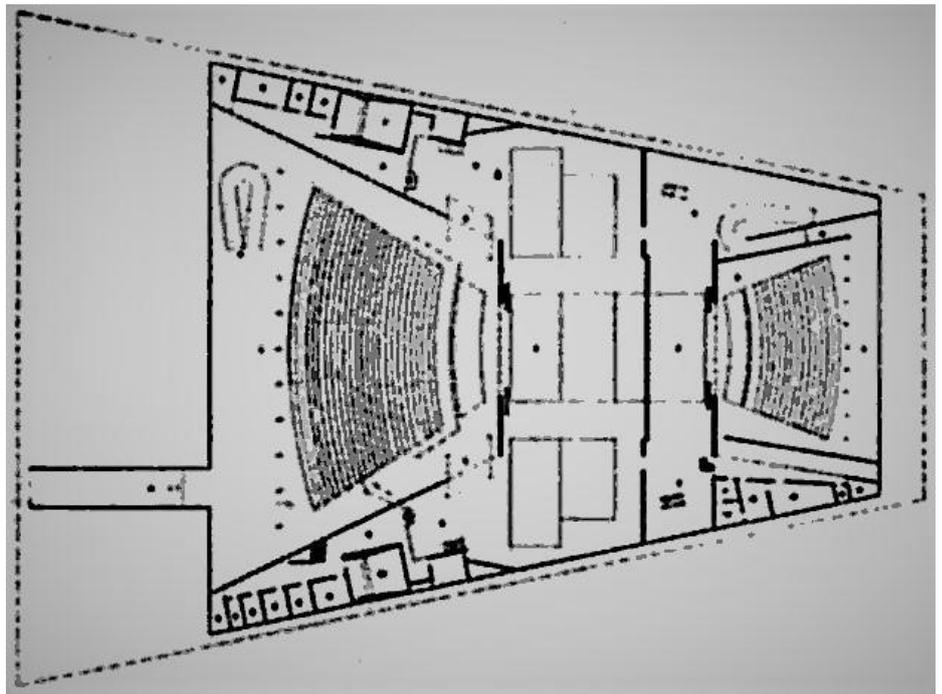


Fig. 02. Croqui - Planta baixa do Teatro Nacional de Brasília, Niemeyer. Fonte. Revista Projeto.

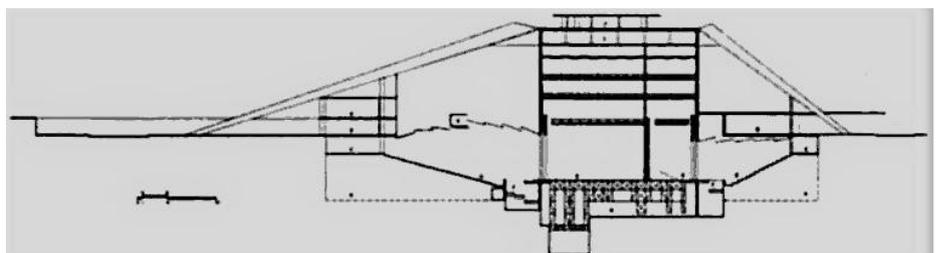


Fig. 03. Croqui - Corte Oeste Leste do Teatro Nacional de Brasília, Niemeyer. Fonte. Revista Projeto.

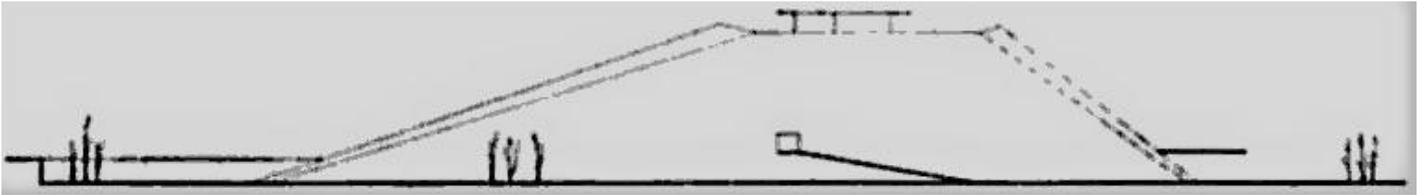


Fig. 04. Croqui - Elevação lateral do Teatro Nacional, Niemeyer. Fonte. Revista Projeto.

OS JARDINS DO TNCS: JARDINS DE BURLE MARX

Os jardins de Roberto Burle Marx do TNCS, tiveram colaboração dos arquitetos associados José Tabacow e Haruyoshi Ono, e datam de maio a outubro de 1976. O projeto paisagístico apresenta uma variação de composições, jardins internos com espécies de ambientes sombreados e jardins externos com espécies características de ecossistemas xerófitos e mesófitos.

Jardins Externos

Na parte externa a leste, o projeto especifica estacionamentos arborizados com Sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides*), e nos canteiros laterais formados pela pista de acesso que conduz à entrada da Sala Martins Pena, uma associação de *Clusia* Pedra azul (*Clusia. sp.*) e grupos de Bromélias (*Vriesea regina*). Na face lateral sul do teatro, o jardins são pla-

nos, com composições de grupos de Canelas de ema (*Vellozias*), palmeiras de pequeno porte, o Butiá (*Butia leiospatha*) e a palmeira acaule, o Licuri-rasteiro-do-campo (*Diplothemium campestre*); este canteiros tem como cobertura de solo, lastro de pedras de tamanhos variados e separados por bordas de concreto do tapete vegetal com grama coreana (*Zoysia matrella*). Na face oeste, entrada da Sala Villa Lobos, a mesma associação de ambientes mais secos se repete com palmeiras de pequeno porte que emolduram a entrada do foyer, o coco babão (*Syagrus campestris*), intercaladas com grupos de 3 espécies de Canela de ema (*Vellozia* e *Xerophita plicata*). Na face lateral norte, repetem-se os canteiros da face sul, com grupos de Canela de ema (*Vellozia flavicans*) e de Butiá (*Butia leiospatha*),

No talude entre o estacionamento

lateral sul e o Eixo Monumental há grandes canteiros com o traço e formas características do artista. Nas composições florais destes canteiros, diversas espécies de arbustos como alamandas (*Allamanda purpurea*), herbáceas como lantana (*Lantana camara, branca*), vedélia (*Wedelia paludosa*) e, árvores localizadas de forma a não obstruir a visão do Teatro - dois grupos de Cega Machado ou Pau de rosas (*Physocalymma scaberrimum*) marcam as extremidades do talude.

Encontram-se descrições destes jardins secos, onde Burle Marx utilizou muitas espécies de campo rupestre, como "jardins mexicanos" pela presença de Yucas e Agaves, que não existem no projeto original. Mas, no projeto original estes jardins são brasileiros e mesmo cerratenses com a presença de Canelas de Ema, Butiá, Coco babão, Pau de rosas e outras. O jardim seco é um exemplo

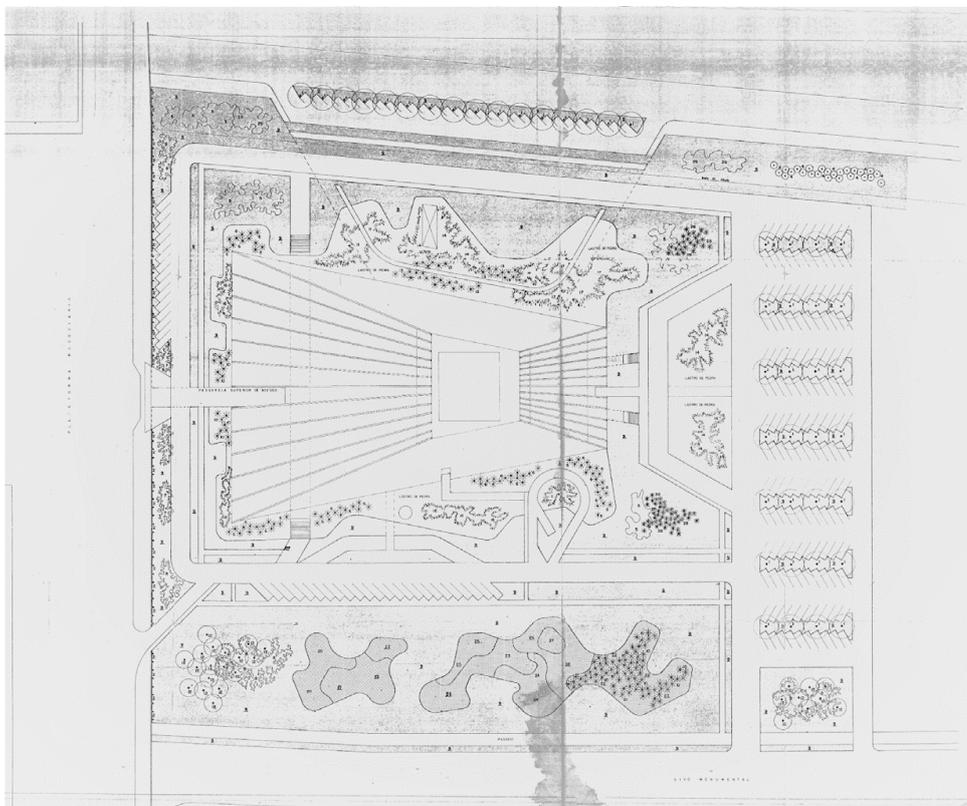


Imagem: Eixo Rodoviário e Plataforma Superior com Teatro Nacional ao fundo a direita. Acervo IBGE



Imagem TNCS com painel de Athos Bulcão, com canteiro lateral com bromélia imperial (*Vriesea regina*) na entrada da Sala Martins Pena. Acervo: Fundação Oscar Niemeyer

do que fazia o paisagista, criando associações típicas de ecossistemas naturais, sem a intenção de imitar a natureza e recriar ecossistemas.



Folha 4. PLANO GERAL - Projeto Roberto Burle Marx paisagista e arquitetos associa-dos José Tabacow e Haruyoshi Ono. Rio de Janeiro, outubro de 1976.

Lista de Plantas - Folha 4.

1. *Caesalpinia peltophoroides*, Benth.³
2. *Arrabidaea magnifica*, Sprague.⁴
3. *Allamanda laevis*, Markgr.⁵
4. *Allamanda puberula*, A. D. C. in DC.⁶
5. *Clusia*. sp. (Pedra Azul).
6. *Diplothemium campestre*, Mart.⁷
7. *Philodendron mello-barretoanum* Burle-Marx ex G.M.Barroso⁸
8. *Philodendron bipinnatifidum*, Schott.⁹
9. *Zoysia matrella*, Druce.
10. *Syagrus campestris*, Mart.¹⁰
11. *Vellozia lanata*, Pohl.
12. *Physocalymma scaberrimum*, Pohl.
13. *Butia leiospatha*, Becc.¹¹
14. *Vellozia flavicans*, Martius ex Schultes.
15. *Vellozia dawsonii*, L.B.Smith. ex G.M.Barroso.
16. *Vellozia tubiflora*, (A. Richard) Humboldt. Bomp/ and ex. Kunth.
17. *Vellozia variabilis*, Martius ex. Schultes.
18. *Xerophyta plicata*, Mart.
19. *Vellozia glauca*, Pohl. T.
20. *Allamanda cathartica*, L.¹²
21. *Lantana camara*, L. (branca).
22. *Wedelia paludosa*, DC. Var. *via/is*, DC.
23. *Plumbago capensis*, Thunb.
24. *Pachystachys lutea*, Nees.
25. *Asystasia coromandeliana*, Ness.
26. *Barleria repens*, Ness.
27. *Allamanda purpurea*, Gard.¹³
28. *Vriesea Regina*, Beer.
29. *Tibouchina holosericea*, Baill.¹⁴

Jardins Internos

Os jardins internos no ambiente de estufa se compõem com espécies de sombra, que precisam de luz filtrada e calor, típicas de florestas com sub bosque. No Jardim do Foyer da Sala Villa Lobos com ~ 1.561,00 m², foram utilizados 'artifícios' construídos como estruturas de metal desenhadas para as plantas trepadeiras. Estas estruturas cobertas de filodendros e outras aráceas, deixam a impressão de confusão e abundância, a de troncos cobertos de lianas, típicos de ambientes preservados de florestas.

O Jardim do Hall com ~ 365,00 m², localizado no mezanino, possui jardineiras para as plantas pendentes e as palmeiras de pequeno porte (*Chamaedorea elegans*) e se assemelham a jardins suspensos, por isto a alusão a jardins babilônicos, que se lê em descrições dos jardins do Teatro. Além das espécies trepadoras, compõem o jardim espécies herbáceas típicas de florestas com sub bosque, que só poderiam existir no Distrito Federal, em condições que reproduzem microclimas semelhantes: meia sombra, calor, umidade do ar, solo fértil e úmido. Por exemplo, as marantas (*Maranta leuconeura*) foto 4, que tem uma função nobre nos habitats naturais e nos jardins que são a de cobrir o solo, tapetes vegetais e/ou forrações como são também chamadas em paisagismo. Esta família de herbáceas que possuem belas folhagens estavam muito ameaçadas nos habitats naturais. Cultivá-las em jardins é uma das formas de contribuir para preservar a biodiversidade.

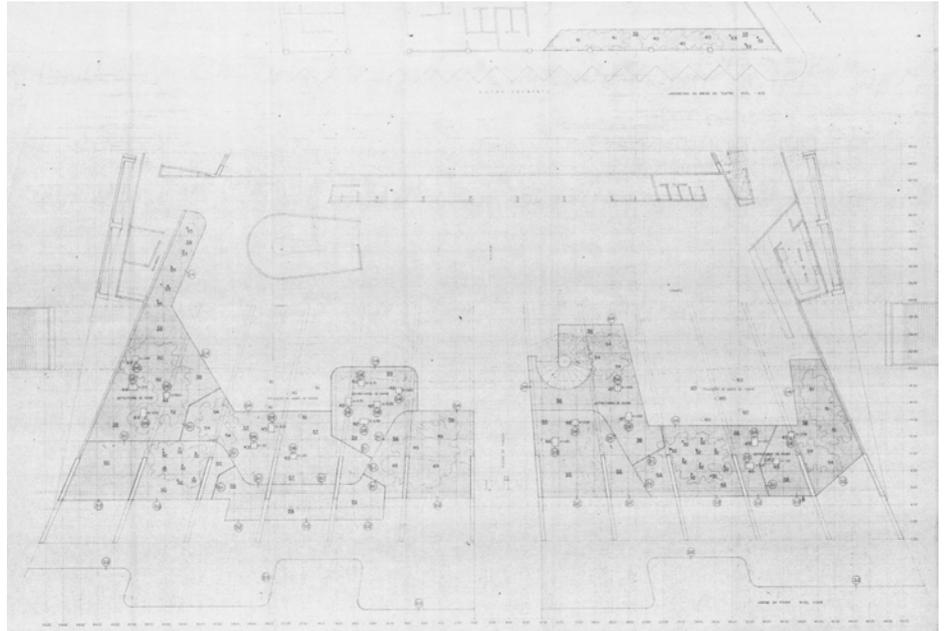


Figura: Folha 6 de projeto JARDIM DO FOYER Nível +0,05 / JARDINEIRAS DO ANEXO DO TEATRO Nível -9,00. Rio de Janeiro, julho de 1976.

Lista de Plantas - Folha 6.

32. *Philodendron melinonii* Brongn. ex Regel¹⁵
33. *Pilea nummulariifolia* (Sw.) Wedd.
38. *Episcia cupreata* (Hook.) Hanst.
40. *Beloperone guttata* T. S. Brandegee
41. *Aphelandra sinclairiana* Nees.
42. *Philodendron andreanum* Devans.¹⁶
43. *Philodendron Cecilia* (híbrido)
44. *Philodendron erubescens* K.Koch & Augustin
45. *Philodendron latilobum* Schott¹⁷
46. *Philodendron squamiferum*, Poepp. & Engl.
47. *Philodendron burle-marxii* G.M.Barroso¹⁸
48. *Calathea makoyana* E.Morren¹⁹
49. *Costus stenophyllus* Standl. & L.O.Williams
50. *Ctenanthe kummeriana* (E.Morren) Eichler²⁰
51. *Schizocasia lauterbachiana* Engl.
52. *Xanthosoma lindenii* S. Moore.²¹
53. *Monstera deliciosa* Liebm.²²
54. *Anthurium andreanum* Linden
55. *Impatiens holstii* Engl. & Warb. ex Engl.²³
56. *Impatiens sultanii* Hook. fil.²⁴
57. *Maranta leuconeura* E. Morren²⁵
58. *Ctenante oppenheimiana* (E.Morren) K.Schum.²⁶
59. *Calathea zebrina* Lindl.²⁷
60. *Neoregelia ampullacea* (E.Morren) L.B.Smith²⁸
61. *Neoregelia hoehneana* L.B.Smith²⁹

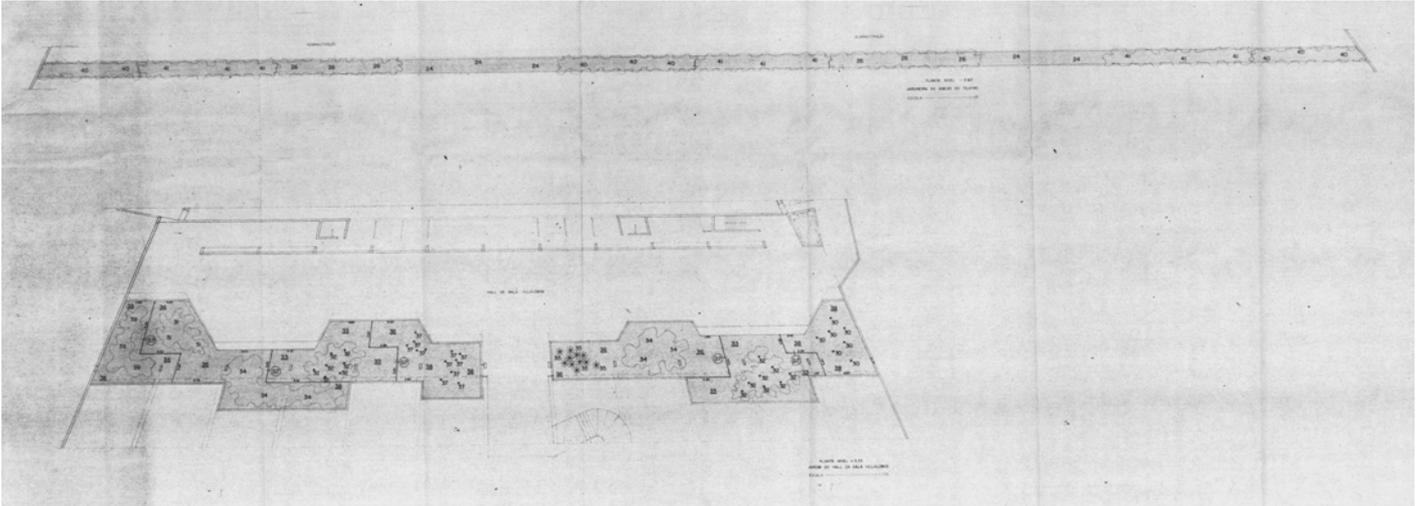


Figura: Folha 7. de projeto JARDIM DO HALL DA SALA VILLA LOBOS Nível +3.33 / JARDINEIRA DO ANEXO DO TEATRO Nível -3.80

Lista de Plantas - Folha 7.

27. *Pachistachys lutea* Nees
26. *Barleria repens* Nees
30. *Philodendron gloriosum* Andre
31. *Philodendron crassinervium* Lindl³⁰
32. *Philodendron melinonii* Brongn. ex Regel
33. *Pilea nummulariifolia* (Sw.) Wedd.
34. *Dieffenbachia amoena* Bull.³¹
35. *Chamaedorea elegans*, Mart.
36. *Maranta makoyana* E.Morren
37. *Anthurium cristallinum* Linden & André³²
38. *Episcia cupreata* (Hook.) Hanst.
39. *Dieffenbachia duarte*
40. *Beloperone guttata* T. S. Brandegee
41. *Aphelandra sinclairiana* Nees.

Reproduzimos a Lista de Plantas como no Projeto original numeradas com a correspondência na planta. O nome científico, em itálico, indica gênero e espécie e o epíteto indica o nome do pesquisador que fez a descoberta da espécie ou é homenageado por outro pesquisador. As expedições de Roberto Burle Marx pelo Brasil conduziram à descoberta de inúmeras espécies, assim algumas espécies levam seu nome.

Importante ressaltar que os jardins são fruto da colaboração de diversos profissionais, do arquiteto paisagista, biólogos, engenheiros agrônomos e florestais, jardineiros e o resultado depende de condições de implantação e manutenção, além da adaptação das plantas. Refletem o cuida-

do ou o abandono. Importante também compreender que os jardins, além de locais de “fruição e embelezamento”, de visitação e interesse turístico são também locais de conservação da biodiversidade *ex-situ*. Algumas das espécies utilizadas nos Jardins de Roberto Burle Marx, um grande conservacionista, são espécies endêmicas do Brasil, muitas desconhecidas do grande público, e também associadas à manutenção de fauna.

O filodendro mello-barreto, por exemplo, é uma espécie endêmica do Brasil com ocorrência apenas no Centro Oeste, especificado no projeto e uma Aráceas de nossa flora nativa, pouco conhecida. 33 Uma de nossas plantas ornamentais mais populares, o Guaimbê, originário do Cerrado, Mata Atlântica e Pampas, espécie que ocorre em ambientes diversos como mata de galeria e afloramentos



Imagem: Estrutura de concreto e fechamento com vidro, transparência entre jardins internos e externos

rochosos, é espécie ornamental de fácil aquisição, especificado no projeto mas não está presente nos jardins. A ausência de rigor na execução ou em reformas altera definitivamente a composição de um projeto original.

Imagem: Jardins do Foyer da Sala Villa Lobos e escada
Acervo: TNCS



Imagem: Estruturas com Filodendros - Foyer sala Villa Lobos



Imagem: "A contorcionista" - Obra de Alfredo Ceschiatti



Imagem: Jardins do Foyer da Sala Villa Lobos com Marantas e Curculigo (não conforme com o projeto)



Imagem: Jardineiras com plantas pendentes



Imagem: Jardim lateral oeste do TNCS com Canelas de ema. Acervo das autoras, 2007.



Imagem: Vellozia Squamata (Canela de ema). Acervo das autoras, 2007.



Imagem: Canela de Ema (Vellozia squamata)



Imagem: Butiá (Butia leiospatha) sob lastro de pedra.



Imagem: Coco babão (Syagrus flexuosa)



Imagem. Entrada Sul com grupo de Calliandra twedii (não conforme ao projeto)

TOMBAMENTO E PROJETO ORIGINAL

O Teatro Nacional e outros 8 projetos de autoria de Roberto Burle Marx, adquiriram status de bens protegidos pelo Decreto nº 33.224, de 27 de setembro de 2011, que dispõe sobre o tombamento dos jardins de Burle Marx em Brasília. São eles: 1. paisagismo da Superquadra Sul 308; 2. jardins do Banco do Brasil, localizado no Setor Bancário Sul; 3. jardins do Palácio do Itamaraty; 4. jardins do Palácio do Jaburu; 5. jardins do Palácio da Justiça; 6. jardins da Praça dos Cristais; 7. jardins do Tribunal de Contas da União; 8. jardins do Teatro Nacional Cláudio Santoro; 9. paisagismo do Parque Recreativo Dona Sara Kubitschek, atual Parque da Cidade.



Imagem: Localização dos jardins tombados. Fonte: Processo de Tombamento, 2009

A conservação de jardins históricos é complexa e as dificuldades precisam ser ultrapassadas com cooperação técnica, troca de saberes e de experiências.

O Decreto é sucinto e conforme suas disposições em relação ao Teatro:

Art. 1º Ficam protegidos, pelo Governo do Distrito Federal, mediante tombamento, todos de autoria do paisagista Roberto Burle Marx:

VII – O projeto original dos jardins do Teatro Nacional Cláudio Santoro e a área implantada de aproximadamente 58.287,00 m²;

Art. 2º Ficam definidas, como áreas de tutela dos bens tombados, as mencionadas no artigo anterior, os lotes e as vias limítrofes correspondentes a esses bens.

Em entrevista de 2011, o paisagista Haruyoshi Ono alertou: o tombamento não pode se limitar a um instrumento para manter tudo como estava a época. Deve significar a restauração da vegetação e o respeito às obras. A essência do projeto está se perdendo, e as plantas originais foram substituídas por outras. Espero que esse decreto mude isso... Somente tomar por tomar não vale nada para nós, o que tem de fazer é retomar o projeto, enfatiza.

Nesta mesma linha, temos ainda orientações e propostas de abordagens de Carlos Fernando Delfi no manual de intervenção em jardins históricos (2005), ou ainda as orientações da Carta de Florença do ICOMOS-IFLA sobre Jardins Históricos de 1982. São orientações importantes para salvaguardar a autenticidade destes bens patrimoniais onde várias formas de arte se encontram.

Diversos aspectos precisam ser analisados em relação à conservação do projeto original – desenho, materiais e vegetação, mas de modo geral os jardins externos do TNCS encontram-se bastante alterados. Perdeu-se o desenho de canteiros na face norte e não se identificam as espécies propostas no projeto original. Identificam-se várias espécies como Yucas (*Yucca sp.*), diversos tipos de Agaves (*Agave sp.*), palmeiras de grande porte (*Phoenix reclinata*), algumas espécies amplamente utilizadas como ornamental, mas não especificados no projeto. O coco babão (*Syagrus campestris*) foi substituído por outra palmeira nativa, também denominada Coco babão (*Syagrus flexuosa*), esta última com ocorrência no Distrito Federal. Das 29 espécies



Figura: Canteiro de flores anuais e bianuais. Fonte: autoras

especificadas para os jardins da área externa, 20 são nativas e perenes; com exceção de algumas espécies do Cerrado como as Canelas de Ema, em que o manejo é ainda pouco praticado, as outras espécies são de fácil obtenção, fácil manutenção, algumas como os filodendros dispensam podas e requer apenas manejo dos grupos.

Nas reformas dos jardins reconhecemos algumas tentativas de recuperação do projeto, com os grupos de Canela de Ema (*Vellozia squamata*).

Os esforços em aprimorar a prática de conservação de jardins históricos e tombados, se requerem maior conhecimento, não representam maiores custos financeiros. As práticas adotadas pelo Departamento de Parques e Jardins da Novacap há algumas décadas para Brasília, com a utilização de espécies anuais e bianuais, com sementes adquiridas em grande es-

cala e plantadas várias vezes ao ano, podem ser mais onerosas. Durante a crise hídrica de 2017, no Conselho de Recurso Hídricos – CRH DF, abordou-se a necessidade de restrição de consumo de água no paisagismo, mas esta condição de restrição hídrica no território deveria ser considerada em permanência. A busca de jardins com espécies nativas, perenes, resistentes a períodos de seca, representa além de conservação da flora, sustentabilidade e custos menores com irrigação e replantio.

ABANDONO E PERTENCIMENTO

O Teatro Nacional representou na vida da cidade o papel pensado para a casa de Ópera por Lucio Costa, ponto de encontro semanal na Orquestra Sinfônica, local de shows variados, da efervescência do festival de cinema às exposições de orquídeas, as apresentações de balé, coral, etc.

O fechamento do Teatro Nacional em mais de uma ocasião tem motivado

desde 2014 movimentações da população em prol de seu restauro e reabertura, demonstrando sua importância e o sentimento de pertencimento de todos que consideram a cultura um bem capital.

A proposta de criação de uma Associação de representantes da sociedade civil: ATENA - Associação de Amigos do Teatro Nacional, nos anima a conhecer as condições em que foram implantados os jardins do Teatro e esperamos que na sua obra de revitalização e restauro dos jardins internos e externos sejam associados ao seu justo valor.

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

BIBLIOGRAFIA:

PROCESSO DE TOMBAMENTO. **Jardins de Burle Marx**. Secretaria de Cultura do Distrito Federal, Brasília, 2011.

Soares, Eduardo Oliveira. **O Teatro Nacional Cláudio Santoro em três atos. A realização do projeto de Oscar Niemeyer em Brasília**. <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.182/5611>

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1992. Cardoso, Marianna Gomes Pimentel. **A obra de Roberto Burle Marx em Brasília: o papel do paisagista moderno na capital modernista** in Elane Ribeiro Peixoto; Pedro P. Palazzo; Maria Fernanda Derntl; Ricardo Trevisan; (orgs.) *Tempos e Escalas da Cidade e do Urbanismo*. XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília: Editora FAU-UnB, 2014. ISBN 978-85-60762-19-4

AGRADECIMENTOS:

Ao arquiteto paisagista, professor Vicente Barcelos – *in memoriam*, que por meio da arquiteta Delayse Teles nos deixou documentos sobre os jardins do TNCS; ao subsecretário Demétrio Carneiro e Antônio Menezes Júnior da Secretaria de Cultura do Distrito Federal; ao embaixador Pedro Borio, ex-Secretário de Cultura do Distrito Federal; a arquiteta paisagista Isabela Ono, presidente do Instituto Burle Marx pelo apoio; ao arquiteto paisagista José Tabacow pelos esclarecimentos e a bióloga e botânica Renata Correa Martins.

NOTAS:

As espécies com referências foram atualizadas com nome científico pela **Flora do Brasil 2020**.

1 As autoras, arquitetas paisagistas e urbanistas, compõem a Diretoria da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas Núcleo Distrito Federal - ABAP DF, gestão 2020-2022. Lucia Helena F. Moura - Coordenadora, Delayse Teles - Diretora de Relações Institucionais e Yara Regina Oliveira - Conselho Consultivo. Contato: abap.df@gmail.com.

2 **Teatro Nacional Cláudio Santoro* – Portaria nº 55/2017- MinC. * Bens tombados em nível distrital e federal.**

Fonte: Patrimônio Material. <https://www.cultura.df.gov.br/patrimonio-material-2/>

3 *Caesalpinia* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB82705>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: O nome da espécie foi modificado, necessário atualizar.

4 *Arrabidaea magnifica* (Bull.) Sprague ex Steenis in GBIF Secretariat (2021). GBIF Backbone Taxonomy. Checklist dataset <https://doi.org/10.15468/39omei> accessed via GBIF.org on 2021-11-14.

5 *Apocynaceae* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15540>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: Espécie com ocorrência na Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, vegetação típica de caatinga (stricto sensu), Vegetação sobre afloramentos rochosos.

6 *Apocynaceae* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15543>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: espécie com ocorrência na Caatinga e Cerrado. Vegetação de Caatinga (stricto sensu) e Campo Rupestre.

7 Leitman, P.; Soares, K.; Henderson, A.; Noblick, L.; Martins, R.C. 2015 *Arecaceae* in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim

Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB44196>>. Nota: O nome aceito e correto atualmente é: *Allagoptera campestris* (Mart.) Kuntze.

8 Sakuragui, C.M.; Calazans, L.S.B.; Soares, M.L.; Mayo, S.J.; Ferreira, J.B. 2020. *Philodendron* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico

do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB33883>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: O nome da espécie atual é *Thaumatophyllum mello-barretoanum* (Burle-Marx ex G.M. Barroso) Sakur., Calazans & Mayo;

9 Sakuragui, C.M.; Calazans, L.S.B.; Soares, M.L.; Mayo, S.J.; Ferreira, J.B. 2020. *Philodendron* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico

do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB5023>>. Acesso em: 13 nov. 2021

10 Leitman, P.; Soares, K.; Henderson, A.; Noblick, L.; Martins, R.C. 2015 *Arecaceae* in **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim

Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB44802>>. Nota: Palmeira multicaule, ocorre no domínio fitogeográfico do Cerrado (*lato sensu*), em Campos rupestres e floresta estacional semidecidual.

11 <https://ala-bie.sibbr.gov.br/ala-bie/species/333096>. Conforme a Flora do Brasil o nome é incerto, na

12 *Apocynaceae* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4508>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: Espécie com ocorrência na Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.

13 *Apocynaceae* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB15539>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: Tem como sinônimo heterotípico

Allamanda violácea Gardner, sendo espécie do domínio do cerrado e caatinga.

14 Guimarães, P.J.F. 2020. *Tibouchina* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB25807>>. Acesso em: 13 nov. 2021. Nota: espécie com ocorrência nas restingas da mata atlântica, é utilizada em muitas regiões do Brasil sendo nome atual *Pleroma clavatum* (Pers.) P.J.F.Guim. & Michelang.

15 Sakuragui, C.M. Calazans, L.S.B. Soares, M.L. Mayo, S.J. Ferreira, J.B. 2020. *Philodendron* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico

do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB33882>>. Acesso em: 13 nov. 2021

16 *Philodendron andreanum Devansaye* in Govaerts, R. (2017). *World Checklist of Selected Plant Families*. In O. Bánki, Y. Roskov, L.

Vandepitte, R. E. DeWalt, D. Remsen, P. Schalk, T. Orrell, M. Keping, J. Miller, R. Aalbu, R. Adlard, E. Adriaenssens, C. Aedo, E. Aesch, N. Akkari, M. A. Alonso-Zarazaga, B. Alvarez, F. Alvarez, G. Anderson, et al., Catalogue of Life Checklist (Aug 2017). <https://doi.org/10.48580/d4sl-38c>. . Nota: Sinônimo de *Philodendron melanochrysum* Linden & André.

17 Sakuragui, C.M. Calazans, L.S.B. Soares, M.L. Mayo, S.J. Ferreira, J.B. 2020. *Philodendron* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico

do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB42879>>. Acesso em: 14 nov. 2021. Nota: tem como sinônimo, nome aceito e correto atualmente como *Philodendron panduriforme* (Kunth) Kunth var. *panduriforme*

18 Sakuragui, C.M. Calazans, L.S.B. Soares, M.L. Mayo, S.J. Ferreira, J.B. 2020. *Philodendron* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico

do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB22019>>. Acesso em: 13 nov. 2021

19 Saka, M.N. 2020. *Calathea* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB9309>>. Acesso em: 14 nov. 2021. Nota: Nome aceito e correto *Goepertia makoyana* (É.Morren) Borchs. & S.Suárez.

20 Fraga, F.R.M. 2020. *Ctenanthe* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB9336>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

21 Nota: sinônimo de *Caladium lindenii*.

22 Mayo, S.J.; Andrade, I.M. 2020. *Monstera* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB609327>>. Acesso em: 14 nov. 2021

23 *Impatiens holstii* Engl. & Warb. ex Engl. in GBIF Secretariat (2021). GBIF Backbone Taxonomy. Checklist

dataset <https://doi.org/10.15468/39omei> accessed via GBIF.org on 2021-11-14.

24 *Impatiens sultanii* Hook. fil. in GBIF Secretariat (2021). GBIF Backbone Taxonomy. Checklist

dataset <https://doi.org/10.15468/39omei> accessed via GBIF.org on 2021-11-14.

25 Luna, N.K.M.; Saka, M.N. 2020. *Maranta* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB9354>>. Acesso em: 14 nov. 2021

26 Fraga, F.R.M. 2020. *Ctenanthe* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB9342>>. Acesso em: 14 nov. 2021

27 Saka, M.N. 2020. *Calathea* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB9326>>. Acesso em: 14 nov. 2021. Nota: O nome aceito e correto da espécie é atualmente *Goepertia zebrina* (Sims) Nees.

28 Kessous, I.M.; Almeida, M.M. 2020. *Neoregelia* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB6133>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

29 CNCFlora. *Neoregelia hoehneana* in Lista Vermelha da flora brasileira versão 2012.2 Centro Nacional de Conservação da Flora.

Disponível em <[http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Neoregelia hoehneana](http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/profile/Neoregelia%20hoehneana)>. Acesso em 14 novembro 2021. Kessous, I.M.; Almeida, M.M. 2020. *Neoregelia* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB6168>>. Acesso em: 14 nov. 2021

30 Sakuragui, C.M. Calazans, L.S.B. Soares, M.L. Mayo, S.J. Ferreira, J.B. 2020. *Philodendron* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico

do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB5030>>. Acesso em: 15 nov. 2021

31 Mayo, S.J. 2020. *Dieffenbachia* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB609324>>. Acesso em: 15 nov. 2021. Nota: o nome científico aceito e correto é *Dieffenbachia* seguinte (Jacq.) Schott.

32 <https://www.gbif.org/pt/species/2872232>. Nota: Nativo da América Tropical, com ocorrência na Colômbia e registrado como invasor em ilhas.

33 Calazans, L.S.B. 2020. *Thaumatococcus* in **Flora do Brasil 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB604643>>. Acesso em: 13 nov. 2021.

● ARTE E HISTÓRIA

Patrícia
Lunes

UMA APOTEOSE CALCULADA. MINHAS IMPRESSÕES SOBRE A ARTE DE SANAGÊ.

Como de hábito, ele me aguardava pacientemente, no local em que havíamos combinado para a realização da entrevista. Com seus típicos trajes coloridos e óculos de armação cor laranja, levantou-se, cortês, antes mesmo que o sorriso largo que o caracteriza lhe fosse impresso no rosto. Iniciaria, naquela tarde, mais uma das inúmeras conversas que eu e o artista Sanagê Cardoso tivemos desde o nosso primeiro encontro. Sabíamos que o período de algumas horas

seria curto, dificilmente os assuntos que pautávamos eram exauridos antes que outro turno começasse. Com honras à tradição, suspeitava que, naquele dia, não seria diferente.

Eu estava certa. Como uma verdadeira usina geradora de energia criativa, a mente de Sanagê parece não conhecer repouso. Durante nossa conversa, entre goles de café e risos frouxos, desfilaram ideias verbalizadas em um perfeito encadeamento espartanamente sequenciado. O artista expunha, de antemão, projetos nos quais previa, até mesmo, a reação das pessoas diante das obras; como um livro que traz um capítulo extra após o *The End*, ainda que o público, com razoável frequência, o surpreendesse com respostas e atitudes inesperadas.

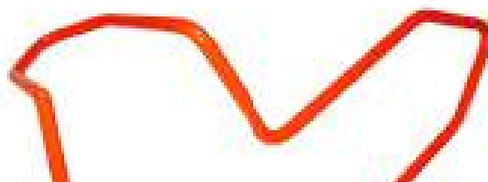
Em seu processo de criação, basta florescer um novo pensamento e lá estarão o conceito, a expografia, os locais pelos quais a exposição transitará, os catálogos, a divulgação. Todos os aspectos que envolvem a produção artística, desde o nascedouro às finalizações. Tudo, meticulosamente, gestado em um período em que, nem sempre, há a resignação de aguardar os nove meses para se apresentar ao mundo

Dessa maneira, uma trajetória de sucesso foi erigida. O *self made man*, que transitara pelo mundo da fotografia há cerca de 40 anos (antes de experimentar outras formas de expressar sua verve artística), agarrou seus desafios pelo laço, tornando-se administrador, curador e gerente de suas próprias criações. Domou a ansiedade típica das almas que aspiram estender os braços para além de suas cercanias e, com notável desembaraço, passou a conduzir dois ou três projetos importantes simultaneamente, além de agasalhar tantos outros que permanecem nas gavetas do seu ambiente mental, em condição de espera temporária.

Como veremos, muitas outras características na arte de Sanagê Cardoso ainda carecem de considerações. Fundamental elencarmos e agruparmos pistas para desbravarmos o todo; desmembrar, desconstruir, sectionar as muitas etapas de um labor criterioso para batermos às portas de sua mente instigante selada a sete chaves. Porque, no terreno das artes, nem todo o elemento esteticamente simples será óbvio em seu conceito, assim como as interpretações complexas poderão se mostrar ineficientes para snudar aquilo que se apresenta ondável ao olhar inicial.



Sanagê - Imagem do acervo o autor



Investiguemos, portanto, o ímpeto original após o sopro divino, a execução da primeira linha, o mover-se de maneira concreta rumo à realização. Nossa ferramenta teórica, aquela que nos auxiliará no decorrer de todo o texto, estará amparada no pensamento de Walter Benjamin que faz uso do Tigre totêmico para dar saltos e irromper em períodos históricos distintos, ora passado, ora presente, ou-tras tantas futuro. Inspiremo-nos pelo tema, tomemos fôlego em um impulso para trás e aportemos, mansamente, no momento áureo e estimulante da Antiguidade Clássica. Desse lugar re-pleto de mitos, não obstante pulsante em ensinamentos imorredouros, reti-remos o líquido mais puro, o néctar celestial, a base que acompanha e sustenta todas as obras do artista¹.

Tanto nas esculturas de tamanho monumental em aço carbono, quanto nos trabalhos com bordados e linhas ou nas obras alvíssimas de *Pele* e *Osso*, tudo adquire forma e presença em obediência ao império da proporcionalidade, da linha, do ponto e da cor. Os ensinamentos de outrora, que nor-tearam incontáveis estudos no campo da história da arte e da filosofia, gentilmente se coadunam aos tempos frenéticos do século XXI. É a mão do artista a encurtar o tempo histórico e realizar o milagre da coexistência harmônica de elementos aparentemente inconciliáveis.

Sanagê realiza seu contínuo mergulho em águas ancestrais, distante de quaisquer receios em parecer anacrônico². Utiliza os algoritmos, as equações matemáticas, as derivações numéricas e a proporção áurea para executar seus trabalhos, em um verdadeiro e instigante passeio pelos cânones artísticos,

cujas esculturas mais emblemáticas foram criadas entre os séculos V a.C. e IV a.C., durante o período da antiguidade greco-romana. Pode-se, facilmente, identificá-los no Discóbolo, de Míron, e no Doríforo, de Policleto, que, em suas belas formas, acenavam à noção de beleza ideal, a beleza “em si” platoniana, perfeitamente à vontade e inserida em seu contexto histórico. Importante mencionar, que a ideia do belo equivalia a um conceito muito mais amplo, que contemplava o cosmo, a natureza, a virtude, a medicina e a arte. Portanto, tudo o que fosse bom (ética), justo e verdadeiro (Aristóteles) seria, necessariamente, belo, rítmico, harmonioso, simétrico e proporcional.

O artista tem o grande mérito de compreender e reverenciar os mestres filósofos do período e transportar parte de seus entendimentos para as artes do nosso tempo. Como foi possível realizar essa tarefa? Acomodando a organização numérica e a proporcionalidade aos desafios que, há muito, tornaram-se companhia constante dos nossos artistas pós-modernos. O que equivale dizer: preservar as conquistas obtidas até o alvorecer do século XX e incluir a apreciação estética à capacidade de inquirir de maneira a estimular a

reflexão crítica, o arrebatamento e a perplexidade. No entanto, o compromisso com certos cânones da história da arte resiste apenas até o segundo o suspiro. A personalidade que estamos a perscrutar é Sanagê Cardoso, portanto, um pouco de caos à ordem outrora idealizada torna-se imperativo, em respeito a uma questão maior e essencial de sobrevivência identitária. A irreverência de mãos dadas com a disciplina, a minúcia par e passo com o apoteótico.

Indispensável atentarmos para a falsa noção de que a conciliação entre o pendor analítico matemático e a objetividade (traço pessoal do artista) afastariam a ideia de que poderíamos esperar por obras destituídas de alma e de espontaneidade. Socorro-me de Ferreira Gullar para dizer que “Só quem nunca viu um original de Mondrian poderá supor que os retângulos que cobrem a superfície de seus quadros são frias formas geométricas. Não são. Não apenas na relação entre a cor e a área ocupada por ela, como na textura sutil de cada forma, está latejando, contida, a energia vital (...)”³.

Para Sanagê, parte importante desse modo de condução do trabalho é tributado ao riquíssimo período no qual frequentou a Faculdade de Arte Dulci-

1 Para saber mais a respeito de dois dos inúmeros totens que Walter Benjamin utiliza, a lontra (passado, infância) e o tigre (futuro que dá saltos), chamados de “Guardiões do Tempo”, confira obra de Maurício Lisovsky, *Pausas do Destino: Teoria, Arte e História da Fotografia. Tema igualmente abordado em sua Dissertação de Mestrado A Fotografia e a pequena história de Walter Benjamin, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. No presente texto o conceito é utilizado como aporte teórico, distante da pretensão de interpretar em minúcias o pensamento sofisticado de Walter Bnejamin, o que demandaria local adequado e senso de oportunidade.*

2 Anacronismo é um termo que indica erro cronológico, falta de alinhamento com uma época, quando determinados conceitos, objetos, pensamentos, costumes e eventos, por exemplo, são usados para retratar uma época diferente daquela a que de fato pertencem. www.significados.com.br

3 Ferreira Gullar, *Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro: Revan, 1993. P. 129 e 130.

na de Moraes, entre os anos de 2007 e 2011. A instituição foi a responsável direta “por abrir, ampliar o processo criativo para outras possibilidades”, palavras do artista. Ao apresentar-lhe os movimentos artísticos tradicionais e os de vanguarda, a academia fez que se intensificassem a noção de identidade visual e a convicção de que sua arte estava em grata consonância com movimentos artísticos relevantes, como o concretismo e o neoconcretismo. Deram-lhe, portanto, a sensação de pertencimento ao mundo da criação, e legitimaram a arte que, de maneira espontânea, brotara em solo já nutrido há alguns bons anos.

O mencionado aumento de substrato acadêmico resultou na expansão da conhecida série de trabalhos intitulada *Neoclipes*, que teve sua argumentação teórica referendada pelo contato com obras de artistas inspiradores, como Lygia Clark, Amílcar de Castro, Franz Weissman, Sérvulo Esmeraldo, dentre outros grandes nomes da arte brasileira. Interessante lembrar a obra de Lygia Clark *Bicho Caranguejo de Bolso*, na qual são desembulhadas, rearranjadas e novamente dobradas partes do que se assemelha a um origami, com dobradiças bem posicionadas em locais estratégicos. Assim, nosso artista Sanagê, para além do próprio neoconcretismo, manuseia seu objeto original, o clipe, em uma investigação solitária e inquietante sobre as inúmeras possibilidades que lhe são apresentadas. Dessa forma, surgem elementos vazados em imagens compactadas, algumas vezes pontiagudas, outras tantas arredondadas e fluidas como a cadência e o ritmo da bela orla de sua cidade natal, o Rio de Janeiro.

Centenas de pessoas puderam conferir *Neoclipes* Brasil afora. Um movimento que teve início em 2014/2015 e que se expandiu para grandes eventos em anos posteriores, como o tradicional *Morar Mais Brasília* e a *ArtRio*; sem mencionar as várias exposições no Museu Nacional da República, onde o artista possui obra em acervo permanente. *Neoclipes* repercute ainda hoje, como observado na recente parceria de Sanagê com o Hospital Federal da Lagoa (HFL -RJ) em 2021. Na parte externa do local, os transeuntes terão a oportunidade de admirar uma bela escultura nos jardins da instituição; iniciativa verdadeiramente oportuna para um ambiente onde a beleza e as boas vibrações que emanam do tom laranja intenso são muito bem-vindas, por certo.

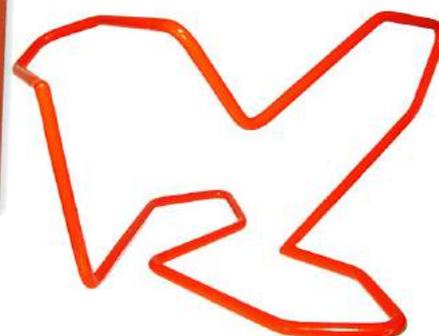
Para além das abordagens puramente estéticas, relacionadas às questões mais concretas, o aspecto teórico surge, novamente, impondo-se em sua relevância. Para esse mister, acio-

nemos nosso GPS sociológico e retornemos ao transporte proposto por Benjamin. Acoplados ao Tigre destruidor de conceitos estabelecidos a priori, aportemos no passado recente, em um dos grandes acontecimentos que marcaram os estudos no campo da história da arte mundial; mais precisamente em Nova York, no ano de 1917. Estreitemos, portanto, nossas investigações a respeito de *Neoclipes*.

Assim como ocorreu em Nova York, com o advento do *Ready Made*, em Sanagê o objeto de estudo passa a ser não apenas o material concreto, já pronto, mas o seu significado após a intervenção à qual é submetido. No exato instante em que o artista desloca seu elemento primário, o clipe, do contexto inicial, no qual figura apenas como “mais um” apetrecho de uso corriqueiro, Sanagê o aproxima de uma realidade mais ampla ao propor uma nova percepção em incontáveis possibilidades. Retira o clipe das mesas dos escritórios ou das prateleiras das papelarias e, após



Sanagê. Série *Neoclipes*. Imagem do acervo pessoal do artista



Sanagê. Série *Neoclipes*. Imagem do acervo pessoal do artista

o manuseio, devolve-o aos grandes legitimadores da arte, como galerias, museus, centros culturais e demais espaços expositivos. Neste momento, o objeto original não é mais o mesmo. Mostra-se, agora sim, transformado por meio da intervenção humana e plenamente capaz de imprimir personalidade ao que era banal e de dar tempero pessoal à refeição, agora não mais insípida e trivial.

Com *Neoclipes* o artista recupera a discussão antológica a respeito do sentido da arte e sua contextualização sociológica e histórica. Impossível não lembrar das latas da *Campbell's soup*, de Andy Warhol, que a cultura da Pop Art dos anos de 1950/1960 tinha o prazer de expor a uma sociedade cada vez mais ávida por consumo. O *Ready Made*, termo criado por Marcel Duchamp e que teve na obra intitulada *A Fonte* uma das memoráveis ocorrências na história da arte moderna, impôs-nos questões que suscitaram uma infinidade de debates, ainda hoje presenciados, a respeito de o que é arte, quem as legitima e o papel do artista em todo o processo. Para Nicolas Bourriaud, na obra *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*, "Usar um objeto é, necessariamente, interpretá-lo"⁴. Acrescentaria que um objeto transformado requer uma interpretação dupla. Tenho a convicção de que, ao se deparar com a obra de Sanagê, *Meu negócio é Brancusi*, o observador dificilmente permanecerá indiferente à essa escultura intrigante; exposta no Museu Nacional da República em 2017, hoje, nos jardins do ateliê do artista.

Sigamos com nossas inquirições, pois é chegado o momento no qual estaremos de frente a outro grande projeto da carreira de Sanagê. O instante em que o artista deixa, em estado de aparente repouso, obras monumentais e repletas de cores para desbravar outros rincões. Ajustemos os cintos, nosso salto será em direção à *Sanagê, Pele e Osso!* O sol desponta, inclemente, e serão novos o tempo e o local. Adequemos nosso aporte teórico ao período do Brasil pré-colonial, quando o Tigre deixará pegadas profundas nas terras quentes do nosso Continente-mãe africano.

Sanagê, Pele e Osso é um belíssimo projeto de resgate cultural. Resultado de anos de pesquisa consistente, suscitou o pensamento crítico a respeito de temas, como o racismo brasileiro, o projeto escravocrata e nossas origens. Lembrou-nos das conexões e disparidades que norteiam os países africanos ao reforçar o que o historiador e diplomata Alberto da Costa e Silva chamou de "Áfricas", no plural, dada a enormidade de culturas, hábitos e realidades dessas nações irmãs, do outro lado do Atlântico.

Os materiais utilizados para narrar essa história foram tela sobre compensado e poliuretano expandido, cuja finalidade primordial era dar a impressão de que as formas dos diversos países africanos, que estavam acopladas aos compensados, fossem feitas de ossos, todas em branco e com os poros aparentes. Guardadas as devidas ressalvas, recordei-me de um período específico da história da arte, quando nos foi apresentada a



Imagem "eu negócio é Brancusi", 420cm de altura. Acervo pessoal do artista.

icônica obra do criador do movimento suprematista russo, Kazimir Malevich, *Quadrado branco sobre fundo branco* (1918). No entanto, nosso artista Sanagê tinha outros planos para explorar a unicidade cromática.

Difícil descrever o impacto que tive ao adentrar e percorrer o grande salão onde a exposição *Sanagê, Pele e Osso* ocorria. Mergulhados em ambiente alvíssimo, como uma onda benfazeja, sentíamos um sopro alentador a nos envolver, como se a paz oriunda do branco total e absoluto do ambiente abrisse passagem, de maneira elegante e não literal, àquilo que tivera sua realidade construída em vermelho vivíssimo, cor de sangue e de lágrimas. "Parte da África estava sob nosso olhar, mergulhada em um mar de águas brancas, onde

4 Nicolas Bourriaud, *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. P. 21.

cada tela (ou cada país) expunha sua realidade própria, sua dor ancestral, sem, contudo, abrir mão da simetria, da similitude de materiais e técnicas, a nos lembrar daquilo que nos une, nos identifica, nivela”⁵.

Apesar da utilização do branco absoluto em todo o ambiente ou por causa dele mesmo, as tensões de nossas realidades, muitas vezes inconscientes, fizeram que eclodissem dramas pessoais, de maneiras diversas e com as mais distintas origens. Felizmente, o artista teve o cuidado e a sensibilidade de recolher inúmeros depoimentos dos visitantes, nos vários Estados pelos quais *Pele e Osso* deixou suas marcas.

A partir disso, um riquíssimo conteúdo de fonte oral foi recolhido, organizado, impresso e apresentado na recente exposição de *Pele e Osso*, no Rio de Janeiro, mais precisamente no Centro Cultural dos Correios, realizada entre os dias 14 de julho e 29 de agosto de 2021. Graças a esses depoimentos, sabemos que o ambiente submerso em branco, massivo, compacto, levou certa angústia a determinado visitante; recordemo-nos de que as cores “Branco e preto são ambas não transparentes ou corpóreas. Água branca e pura é tão inimaginável quanto o leite cristalino”, elucubrações de Witt-genstein⁶. O historiador da arte John Gage, ao citar Reinhardt (famoso colorista nas décadas de 1930 e 1940), chama nossa atenção para o desconforto da utilização do branco em locais específicos. Relata que, a partir de certo momento, essa cor seria banida como elemento “antisséptico e não artístico, apropriado e agradável para artefatos de cozinha”⁷.



Sanagê Pele e Osso
Imagem do acervo pessoal do artista

Outros viram, nas formas que brotaram da espuma solidificada, feitos abortados, mas, houve também, o depoimento de certo visitante que se seguiu de longa gargalhada quando identificado o poliuretano: mesmo material que era ferramenta e companhia de trabalho do espectador, há muitos anos.

Sanagê cumprira seu papel com admirável maestria. Fizera chegar aos iniciados nas metáforas artísticas a sofisticação de sua estética; ao acadêmico mais exigente da história, da sociologia e da antropologia, as inúmeras formas de se questionar um dos períodos mais analisados da história do Brasil; ao mesmo tempo em que tirou o homem “comum” de

seu ambiente e fez que se abrissem, diante dele, muitas janelas, para que a arte, desde então, tornasse algo mais acessível e factível, próximo à sua realidade.

Finalizando uma sequência de sucessos de *Pele e Osso* neste ano (pois muitos outros anos exitosos o sucederão, por certo), Sanagê concedeu entrevista ao Arte1, canal voltado para os que apreciam arte, em suas múltiplas formas e em campos distintos. Um reconhecimento merecidíssimo a um trabalho que deveria constar nas páginas dos nossos livros didáticos de história, sob pena de fracassarmos, vergonhosamente, em mais uma tentativa de justo revisionismo cultural do Brasil⁸.

5 Patrícia Lunes, **Sanagê Pele e Osso**. Material distribuído na exposição *Sanagê, Pele e Osso* no Centro Cultural dos Correios do Rio de Janeiro em 2021, p.22 e 23.

6 Excerto da obra de Ludwig Wittgenstein, **Anotações sobre as cores**, edição bilingue português/alemão p.33.

7 John Gage, **A cor da arte**, p. 190.

8 O Canal Arte 1, que apresentou o programa *Arte1 em Movimento*, é conduzido por Gisele Kato e foi veiculado em julho de 2021.

Adentrar esse mundo da arte, sobretudo da arte contemporânea, é também procurar, desviar-se, de algumas cascas de banana. Alerta-nos Ferreira Gullar que “Pode-se alegar que, em princípio, todo problema é suscetível de se tornar matéria artística. E nisso concordo. Mas é necessário que a linguagem da arte se aproprie dele, o interiorize, a fim de que a indagação e a resposta (se houver) se processem na linguagem artística e nunca fora dela”⁹. Foi exatamente o que observamos em *Pele e Osso*, para meu contentamento.

Diante do excerto de Ferreira Gullar, em uma verdadeira simbiose entre a tríade conceito/realidade/arte, Sanagê sintoniza com a vivência, com os temores e com as expectativas que surgiram, vorazes, durante a pandemia de Covid 19. Transmuta sentimentos e cria uma linguagem artística própria, em linhas de bordar e frases correspondentes. Nesse novo projeto, a linha passeia, em círculos, em sentido anti-horário (para garantir a harmonia da forma) em que há uma numeração sequencial relacionada a cada um dos dias de reclusão,

durante os quais a pesquisa ocorreu. Lembremo-nos das observações iniciais feitas no texto: os cálculos, a simbologia e a representação objetiva dos números. Vimos que Sanagê não é só conceito, matemática, mas também harmonia, arte e irreverência.

Surge, dessa maneira, após inúmeras reflexões e intenso trabalho, o projeto *96 Dias no Labirinto*, lançado na Semana Universitária da Universidade de Brasília (2021), “como um diálogo entre ego e o alter ego”, conforme afirmou o artista. Foram realizadas construções objetivas e imagéticas em um solilóquio instigante e, por vezes, revelador, que oscila entre questões comezinhas como “O que teremos para o jantar hoje?”, e temas filosóficos existenciais mais complexos, como a morte e o sentido da vida.

Há, na mitologia grega, algumas ótimas referências e analogias que associam os três elementos fundamentais do projeto 96 Dias no Labirinto: a relação com o tempo, o trabalho e o amor (sentimento). Na forma como Ariadne e seus fios guiaram Teseu para a saída do

labirinto, onde estava o terrível Minotauro, ou como Penélope, que, no decorrer de mais de vinte anos, tecia sua colcha durante o dia e a desfazia durante à noite, em um movimento paciente, repetitivo e resignado à espera do retorno de Ulisses, durante e depois da Guerra de Tróia. Assim, Sanagê fez e refez caminhos quando o tempo adquiriu outro movimento e nova dimensão.

Para nosso júbilo, o artista segue, ostentando incontáveis projetos em seus escaninhos mentais. Aqueles, que foram executados, certamente, figuram em locais de destaque em catálogos, em livros e demais registros nas mídias e nas memórias de seus visitantes. Pudemos admirar *O Lado Quadrado de Brasília*, em 2000; *Athos Vive*, em 2011, e não há dúvidas de que verdadeiras preciosidades surgirão nos próximos meses, como *Ilhas Conexas*, exposição de arte cinética interativa prevista para a segunda quinzena de novembro, período em que esta edição da Revista 15.47 estará em fase de fechamento. No entanto, foi no ano de 2019 que um acontecimento inusitado fez que fez Sanagê experienciasse o que



Sanagê *Pele e Osso* - Imagens do acervo pessoal do artista



Sanagê *Pele e Osso* - Imagens do acervo pessoal do artista

9 Ferreira Gullar, *Argumentação contra a morte da arte*, p. 130.

qualificou como dos mais importantes eventos de sua vida. Precisamente em Uruçuí, cidade do interior do Estado do Piauí, ele cativou seu público mais genuíno. “Ele mora no céu?” Foi a pergunta feita por uma criança de aproximadamente, sete anos à professora de artes em uma das muitas escolas públicas da Federação.

A imagem da arte de Sanagê estava lá, impressa nos livros didáticos que foram entregues às crianças. O questionamento feito à professora demonstrou-se perfeitamente factível; afinal, em meio a tantos artistas que já haviam deixado o mundo dos vivos, por qual motivo seria diferente com esse personagem de Brasília, terra tão distante em espaço e em realidade?

Durante as 24 horas nas quais Sanagê permaneceu em Uruçuí, uma sequência de acontecimentos ines-quecíveis ocorrera. Palestras, recebimento de desenhos feitos pelas crianças, homenagens múltiplas e intensas trocas de experiências e emoções constituíram-se em tema suficientemente interessante e vasto para que a concretização de um livro fosse imediatamente vislumbrada para um futuro não muito distante.

Para concluir meus apontamentos, destacaria que, no decorrer da seleção e análise do material que comporia este artigo, houve sempre a consciência de que partes importantes da personalidade e do processo de criação do artista ficariam à margem, não por serem menos importantes, mas por uma questão puramente didática e de adequação do conteúdo ao veículo.



Sanagê em Uruçuí - Acervo pessoal do artista



Se Manoel de Barros estiver mesmo correto e escrever é cheio de cascas e de pérolas, devo confessar minha satisfação por ter ambos entre meus alfarrábios; pois Sanagê, além de admirável naquilo que faz, é também um ser intrigante.

Portanto, finalizo minhas observações com a sensação incômoda de que sequer cheguei à ponta do iceberg, para utilizar uma imagem comum. Ler Sanagê é desafio que requer conhecimentos que ultrapassam o conteúdo acadêmico; necessita de altas doses de irreverência, ousadia e por que não dizer, certa malícia. Além das muitas horas de nossa entrevista para esta edição, procurei agregar as várias situações e contextos nos quais compartilhei de sua presença e de suas impressões. O texto escrito que, para mim, foi motivo de alegria, está finalizado. Para um artista superlativo, com habilidades e imaginação igualmente grandiosas, antevejo um majestoso, barulhento e intenso burburinho. Aguardemos.

BIBLIOGRAFIA:

- BOURRIAUD, Nicolas, **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GAGE John, **A cor na arte**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- GULLAR, Ferreira, **Argumentação contra a morte da arte**. Rio de Janeiro: Revan, 1993.
- LISSOVSKY, Mauricio, **Pausas do destino: teoria, arte e história da fotografia**. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, **Anotações sobre as cores**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2009.

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

● NOVAS ARTES EM BRASÍLIA



Malu
Perlingeiro

A ARTE DE LUIZ SOUZA - RATÃO

A Revista 15.47 chega à sua 7ª edição e o entrevistado na coluna NOVAS ARTES EM BRASÍLIA é o artista visual que assina como **LUIZ SOUZA - RATÃO**. Seus trabalhos atuais são executados com uma técnica fora do comum pelo material utilizado, chegando a resultados surpreendentes, independente do tema abordado.

1 – Conte-nos um pouquinho de sua história. Seu dom artístico está no sangue? É hereditário? Há outros artistas em sua família?

Hoje eu tenho muita clareza e percebo que a arte está em meu sangue desde que nasci. Minha mãe, até hoje aos 93 anos, sempre fez algumas coisas ligadas à arte e ao artesanato. Meu pai, oficial de cavalaria do Exército Brasileiro, administrador, professor de educação física, já falecido, foi também um mestre no manuseio da madeira, um carpinteiro da melhor qualidade! Minha irmã mais velha, artista do barro e da cerâmica e o meu irmão, um engenheiro calculista que construiu dentro de casa (na Suíça onde mora) um barco de madeira, com 22 pés de comprimento, capaz de velejar em lagos e oceanos. Portanto, sempre estive cercado por diferentes tipos de arte dentro de casa.

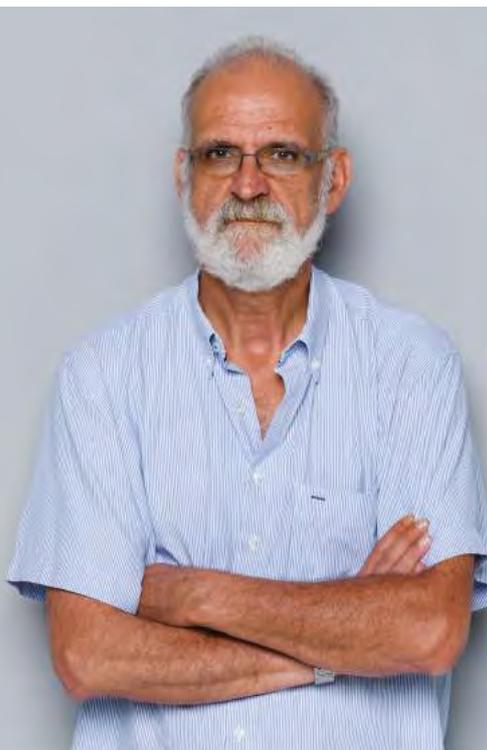
2 – Onde você nasceu? Há quanto tempo está em Brasília?

Nasci no Rio de Janeiro, antigo Estado da Guanabara, mas me sinto um autêntico brasileiro. Como meu pai era militar, viemos para Brasília em princípios de 1966, eu tinha recém feito 10 anos. E aqui vivi minha infância, adolescência, faculdade e todas minhas referências foram forjadas aqui em Brasília. Cidade que amo como se fosse um nativo!

3 – Qual sua formação profissional, além de ser artista visual? Em que trabalhava antes de se dedicar à arte?

Por ter facilidades com desenho, desde pequeno todos me diziam que seria um arquiteto, e eu acreditei nisso. E me preparei para ser esse arquiteto sem ter um plano B. Foi aí que veio a reprovação no primeiro vestibular para arquitetura! Como eu não queria me tornar um vestibulando profissional, resolvi fazer um outro vestibular para ganhar tempo, enquanto me preparava para tentar novamente a arquitetura. Foi assim que surgiu a Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) na minha vida. Comecei o curso, só para passar o tempo, e me apaixonei. E nunca mais pensei na arquitetura.

Acabei me tornando um profissional da propaganda num nível de sucesso e reconhecimento que provavelmente nunca atingiria se tivesse sido arquiteto! Na propaganda foi até mais fácil conciliar a arte com trabalho, mas meu foco estava bem mais na área empresarial. Paralelo a tudo isso, sempre teve o esporte. Pratico basquetebol desde 14 anos até os dias de hoje, de forma bastante competi-



Luiz Souza - Acervo pessoal do autor

va. E também o boliche, que pratiquei por um bom tempo e ainda hoje pratico, às vezes, mas tudo com o forte grau de competição.

4 – Consegue conciliar as profissões? Ou a arte é apenas um hobby?

Como minha profissão envolve o trabalho com Arte, não foi difícil conciliar as duas coisas. Ao longo da minha vida, alternei períodos onde o foco maior era a empresa, e a arte ficou num segundo plano, e vice-versa. Mas sempre presente de alguma forma. Hoje, aposentado da vida publicitária, dedico 100% do meu tempo à minha arte e meus esportes.

5 – Qual sua formação como artista visual?

Um pouco de tudo e muito do autodidata. Essa é uma pergunta difícil de responder. Eu venho desenvolvendo minha arte desde que eu me entendo por gente. Todas as formas de arte que eu podia explorar, eu fazia. Desenhar, pintar, esculpir, ao longo da minha vida eu fui fazendo, fui tentando, fui buscando. Exatamente esse tipo de arte que eu faço hoje, que é a colagem de papel picado, eu venho desenvolvendo há mais ou menos 10 anos. Ve-nho trabalhando mais em cima dessa técnica, desenvolvendo alguns truques, algumas coisas que podem facilitar e me dar um pouco mais de agilidade, um pouco mais de limpeza no trabalho. Eu poderia dizer que a minha formação, basicamente, é autodidata. Fiz alguns cursos pequenos

na infância: pintura com professora particular, depois mais na frente uma pequena experiência de desenho por correspondência, na adolescência fiz algumas semanas de desenho de anatomia humana (modelo vivo) com o mestre Glênio Bianchetti no Cresça. Mas nenhuma formação acadêmica na área das artes.

6 – Quais as principais técnicas utilizadas em seus trabalhos antes de se apaixonar pelas colagens de papel pica-do?

Bom, falar em técnicas que eu utilizo em meu trabalho é bem complexo. Eu explico porque: sempre fui extremamente curioso com técnicas, não podia ver um trabalho diferente e já

me interessava em como aquilo era feito e corria para tentar fazer algo semelhante. Dessa forma, experimentei desenho à lápis, bico de pena, óleo sobre tela, acrílica sobre tela, aerografia, xilogravura, esculturas em madeira, pedra sabão, gesso, ferro, técnicas mistas e hoje me dedico a colagem de papel picado. Sempre tive maior interesse pelas técnicas menos populares, menos conhecidas. Sempre quis fazer algo que poucos faziam... por isso, no meu histórico, o que mais fiz foi aerografia e colagem de papel picado. Só para lembrar, todo este aprendizado foi muito baseado na tentativa e erro, pois tempos atrás não existia o Google e nem o YouTube, com vídeos nos ensinando a fazer tudo!

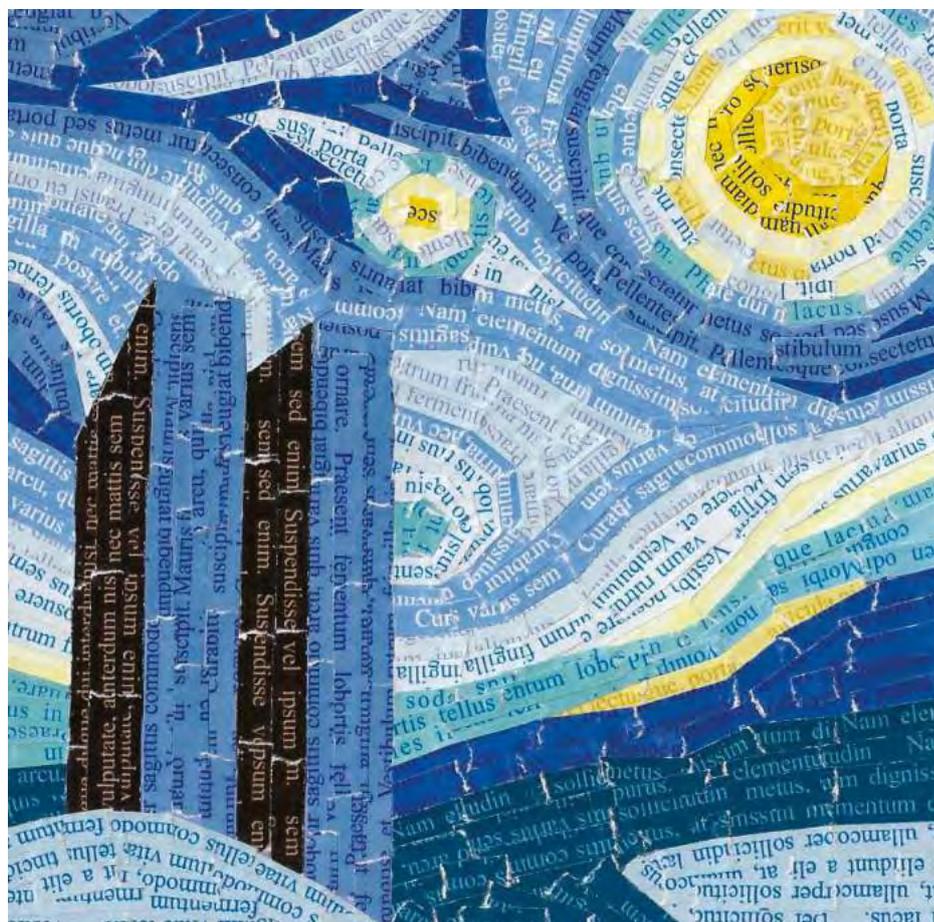


Imagem: Congresso. Acervo pessoal do artista



Imagem: Memorial JK. Acervo pessoal do artista.

7 – Existe alguma temática de sua preferência?

Gosto de retratar pessoas, famosos do rock and roll, uma coisa que me agrada bastante. Gosto muito também, de retratar a cidade que eu tanto gosto, que é Brasília. Fazer o céu de Brasília é uma inspiração constante para mim, ainda mais juntando com os seus monumentos, seus prédios e a sua arquitetura, consigo - acredito que consiga - bons resultados e isso me dá muito prazer. Já os retratos são de pessoas anônimas, ou encomendas de amigos e parentes que pedem, além dos meus ídolos do rock. Ainda quero fazer alguns ídolos do esporte, outra de minhas paixões. Essas são as temáticas que eu tenho bastante prazer em realizar. Mas, tudo é possível! Tenho feito uns

temáticas abstratas... e, estou gostando do que vejo. Mas, ainda são estudos.

8 – Seus trabalhos são expostos em galerias e espaços culturais, ou mais comumente exibidos em redes sociais?

Hoje em dia, acredito que o “modus operandi” de quase todo artista é tão logo terminar uma obra, compartilhá-la nas redes sociais. Acredito que isso ajude a manter uma certa evidência do nosso trabalho. Atualmente tenho dois tipos de produtos: primeiramente a arte em si, os quadros e ilustrações que tenho feito com papel picado. Em segundo, tenho desenvolvido produtos que são estampados com minha arte: canecas, porta-copos, imãs de geladeira, calendários, mini-quadros,

quebra-cabeças, entre outros objetos. Esses produtinhos estão à venda na Infino (506 sul) e na Casa da Moldura (707 norte e 411 sul). A Casa da Moldura tem sido uma grande parceira, além de vender e divulgar meus produtos, mantém quase que uma exposição de trabalhos meus (quadros originais e re-produções).

9 – Suas obras participam de exposições coletivas na cidade? E fora de Brasília? Já realizou alguma exposição individual?

Sim, já realizei algumas exposições individuais, tanto na minha fase da aerografia, quanto nessa fase do papel picado (Acredito que pelo menos umas 8 teria de buscar nos meus guardados, para então dizer com exatidão). Estou buscando espaço para fazer mais uma individual. A pandemia me fez produzir muito e estou com muitas peças que gostaria de mostrar ao vivo! Nunca fiz uma individual fora de Brasília, mas já participei de diversas coletivas aqui e fora daqui. Aliás, minhas participações em coletivas começaram nos primórdios do que hoje é a ACAV, lá pelos anos 70 e 80...

10 – Costuma participar de salões de arte? Recebeu premiações?

Sim, várias também. As mais recentes foram nos dois últimos “Salão de Artes Riachuelo”, promovido pela Mari-nha Brasileira.

11 – Fale sobre os trabalhos mais importantes, que lhe trouxeram maior satisfação ao realizá-los, ou

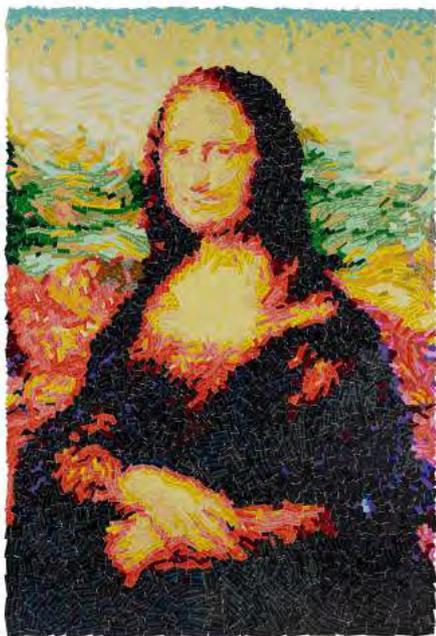


Imagem: Obra *Monalisa*. Acervo pessoal do artista



Imagem Obra *Freddy*. Acervo pessoal do artista

do reconhecimento que recebeu do público.

É muito difícil responder essa pergunta. Cada trabalho teve sua importância e seus desafios. Como desafio e satisfação poderia citar um dos últimos trabalhos, uma encomenda de fazer uma Santa Ceia com papel picado! Foi um trabalho de 9 meses, 2,22m X 1,22m e muita satisfação com o resultado final e mais ainda com a satisfação da cliente. Cada pessoa que retrato, a satisfação é única, assim como quando termino uma imagem de Brasília.

12 – Quais seus planos artísticos em relação ao futuro? Como gostaria que sua arte fosse lembrada?

Quero poder produzir até o último dos meus dias, e, só de um trabalho meu estar pendurado e sendo admirado na casa de alguém, já terá valido a pena.

13 – Deixe aqui uma mensagem para Brasília pela comemoração de seus 61 anos.

Brasília é uma cidade linda, fonte de inspiração para artistas de qualquer área! Música, poesia, fotografia, pintura... para onde você olhar, verá algo inspirador! Isso tudo porque ela só tem 61 anos. Que venham mais 1.000!!!



Imagem: *Santa Ceia* - Acervo pessoal do artista

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● ARQUITETURA E PERCEÇÃO



João
Diniz

LIÇÕES INSTANTÂNEAS, PARA ESTUDANTES DE ARQUITETURA

Alguns etimólogos definem aluno como 'aquele que não tem luz' (a.lumno), enquanto estudante como 'aquele que aplica seu espírito para aprender', então transforme-se logo de aluno em estudante.

...

Fujamos da situação acadêmica comum que são os alunos sonolentos versus os professores arrogantes.

...

Professores não são superiores aos estudantes, são futuros colegas e uma postura mútua de profissionalismo e eficiência pode transformar esta relação em amizade.

...

A maioria dos conhecimentos pode ser transmitida e apreendida em menos de cinco minutos.

...

Mergulhe delirantemente em suas intuições, projetos e instintos sem destruir seu corpo, espírito e futuro.

...

A pessoa dificilmente se reinventa no futuro, comece a ser já o melhor de si.

...

Para justificar uma dificuldade pergunte-se: fiz o melhor que pude?

...

Em qualquer disputa a primeira, e talvez a mais importante vitória, é vencer a si mesmo (evoluir) o que nem sempre é fácil.

...

Em termos de concorrência, há lugar para todos, desde que cada um seja si mesmo, radicalmente.

...

'Parabéns você errou': constatação válida quando se arrisca no desconhecido buscando respostas ou investigando possibilidades.

...

É quase impossível ensinar a projetar, mas pode-se ensinar história e tecnologia, ou seja, o que está feito e como fazê-lo: estas são as principais

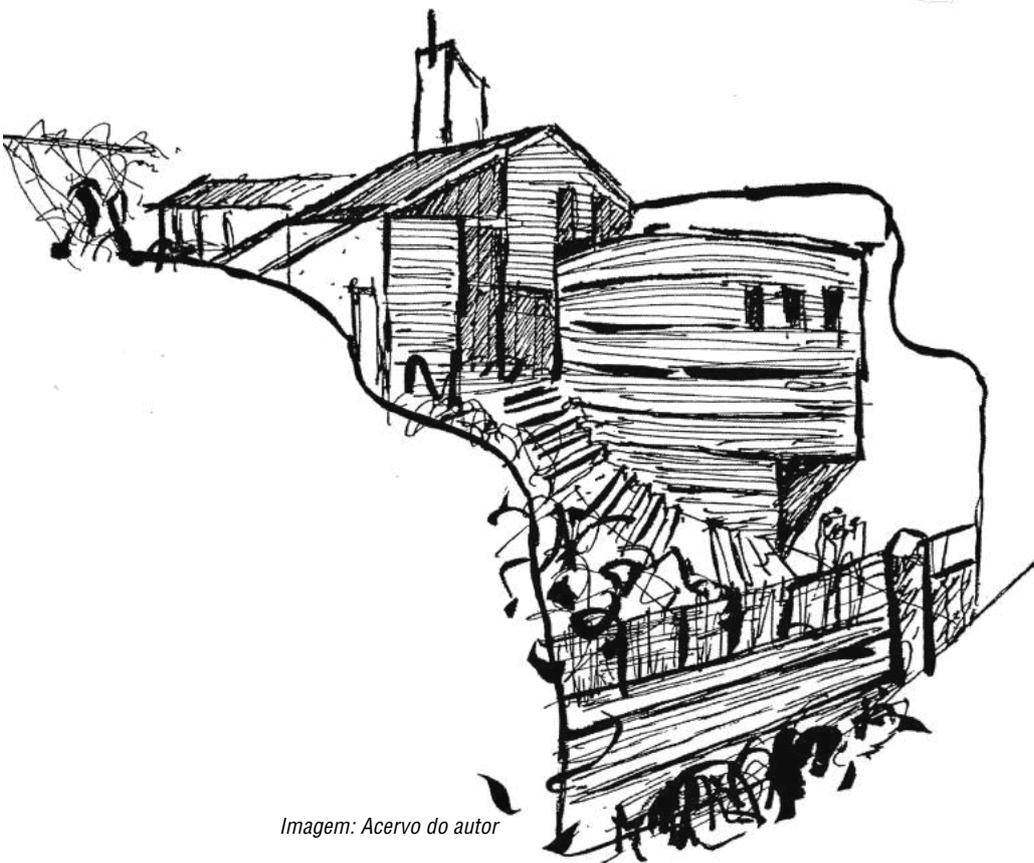


Imagem: Acervo do autor

ferramentas para criar uma boa arquitetura.

...

Comece a entender e explicar o projeto pela ideia principal e não por pequenos detalhes.

...

Arquitetura sem construção é o desenho auto suficiente, que é o sonho, a realidade desperta é a obra.

...

Abaixo o 'plantismo'. Entenda o projeto em sua tridimensionalidade.

...

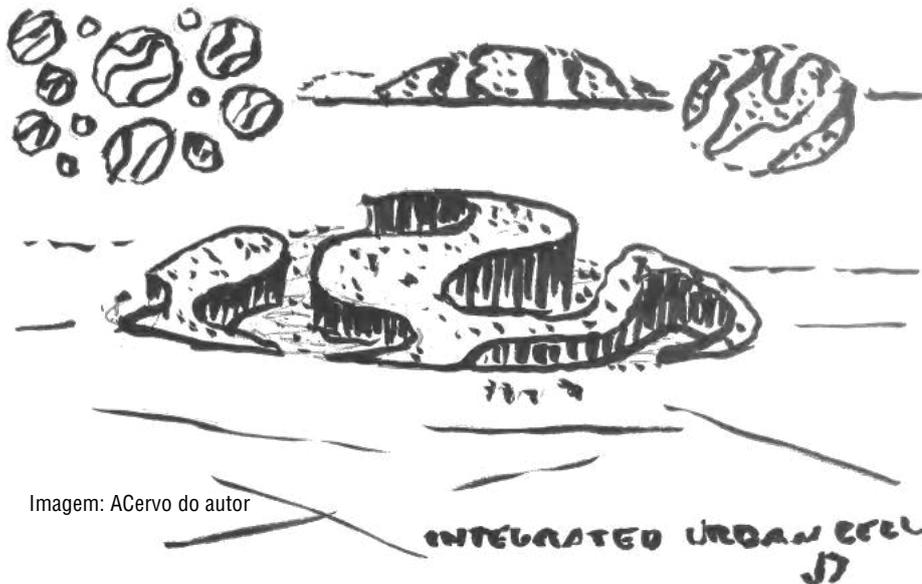


Imagem: ACervo do autor

Estrutura é o entendimento espacial (tridimensional) da estabilidade edificada.

...

Sem esqueleto não há corpo. A arquitetura nasce na estrutura... Quase sempre, em arquitetura, as sombras das coisas são tão importantes como as próprias coisas

...

O interessado em arquitetura deve identificar a origem de uma construção tão rápido como identifica um estilo musical.

...

Como existe a MPB, existiria a APB (Arquitetura Popular Brasileira)? Ou será que a boa Arquitetura nunca é Popular?

...

...e aquele arquiteto resolveu o problema com um desenho de alguns minutos, somados à algumas décadas de experiência.

...



Imagem: ACervo do autor

Cuidado com a fotogenia, pois já disseram: não há arquitetura, por pior que seja, que não dê uma boa foto.

...

Já se disse: projeto de arquitetura é o contrário de m—, quanto mais mexe mais 'cheira bem'.

...

As lições menos divertidas são as de moral.

...

...você não está entendendo, precisa que eu desenhe? ...

Inspiração vale pouco se não houver vontade de trabalhar (e vice-versa).

...

Respostas rápidas são importantes para uma vida calma...

O perfeccionismo, às vezes, leva a não se fazer satisfatoriamente o que seria impossível fazer idealmente.

...



Imagem: Royal Savassi Hotel. Acervo do autor

Está muito bom, mas ainda não é suficiente... disse aos estudantes tentando ao mesmo tempo, incentivar e provocar o progresso.

...

As duas palavras-chave para o entusiasmo ativo: curiosidade e iniciativa.

...

Auto elogio é uma ofensa feita a si mesmo.

...

A coisa mais cansativa é ficar dizendo que está cansado(a)...

O estressado pensa que é o melhor.

...

Evite justificar com intenções como: 'eu queria, eu faria, estou pensando...'; mas com ações como: 'eu fiz...'

...

Mais vale um bom erro que nenhuma tentativa.

...

Ao construir, prefira o econômico ao barato, e ser econômico não significa ser pobre.

...

Na dúvida entre projetar com a mão ou com o computador, prefira primeiro a cabeça, o coração e o espírito aberto como ferramentas.

...

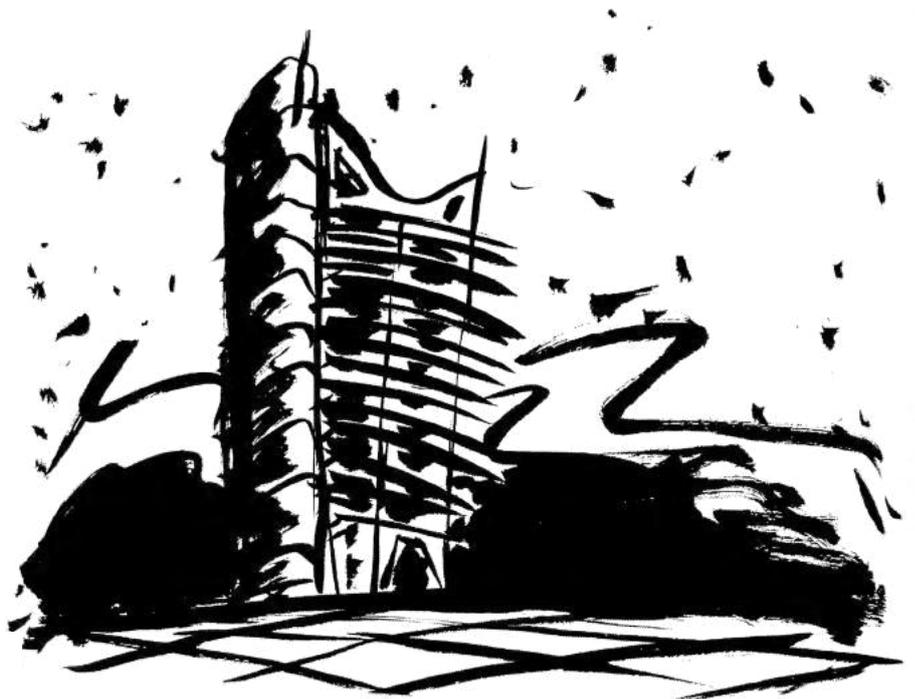


Imagem: Croqui de acervo do autor

Não existe meia ideia.

...

Pode ser muito fácil fazer mais se não fosse feito isso não existira

...

Nunca é tarde para ser jovem.

...

...e para aquele que vive dizendo: 'eu tenho que fazer...'; a pergunta: 'você tem ou você quer?'

...

Questione o 'default'.

...

... desenhos a mão livre, feitos à máquina.

...

A força bruta nunca é suficiente

...

Trabalhe muito, mas não só trabalhe.

...

Estudantes sabem a resposta para a maioria das perguntas que fazem.

...

Não comece a apresentar um trabalho se desculpando...

Aprenda com os colegas.

...



Imagem: Marina croq 2. Acervo do autor



Imagem: Projeto UMEA. Acervo do autor

A solidão é boa e necessária na hora de fazer um projeto ou de estudar. Nestes momentos desligue os canais dispersivos da atualidade, a recompensa virá depois nos conhecimentos adquiridos e nos espaços criados.

...

Procure inspirações e conhecimentos arquitetônicos também fora da arquitetura.

...

Construa sua própria cultura, você é o que lê, ouve, conversa...

Não diga que não sabe desenhar, quinze anos atrás você era ótimo nisso.

...

Antes de desenhar bem, deve-se pensar bem.

...

Você paga pelo seu curso, não desperdice seu ingresso...

Perca qualquer complexo de inferioridade, o centro do mundo é onde você está.

...

Comunique-se em outras línguas.

...

Viaje.

...

Aproveite cada trabalho que faz para compor seu portfólio...

Aproxime-se dos mestres.

...

Como numa prova automobilística, inicie logo e com determinação o trabalho.

...

Saiba do que você gosta em arquitetura e em tudo mais.

...

O que você gosta mais de ganhar, livros ou sapatos? ...

Você seria eficiente numa escola sem notas ou chamadas? ...

Ser sustentável é nada mais que a obrigação.

...

Seja ativo para que não seja necessário transformar aulas de arquitetura em lições de auto-ajuda.

...

O bom estudante aprende mais que o professor ensina...

... e de repente aquele inculto arrogante pergunta: – Você trabalha também ou é apenas um professor?

...

João Diniz é arquiteto e professor



Residencial Gamemeira. João Diniz

— ● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● PAISAGEM E FOTOGRAFIA



Lucas
Pontes

HOMENS INVISÍVEIS NO SEIO DA CAPITAL

*“Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.*

*O bicho, meu Deus, era um
homem”*



Imagem do acervo pessoal de trabalho do autor

Começo com esse poema de Manuel Bandeira para dizer que, vivemos tempos difíceis. Eu como fotógrafo e cada vez mais apaixonado pela fotografia de rua, afirmo com toda a certeza de alguém que percebe nos mais íntimos espaços de Brasília, nunca antes, tinha visto tantas pessoas em uma situação miserável na capital do Brasil.

Tão perto e tão longe do Congresso Federal, tão perto e ainda mais distante do Palácio do Planalto. Em minhas caminhadas fotográficas, observo que os homens invisíveis são mais numerosos. Me entristece ver que a

única forma de os ajudar é mostrar, enquanto silenciados estamos concordando com tudo aquilo que vem das decisões políticas.

Cada vez mais me interessa em escancarar aquilo que muitos não enxergam, são nossos irmãos, são nossos próximos e precisam de ajuda. Se contentar em entregar esmolas não é suficiente, a palavra e a conversa são muitas vezes o aconchego que eles precisam.

Venho por meio desse artigo deixar o meu vocativo, chamar ao enfrentamento, esse governo precisa ser

combatido, o extermínio dos vulneráveis é explícito, se não fizermos nada, a elite continua dominando a nossa gente. O meu trabalho é a minha flecha, eu tento e vou cada vez mais mostrar a realidade não só do Brasil, mas do mundo. Acredito que a arte seja a mais bela e verdadeira fonte de expressão, e encontrei na fotografia a forma de mostrar tudo aquilo que sinto.

Deixo aqui algumas fotos que mostram algumas realidades alheias que não observamos. Observem todos os detalhes, dissequem as imagens e imaginem quem são, o que vive-



ram, o que perderam... A pandemia nos levou muita coisa, mas creio que a humanidade ainda reside em nossos corações. Texto breve, imagens longas, eternas e que se entendidas, chocantes!



Todas as fotos foram feitas com o decorrer da pandemia, no seio da capital federal, no seio da sociedade, um ensaio sobre o avanço da pobreza, sobre como as pessoas estão vivendo com o mínimo. Creio eu, que imagens falam, são momentos inertes que com todo seu impacto, mostram a todos, as falhas do governo, afinal, se de alguma maneira temos pessoas com fome, sem teto, sem dignidade, há sim falha do governo.



A arte acima de tudo é protesto, é a minha flecha contra tudo aquilo que sou contra e é assim que pretendo combater injustiças e é assim que pretendo ajudar pessoas, no Brasil e no mundo. Levar minha arte para o maior número de pessoas, impactando-os com os ideais humanos e levando todos a uma reflexão.

O mundo nos chama para a mudança, a mudança tem que ser de agora, se queremos que no futuro tenhamos uma vida melhor para a nossa descendência, vamos juntos na mudança. Deixo com vocês essas fotos, que são os momentos que me impactam nas minhas andanças por Brasília, os invisíveis da capital, que representam tantos invisíveis do mundo.

Imagens do acervo pessoal de trabalho do autor



Imagens do acervo pessoal de trabalho do autor

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● ALTERIDADES

Nelson
Inocêncio

MUSEU DE ARTE NEGRA: A REIVINDICAÇÃO DE UM PERTENCIMENTO

Os percursos da formação histórica e cultural que registram a presença negra no Brasil são atravessados por contradições, que evidenciam o quão complexo são os projetos visando a superação de determinadas questões. A construção de discursos de uma perspectiva decolonial, que venha a desafiar as narrativas mestras em vigência até a contemporaneidade, exige entendimento dos processos que resultaram em algumas conquistas, no que se refere às constantes disputas no campo do imaginário.

A primeira vez que o conceito de arte afro-brasileira veio a público foi em 1904, quando Raimundo Nina Rodrigues, médico e antropólogo, publicou artigo na Revista Kosmos, intitulado “As belas-artes dos colonos pretos”. Naquele trabalho Rodrigues discorre sobre a produção de arte sacra de matriz africana, recorrendo às análises que procuravam destacar as qualidades estéticas de certos objetos ritualísticos, a exemplos dos oxês de Xangô. Tratava-se de machados de duas lâminas tradicionalmente esculpidos em madeira e que aludem ao referido orixá.

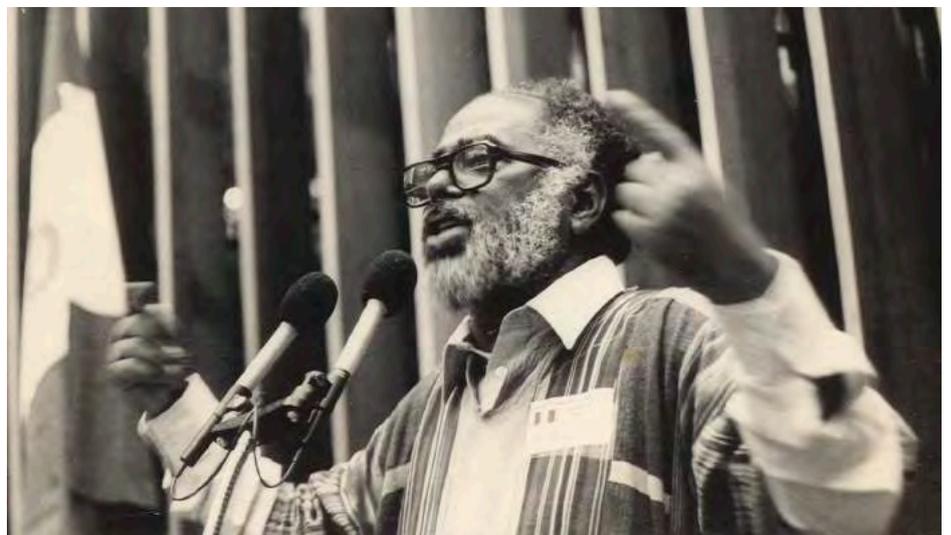
A princípio nada de absurdo em uma abordagem dessa natureza, pelo con-

trário. Nos tempos em que as perseguições aos terreiros faziam parte das políticas de Estado, publicar um artigo que fosse na contramão de tamanha intolerância parecia algo louvável. Ocorre que Nina Rodrigues, como se sabe, era um estudioso influenciado pelas teses racialistas do século XIX. Tais teses defendiam a hierarquização dos grupos humanos com base em supostas vantagens ou desvantagens genéticas e foram fundamentais para dar sustentação ao pensamento acadêmico da época, apesar do enorme equívoco que representavam.

No limiar do século XX, termos tais como arte afro-brasileira e estudos afro-brasileiros foram difundidos por Nina Rodrigues, embora ele também

estivesse seduzido pelas ideias segregacionistas de seu tempo. Uma escola formada predominantemente por intelectuais brancos seguiria seus passos. Esse grupo composto por elites econômicas e culturais enxergavam habitualmente os indivíduos negros como objeto de pesquisa, raramente como sujeitos.

Somente em 1944 pudemos nos deparar com um projeto cultural-artístico-estético-político protagonizado por pessoas negras que se dispuseram a enfrentar o monopólio da fala no que tange às artes afro-brasileiras. O Teatro Experimental do Negro – TEN, foi uma iniciativa que contou com a auspiciosa participação de Ruth de Souza, Lea Garcia, Abdias

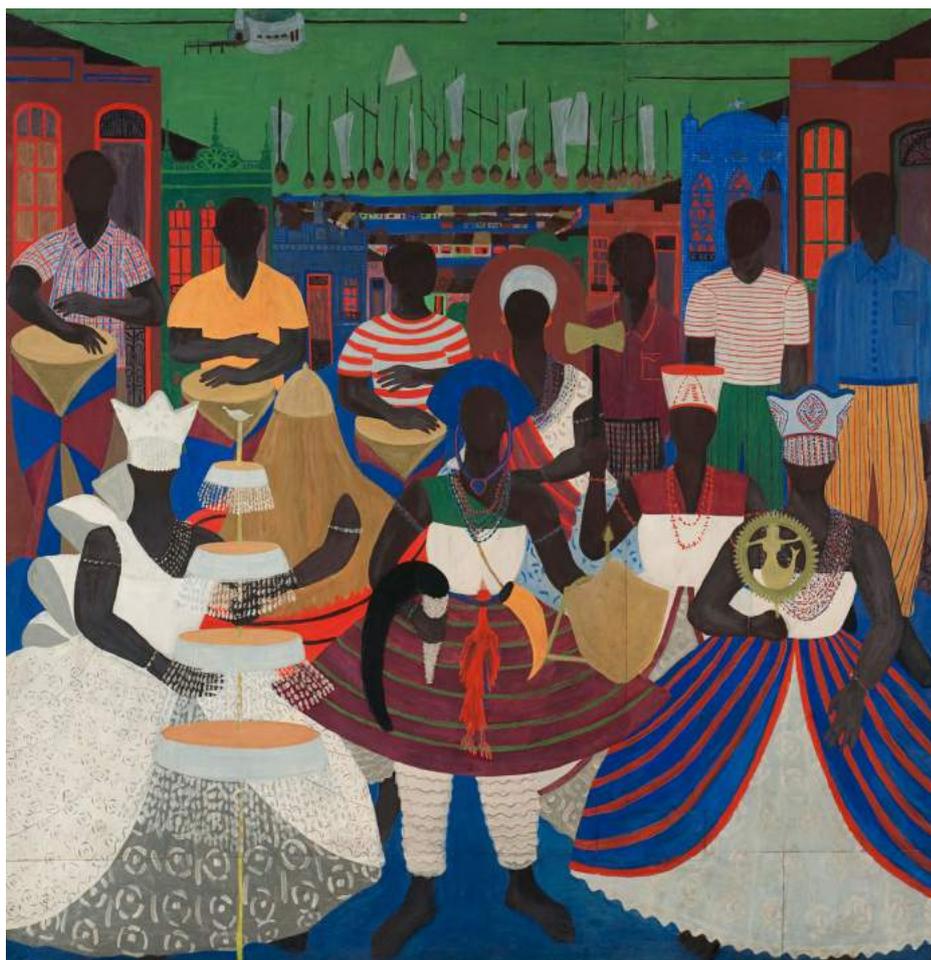


Abdias do Nascimento - Discurso em convenção do PDT no Congresso Nacional, 1982 - Matriz-negativo - Acervo: IPEAFRO

do Nascimento, entre outros indivíduos. A proposta contra-hegemônica buscava visibilidade e representação digna para a população afro-brasileira, em contraposição ao histórico projeto de nação inspirado na ideologia do branqueamento, cuja meta era a de tornar a presença negra apenas residual na sociedade brasileira, em um futuro não muito longínquo.

Em 1950 o TEN organizou o I Congresso do Negro Brasileiro, após a realização de dois Congressos Afro-Brasileiros nos anos trinta. O primeiro em 1934 sob a presidência de Gilberto Freyre, autor da obra *Casa grande e senzala* e o segundo, em 1937, sob a presidência de Edson Carneiro, renomado intelectual negro. Apesar do fato do segundo congresso ter sido presidido por Carneiro, importa destacar que essa era a vertente dos estudos afro-brasileiros, em relação a qual já fizemos alusão.

Durante o Congresso do TEN foram discutidas, entre outras teses, uma intitulada “Estética e Negritude”, apresentada por Ironildes Rodrigues. O debate suscitado pelo documento resultou em um dos importantes encaminhamentos ao final do Congresso. Saia dali a decisão de constituir o Museu de Arte Negra, com o firme propósito de valorizar a produção artística inspirada nas matrizes africanas e afro-brasileiras. Abdias do Nascimento assumiu a responsabilidade por conduzir as ações em prol da consolidação do MAN. Coube a ele fazer as articulações, estabelecer as negociações, chamar as mobilizações a fim de que o projeto se concretizasse. Em artigo intitulado “A arte negra: museu voltado para o futuro”, publicado na Revista Galeria de Arte Moderna,



Candomblé, 1957 / Djanira da Motta e Silva

Nascimento, ao propor uma digressão histórica, argumenta:

'Lembremos a data 1898 como a do aparecimento do primeiro estudo sobre as máscaras africanas publicado por Leo Frobenius, cujo Decameron Negro (1914) revelou ao mundo toda a complexidade e profunda riqueza da cultura africana'
(*Nascimento*, pp. 43-44, 1968)

Frobenius, foi outro estudioso que, apesar do interesse pela produção escultórica de sociedades africanas, não se encontrava livre de preconceitos e visões eurocêntricas. Fontes fidedignas alegam que ao se deparar com as esculturas em bronze de *Ifé*

Ifé, realizadas por via da técnica da cera perdida, ele acreditou piamente que a sociedade iorubana houvesse estabelecido intercâmbio com alguma sociedade europeia “mais evoluída”. Todavia, Nascimento se remete a ele a fim de demonstrar que o interesse em torno da arte negra era algo presente, inclusive entre as antigas metrópoles coloniais. Esse interesse, também assumido por vários artistas pertencentes às vanguardas estéticas e artísticas europeias na transição para o século XX, será determinante na produção daqueles movimentos que rompem com os cânones existentes até então.

O momento era de efervescência cultural, em relação à qual o MAN se vinculava. Em 1955 ocorria na cidade

do Rio de Janeiro o 36º Congresso Eucarístico Internacional que mobilizou a comunidade católica global. Aproveitando o ensejo o TEN lança o Concurso do Cristo Negro. Gesto que causa incômodo, indignação e mal-estar. O que para muitos se caracterizava como provocação, para outros, a exemplo de Dom Hélder Câmara, despertou significativo interesse. A despeito das reações negativas, o referido concurso foi levado adiante, contando com a participação “de artistas plásticos das mais variadas origens raciais” (Nascimento, n.15, 43-44 pp. 1968) . A obra vencedora estava assinada pela artista Djanira da Motta e Silva, importante referência do movimento modernista brasileiro.

Voltando ao MAN, deve-se ressaltar que, do mesmo modo ocorrido com o Concurso Cristo Negro, a ideia do museu motivou vários artistas. Neste segundo caso o intuito era chamar a atenção da sociedade brasileira para a urgência de um projeto daquela envergadura. Adesão por parte da classe artística houve e não foi pouco expressiva. O problema maior talvez tenha sido o da incompreensão da maioria dos gestores públicos à frente de importantes instituições culturais e, muito provavelmente, tenha ocorrido o mesmo com o grande mecenato. Em outro artigo denominado “Cultura e Estética no Museu de Arte Negra” Nascimento ressalta:

Nosso museu abriga obras de pretos, de brancos, de amarelos, dos homens de todas as raças e nacionalidades. Importam aqueles valores estéticos que só a raça ou a vivência dos valores da raça

negra conferem à obra. Por isso o Museu de Arte Negra guarda a importante colaboração de artistas influenciados pela presença do negro, como Scliar, Ivan Serpa, J.P.M. Fonseca, Mário Cravo, Edelweiss, Inimá; por outro lado o fato de um Volpi, Mabe, Flávio Carvalho, Décio Vieira, Rubens Gerchman, Iberê Camargo, Fayga, Ana Leticia, Benjamin Silva, Jarbas Juarez, Bonadei, W. Levy, Maria Bonomi, Ligia Clark, Campofiorito, Di Preti, Paulo Chaves, J. Assumpção Souza, L.Azevedo, Darel, figurar como colaboradores espontâneos do MAN, revela o alcance ecumênico como seu trabalho é concebido e dinamizado (Nascimento, pp. 21-22. 1968)

O proeminente porta-voz do MAN, desde sua concepção, em texto escrito após uma sucessão de insucessos junto às autoridades, tanto do setor público quanto do setor privado, reconhece ter cometido alguns equívocos em suas argumentações anteriores. Segundo ele, alguns posicionamentos precisariam ser revistos: “(...) o principal deles seria não manifestar tanta esperança numa possível compreensão e apoio dos meios oficiais e dos elementos mais progressistas da classe dominante” (Nascimento, pp.133-140, 1980.)

No ano de 1968, em memória dos 80 anos da Abolição da Escravatura, acontece uma única exposição do MAN acolhida pelo Museu da Imagem e do Som, MIS/ RJ. No mesmo ano, diante da conjuntura política, principalmente levando-se em considera-

ção os abusos da ditadura civil-militar e a imposição do Ato Institucional nº 5, Abdias resolve adotar o auto exílio, emigrando para os Estados Unidos. Ele aproveita a bolsa de estudos que obteve em uma universidade de lá. Naquele contexto estabelecerá contato com o ativismo negro estadunidense. Sua saída do Brasil interrompe um trabalho de 18 anos que visava garantir uma sede para o MAN. O Estado autoritário também afetou de sobremaneira a continuidade do TEN.

No início dos anos 80, período da decadência do regime de exceção e de redemocratização do país, Nascimento regressa. Revigorado pelas ideias do Panafricanismo procura retomar projetos que, por força das circunstâncias, precisaram ser postergados. Na volta ele funda o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO, em 1981, entidade que irá abrigar a coleção do MAN, até os dias atuais.

Com o passar do tempo e a assustadora velocidade com que se desenvolveu a tecnologia digital, os gestores do IPEAFRO entendem que o caminho viável para o MAN seria o de transformá-lo em museu digital. Após o falecimento de Abdias em 2011, Elisa Larkin Nascimento, sua viúva, assume a coordenação geral por todas as ações da entidade, incluindo aquelas referentes ao MAN.

Recentemente uma campanha com o intuito de revitalizar o museu tornou-se pública nas redes sociais. A partir do slogan “Museu de Arte Negra, tô dentro!” personalidades, negras em sua maioria, contribuíram e chamaram a sociedade a contribuir com o levantamento de um fundo para o museu.

Além disso, os recursos digitais proporcionaram uma reinvenção do MAN, sob novas bases, para que a ideia geradora do museu não sucumbisse. A coleção eclética, que inclui obras do próprio Abdias do Nascimento, é também o registro de um movimento em prol da valorização da presença negra nas artes visuais no Brasil. Todavia, ainda temos que percorrer determinadas distâncias até produzirmos uma História da Arte decolonial, que acolha e reconheça o pertencimento das estéticas negras à cultura brasileira.



Imagem: Afro Estandarte, 1993. Abdias Nascimento. Acervo IPEAFRO



Imagem: Abdias Nascimento, Composição n. 2 (Buffalo, 1971). Acervo IPEAFRO



Imagem: Onipotente e Imortal, nº 4 - Adinkra Asante. Acervo IPEAFRO

BIBLIOGRAFIA:

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo**, – Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1980.

_____. “Cultura e Estética no Museu de Arte Negra” in **Revista Galeria de Arte Moderna**, nº14, pp.21-22 – Rio de Janeiro, 1968.

_____. “A Arte Negra: museu voltado para o futuro” in **Revista Galeria de Arte Moderna**, nº15, pp.43-44 – Rio de Janeiro, 1968.

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● HISTÓRIAS DE BRASÍLIA



André
Berçott

BRASÍLIA PARA OS BRASILIENSES: UM MANIFESTO PELA CRIAÇÃO DE UMA VERDADEIRA IDENTIDADE

A construção da identidade de uma cidade passa pelo envolvimento de seus cidadãos com ela. Como podemos falar deste envolvimento sem um sentimento de pertencimento? Em Brasília, podemos observar que há indícios de sentimento, por parte da população, de não pertencimento à cidade. Apesar de defender que todo o Distrito Federal é Brasília, parcela de seus habitantes, aparentemente, não entendem assim. Para muitos Brasília se resume ao Plano Piloto e, por incrível que pareça, existem muitos que nasceram aqui e não a co-

nhecem. Sim é verdade! Infelizmente é a nossa realidade, uma triste constatação do resultado de políticas públicas segregatórias que vêm sendo implementadas há muitas décadas.

Brasília foi idealizada para ser uma cidade mais democrática e consequentemente inclusiva socialmente, porém, essa proposta logo virou uma utopia. Desde o seu início, os trabalhadores, oriundos de diversas partes do Brasil, que viviam em acampamentos foram deslocados para outros lugares, as antigas cidades satélites.

Esse deslocamento, fruto de uma política intencionalmente criada para afastar as elites das camadas mais vulneráveis da sociedade, serviu de base para construção de uma “sub identidade”, através do surgimento de um pertencimento localizado, nas atuais Regiões Administrativas.

Esse deslocamento, aliado com a falta de políticas públicas que incentivem a ocupação mais democrática dos espaços públicos, contribuiu para um distanciamento por parte da população, que mora nas RAs com quem

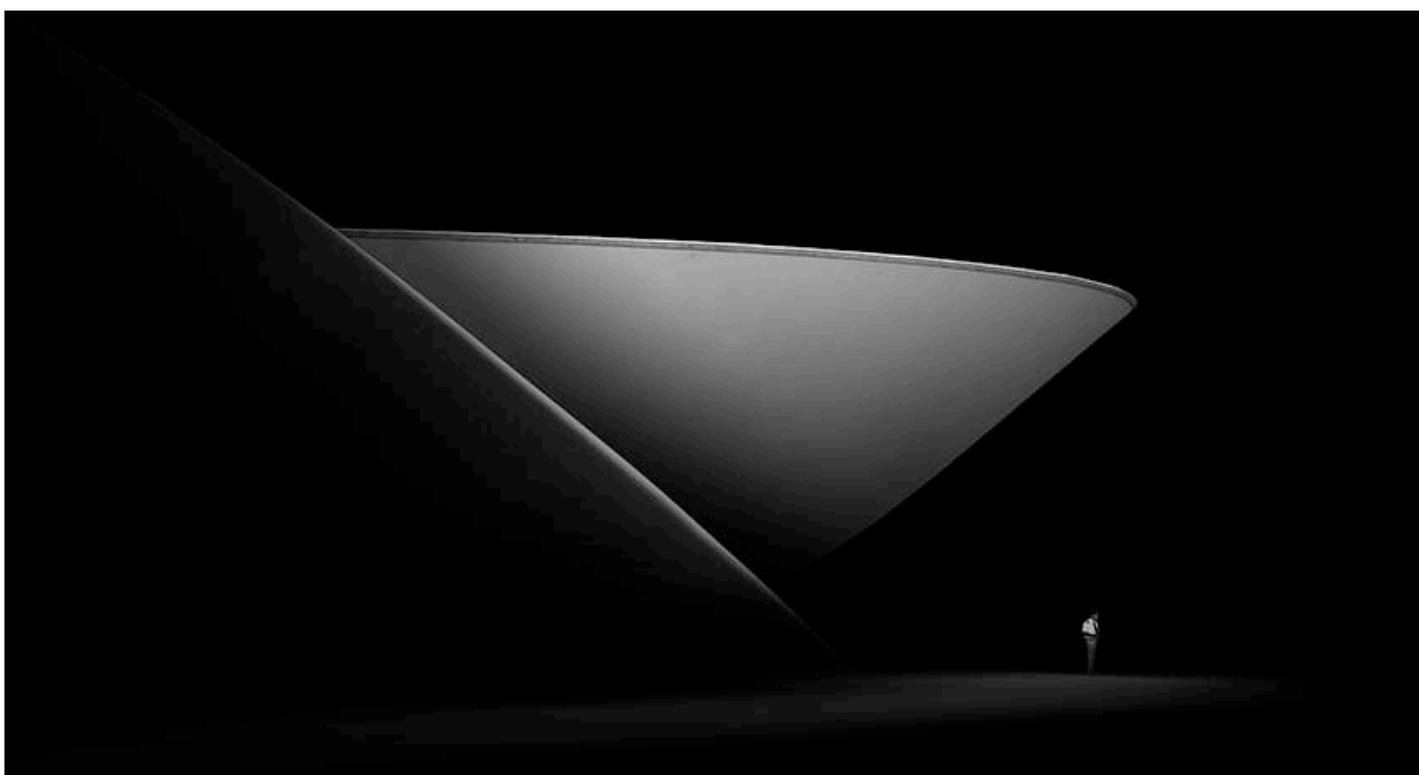


Imagem: Congresso Nacional - Brasília. Oscar Niemeyer. Fotografia de Øystein Aspelund,

reside no Plano Piloto. Um dos claros exemplos é a orla do Lago Paranoá, onde, comprovadamente, não há o interesse do poder público em viabilizar o seu uso para todos. A professora e arquiteta Angelina Nardelli Quaglia em sua dissertação de Mestrado (2017), demonstrou que o projeto urbano da orla do lago Paranoá já indicava uma elitização no uso das suas margens, com indicações de espaços bem limitados para o uso público, beneficiando os clubes esportivos e os grandes empreendimentos imobiliários destinando aos mesmos generosas áreas com acesso às suas margens.

Não quero aqui colocar-me como quem levantou a bandeira desta discussão, mas, sim como mais um colaborador desse processo. Não podemos omitir o quanto esse tema aparece de forma recorrente através

de diversas manifestações culturais. Como exemplos destaco dois, um na música, através da letra de “FAROESTE CABOCLO” de autoria do compositor Renato Russo que trás em seus versos trechos de amor pela cidade, por aqueles que aqui chegam, combinada com uma severa crítica a discriminação sofrida por muitos que aqui vivem. Já no cinema, um filme me chamou muito a atenção. “Branco sai preto fica” do Diretor Adirley Queirós, fica clara a crítica ao processo segregatório desenvolvido no Distrito Federal ao longo das últimas seis décadas. A obra de ficção científica foi totalmente gravada na Ceilândia e faz uma contundente crítica a violência e segregação sofridas pela população da periferia. Os retratos descritos tanto pela música, quanto pelo filme, mesmo que produzidos em épocas diferentes, mostram uma realidade

muito viva.

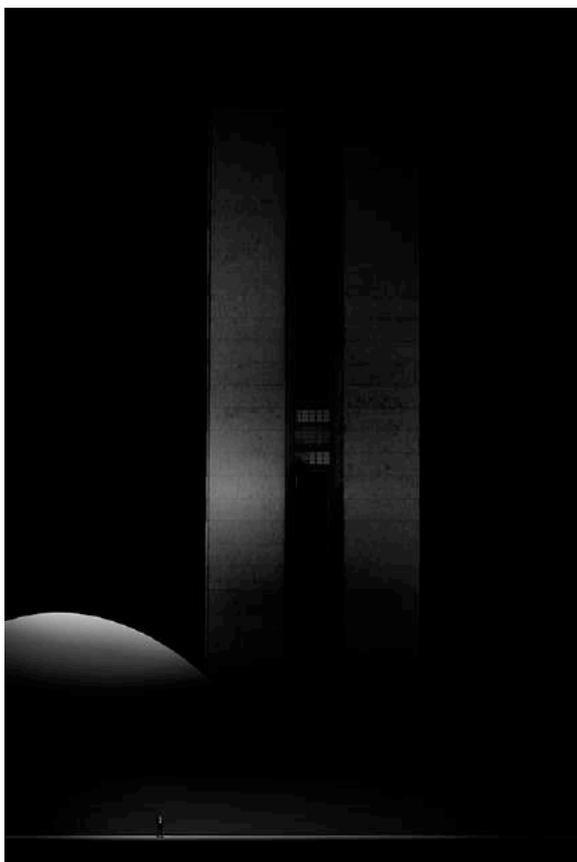
Por essas e outras questões, que, infelizmente, a capital de todos os brasileiros, está virando a cidade para poucos brasilienses, impactando diretamente na formação da sua real identidade. Ainda dá tempo para recuperarmos o caminho correto da construção identitária de Brasília, entretanto, há a necessidade de uma ressignificação das memórias de todos aqueles que fazem desta cidade o que ela é. Uma busca por um novo pertencimento é a nossa missão, até porque todos que nascem no DF são brasilienses. Pertencer a algum lugar não é algo apreendido e sim construído, através de envolvimento, amor e gratidão. Assim sendo, façamos o chamado: **BRASÍLIA PARA OS BRASILIENSES !**

————— ● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

BIBLIOGRAFIA:

BERÇOTT, Angelina Nardelli Quaglia. História urbana da orla do Lago Paranoá. 2017. 164 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

Imagem: Congresso Nacional.
Fotografia: ØYSTEIN ASPELUND



Massimo Montanari. Sempre o cito como referência teórica, incrível historiador da alimentação que é, mas essa publicação é composta por um grande e curioso compilado das relações que permearam as práticas alimentares na Idade Média europeia. Em registros datados de 1223 a 1226, em Rivotorto (região central da Itália), o autor encontra fontes sobre o Natal de São Francisco de Assis - mesmo que eu não seja uma pessoa religiosa, sempre o adorei pela relação com os animais, temos diversas esculturas dele em casa! Minha cachorrinha, Amora, inclusive comeu os passarinhos de suas mãos quando era filhote... Brincávamos que ela seria punida por ele, o que obviamente nunca aconteceria quando sabemos, um pouco que seja, sobre o coração bondoso que possuía.

São Francisco de Assis era dos valores nobres e necessários à sociedade atual: a caridade como empatia, para si e para com os outros. Em tempos de extremos e verdades irredutíveis, cito um episódio narrado na Lenda perugina: em uma noite no eremitério de Rivotorto, um irmão grita desesperadamente que está a morrer de dor, causada pela fome; São Francisco não hesita e ordena o preparo de uma grande mesa, bem como que todos se juntem a ele para comer... Não queria que ele se sentisse constrangido por não conseguir honrar a dura absti-

nência do jejum à qual se dedicava. Segundo Montanari, “a mensagem é clara: a caridade, a compreensão e a solidariedade valem mais do que a penitência.” O historiador analisa:

Assim que terminam a insólita refeição noturna, Francisco explica em termos claros: ‘Assim como devemos nos refrear do excessivo comer, nocivo ao corpo e à alma, da mesma forma, e até mais, devemos evitar a excessiva abstinência, pois o Senhor prefere a misericórdia ao sacrifício!’

E recomenda que não voltem a ocorrer episódios semelhantes e que cada qual, nos limites concedidos pela opção da pobreza, saiba levar em conta sua própria condição física e ‘conceda a seu corpo o que lhe é necessário!’

Francisco também adorava o Natal e mais de sua bondade e caridade transparecem quando a festividade cai em uma sexta-feira - o chamado dia magro. Após muitas discussões, os irmãos aprensivos se dirigem a ele para saber como proceder. O san-



*A pregação de São Francisco aos pássaros por Giotto di Bondone.
Data estimada de 1295-1300.*

to quase se zanga: “Pecas, irmão, ao chamares de sexta-feira o dia em que para nós nasceu o Menino”. Seu biógrafo, Tomás de Celano, afirma que teria dito naquele dia que

Os pobres e mendigos fossem saciados pelos ricos! (...) Que os bois e asnos recebessem uma ração de alimento e feno mais abundante do que o habitual! E que teria dito certa vez: ‘Se eu puder falar ao imperador, suplicarei que lance um édito geral, pelo qual todos os que tenham recursos espalhem trigo e grãos pelas ruas, para que num dia de tanta solenidade, os passarinhos e especialmente as irmãs cotovias possam tê-los em abundância!’

Para Montanari, “a imagem do Natal como festa universal se transforma numa espécie de banquete cósmico, que reúne todos os seres do universo, homens ricos e pobres, animais de

terra e pássaros do ar e até as coisas inanimadas.” Estes dois episódios demonstram o amor e a sensibilidade nas atitudes de São Francisco de Assis, sentimentos que tanto buscamos durante a pandemia.

Acredito – apesar dos duros acontecimentos que tentam me convencer do contrário – que somos capazes de sentir o amor, o afeto, a empatia. Acredito que podemos lutar por justiça, por pessoas boas, pelos ideais de São Francisco de Assis todos os dias. O amor é também político, é (como diz minha amada e expressiva mãe) visceral. Lutemos por esse afeto, pelo brilho merecido aos seres humanos, por comida na mesa, por dignidade, por saúde, pelo direito ao respeito e à vida plena. É difícil continuar a acreditar em momentos tristes e dolorosos, mas precisamos levantar e nos manter em pé por aqueles que não o conseguem. Que o banquete cósmico, a reunião de todos os seres do universo triunfe sobre aqueles que não nos dão as mãos, que nossa força afetiva

chegue em todos os lugares onde é necessária. Estou de braços abertos na luta pelo amor e pela vida digna, seja neste Natal, seja em todos os outros dias enquanto eu viver.

“(…)

*Se o sol se cansa
e a noite lenta
quer ir pra cama,
marmota sonolenta,
eu, de repente,
inflamo a minha flama
e o dia fulge novamente.
Brilhar pra sempre,
brilhar como um farol,
brilhar com brilho eterno,
gente é pra brilhar,
que tudo mais vá pro inferno,
este é o meu slogan
e o do sol!”*

- Excerto de A extraordinária aventura vivida por Vladímir Maiakovski no verão na Datcha, de Vladímir Maiakovski. 1920. Tradução de Augusto de Campos.

PARA OUVIR:

Gente, de Caetano Veloso, no álbum Bicho, de 1977.

BIBLIOGRAFIA:

MONTANARI, Massimo. **Histórias da Mesa**. São Paulo: Estação Liberdade. 2016.

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE



● GASTRÔ CITIES



Angelina
Quaglia

UM CASAMENTO DE CONTO DE FADAS, EM BRASÍLIA

Quando criança eu escutava que “Brasília é uma cidade tão peculiar”, dizia minha mãe, “que até a Cinderela quis casar-se aqui!” E já que o tema que costura essa edição é o pertencimento e a manutenção do patrimônio desta minha ilustre cidade, sigo com mais uma das belas histórias contadas por ela na minha infância - já distante -, que envolve gastronomia e histórias dos irmãos Grinch.

Aqui faço um adendo para que consigam compreender e apreciar melhor essa minha pequena historinha



Imagem: Palácio do Itamaraty, Oscar Niemeyer

de infância. Meus pais são pioneiros em Brasília. Minha mãe era filha do Deputado Federal Abel Rafael Pinto, fluminense radicado em Juiz de Fora, e da bela historiadora Alba Nardelli Pinto, e veio para Brasília antes dos 18 anos, em 1960. Meu pai veio para estudar na Universidade de Brasília (UNB), mas não veio com a família. Ele, um homem espetacular e repleto de boas histórias, experiências e muitos conselhos, também era filho de um grande político, o Prefeito Luiz Ulisses Quaglia, paulista radicado em Minas Gerais, e da bela, prendada e pianista de mãos cheias Maria Quaglia. Ambos, Maria Isabel (Bebel) e Alvaro (sem acento mesmo, italiano mesmo) vieram de famílias mineiras, o que também precisam compreender para apreciar essa pequena historinha da minha infância.

Também é importante que saibam, para melhor entendimento sobre a historinha, curta, que meus pais, Bebel e Alvaro, casaram-se na Catedral Nossa Senhora Aparecida, projetada por Oscar Niemeyer, uma belíssima obra de arquitetura, bastante peculiar! E que minha mãe frequentava os grandes bailes do Palácio do Itamaraty, também obra de Oscar (vejam que intimidade a minha), e que na minha infância ainda possuía os vestidos de

baile belíssimos que usou. Eu cresci vendo as fotos dos bailes, deles em Brasília e do casamento dos dois. Dito isso, estão prontos para entrar no meu “mundo” de infância, repleto de contos de fadas e memórias!

A história que eu ouvia acontecia após escutarmos, eu e meu irmão Luiz Augusto Quaglia, hoje médico e músico (e doido, ousou dizer), as fantasias de Chapeuzinho Vermelho e Cinderela, quando minha mãe já ficava sem repertório e bem cansada de contar historinhas para os dois dormirem. Meus pais iam a muitos eventos, e claro, ficávamos curiosos sobre as notícias. Minha mãe, esperta como sempre, costurava as histórias que gostávamos com as que queríamos escutar!

“Como sabem, o casamento de Cinderela aconteceu em Brasília, pois a princesa queria um casamento numa cidade modernista, numa igreja toda de vidro, como eram seus sapatinhos de cristal! Então, veio casar-se na CATEDRAL!

A recepção foi linda e aconteceu no Palácio do Itamaraty. Havia muitos tapetes, muitas flores e docinhos e uma Orquestra tocava belas músicas brasileiras e estrangeiras.

Ficava tarde, e o dia começava a raiar, quando presentearam os convidados com sapatinhos de manteiga e cestas feitas pela mãe da Chapeuzinho Vermelho, com todos os tipos de docinhos de casamento que serviram. Era hora de partir para nossa casa!

Enquanto eu atravessava a ponte Costa e Silva¹, o sol surgiu, e o calor foi tanto que derreteu meus sapatinhos. Com isso a cesta de doces que estava em minhas mãos, escorregou rapidamente e foi parar no Lago Paranoá, de onde os peixinhos comeram todos os doces.”

É isso, uma rápida historinha para contar que pertencimento e gastronomia aprendemos por amor e não por imposição! Cresci escutando sobre Brasília e sobre os belos lugares que nos tornavam a única cidade modernista do mundo. Tive uma infância muito bacana, morando no Lago Sul, com um vasto jardim e uma rua repleta de crianças brincando, onde o sorveteiro da KIBON (ainda existe?) parava na porta de casa para vender seus sorvetes.

Tenho belas memórias da 107 Sul, quadra que faz parte do projeto modelo totalmente construído como fora projetado por Lucio Costa (com nome também desprovido de acento), idas à Igreja, ao ballet com Norma Lillian, idas à banca de jornal e “corridas com o táxi” pego na entrada da quadra! Assim, não posso deixar de falar da comilança na Pizzaria Dom Bosco, ou Pizzaria do Baixinho.

Tenho memória do dia em que minha mãe foi ao casamento de Cinderela, em Brasília, e sinto até o calor da travessia na ponte e o gosto dos docinhos que perdi para os peixinhos do Lago Paranoá! Sorte dos peixes que comeram doces encantados pelo amor de minha mãe a esta cidade e a nós filhos! Doces regados com paciência e gentileza de quem ensinou aos filhos o amor pela cidade de Brasília, de forma sutil, apresentando os monumentos e seus autores, e ensinando-nos a amar nossa bela capital e a gastronomia!

Segue a receita de um docinho gostoso, o brigadeiro de colher!



Ingredientes:

- 2 colher de manteiga sem sal (se não tiver, use margarina)
- 8 colheres de sopa de chocolate em pó
- 2 latas de leite condensado

Modo de Preparo:

Misture todos os ingredientes e leve ao fogo baixo. Para quem quiser que o brigadeiro fique pronto mais rápido, o fogo pode ser médio.

Mexa até o ponto que deve ser cremoso ou ao gosto de cada um. Não tire a mistura da panela e envolva com um pano de prato para esfriar.

Modo de servir:

Como preferir! Na colher, no pratinho ou potinho, numa compoteira onde cada pessoa colocará a quantidade desejada... sirva a vontade!

Casamento Bebel e Alvaro Quaglia
Catedral de Brasília - 1971

Link para o livro de receitas:
"O PRATOS DOS AMIGOS E
AMIGAS QUE BRASÍLIA ME DEU"



Notas:

1 - A Ponte Costa e Silva, inaugurada no ano de 1976, ligando a Asa Sul ao Lago Sul.

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

● FILOSOFANDO

Eduardo
Oyakawa

CIORAN

NIILISMO E TERROR MÍSTICO

Havia um homem, com mais de 70 anos, que tinha passado a vida inteira afirmando que a existência não tinha valor algum e, portanto, o melhor a fazer seria a opção definitiva pelo suicídio.

– Mas não há uma contradição em sua fala?

Argumentou um jovem interlocutor.

– Como você pode ensinar que o suicídio é a melhor maneira de resolver o mal de existir, se você mesmo tem mais de 70 anos?

E o homem, impassível, respondeu:

– Pois é! Eu sempre soube que a minha missão, neste mundo, era ensinar os jovens a importância do suicídio!

Reproduzimos essa blague, de domínio popular, porque ela nos permite fazer uma indagação de todo pertinente ao nosso estudo sobre o sofrimento. Seria o desespero existencial de Emil Cioran parecido com aquele do professor? Em outras palavras, seria Cioran um niilista desprovido de quaisquer compromissos éticos? Ou mesmo um escritor preocupado apenas em malsinar e desconstruir as “conquistas” civilizacionais?

A nossa resposta deve ser peremptória: não se trata disso. Em primeiro lugar, porque Cioran, ao contrário do

“cínico” apologista descrito acima, não pretende ensinar nada a ninguém e, portanto, desincumbe-se prontamente do papel de pedagogo da humanidade.

Ademais, o radical pessimismo de Cioran convida-nos tão somente à busca de um estado de consciência lúcido; quer dizer: convida-nos a enxergar, sob o ponto de vista do pensamento-biópsia, a ubiquidade do mal no mundo e, assim, compreendermos a destrutividade e as ambivalências das paixões humanas. As desmesuras do mal, em sua cariz mística, parecem constituir uma importante via de acesso a esta reflexão iconoclasta.

Jacques Lacarrière (1977), em clássico estudo sobre os gnósticos, ajuda-nos a entender melhor a genealogia do pessimismo e do ceticismo Cioranianos. A noção de que a criação, por motivos evidentes, não pode ser considerada boa e, portanto, foi engendrada por um demiurgo sádico e cruel (*Le mauvais Démiurge*) parece ter sido, desde a juventude, um dado primordial na construção da visão de mundo do jovem Emil:

[...] quando nos dedicamos a um assunto, qualquer que seja, experimentamos um sentimento de



Fotografia de Engin Akyurt

plenitude acompanhado de uma ponta de arrogância. Fenômeno mais estranho ainda: essa sensação de superioridade quando evocamos um personagem que admiramos. No meio de uma frase, com que facilidade nos consideramos o centro do mundo!

Escrever e venerar não andam juntos, quer se queira ou não, falar de Deus é olhá-lo do alto. A escrita é a desforra da criatura e sua resposta a uma criação sabotada. (CIORAN, 2001a, p. 124).

Observemos também a atmosfera religiosa que o formou aquela Romênia encantada e rural que, desde o século X, convive com a tradição Gnóstico-Bogomila: um apelo religioso, na verdade mais místico que religioso, sempre existiu em mim. É impossível que eu tenha fé assim como me é impossível não pensar nela... Minha vida inteira estive dividido entre a necessidade e a impossibilidade de crer... Meu temperamento é tal que a negação sempre foi mais forte que a afirmação. Este é o meu lado demoníaco, pode-se dizer. (CIORAN, BD, 2011, p. 240).

Sylvie Jaudeau (1990) já havia destacado, em seu minucioso estudo biográfico, que a adesão de Cioran à religião jamais passou pelo cumprimento das normas canônicas ou comportamentais, ou seja, Cioran nunca foi um fiel, no sentido de ter sido obediente às recomendações prescritas pelas igrejas institucionalizadas. Muito pelo contrário, as críticas dirigidas à “idolatria” funesta do homo religiosus, excetuando-se parcialmente o Budismo, foram amplas e incisivas:

[...] idólatras por instinto, convertemos em incondicionados os objetos de nossos sonhos e de nossos interesses. A história não passa de um desfile de falsos Absolutos, uma sucessão de tempos elevados a pretextos, um aviltamento do espírito ante o Improvável. Mesmo quando se afasta da religião, o homem permanece submetido a ela; esgotando-se em forjar simulacros de deuses, adota-os depois febrilmente: sua necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidência e o ridículo. Sua capacidade de adorar é responsável por todos os seus crimes: o que ama indevidamente um deus obriga os outros a amá-lo, na espera de exterminá-los, se se recusarem. Não há intolerância, intransigência ideológica ou proselitismo que não revelem o fundo bestial do entusiasmo. Que o homem perca a sua faculdade de indiferença: torna-se um assassino virtual; que transforme sua ideia em deus: as consequências são incalculáveis. (CIORAN, BD, 2011, p. 13).

Se as inconseqüências (indélivrance) desse homem emasculado pela consolação religiosa devem ser superadas, o mesmo não pode ser dito em relação à outra aspiração existencial: a busca pela unio Mystica - união no sentido de participação nas lágrimas humanas, pela contemplação do absurdo de viver.

O que interessa a Cioran é uma postura lúcida, de resistência à desesperatio dei, uma atitude de “náusea” contra um deus maligno, mas que, por

outro lado, é capaz de fazer incendiar a alma e dissolver em pavor (effroi) a criatura humana.

Eis o cerne desse terror místico: a criação demiúrgica (La création ratée) é um erro ontológico, mas a sede de perder-se nas chamas do ocaso, em repousar na dor primeira - anterior ao próprio nirvana - parece ser um anelo recorrente do “pensamento-biópsia”.

De fato, nas inúmeras noites de insônia, que Blanchot chamou de “a outra noite”, Cioran descreveu o desejo excruciante de estar junto aos mártires e santos, participando daquelas síncopes extáticas que nos permitem esquecer, por um minuto, quem somos e para onde vamos.

Porque não haveria um êxtase da existência pura, das raízes imanentes da existência [...] não podemos ter essa experiência extática a não ser na solidão, quando temos a impressão de planar acima deste mundo. E não seria a solidão um terreno propício para a loucura? Além disso, não é sintomática que esse êxtase possa surgir até mesmo num indivíduo cético? A loucura do êxtase não se revela pela presença da mais bizarra certeza e da mais essencial visão num ambiente de dúvida e desespero? Ninguém será acossado por estados extáticos sem essa experiência prévia de desprezo, pois tanto num caso como no outro se produzem purificações imensas, embora de teor diferente. As raízes metafísicas são tão complicadas quanto as raízes da existência. (CIORAN, HU, 2012, p. 51-52).

Em suma, admoesta-nos o admirador de Dostoiévski, os raros intervalos na

dinâmica invencível do sofrimento só podem acontecer pela desconstrução dos parti pris racionais e na perda de quaisquer consolos metafísicos; somente na solidão podemos meditar sobre nossa condição de prisioneiros a céu aberto, átomos gravitando ao acaso, Zoon Demirgikon.

E, tomados pela consciência do mal-estar de viver, extáticos pela dor do mundo, ganhamos a lucidez que apenas os desesperados podem possuir. Na obra de Cioran não encontramos nada parecido com o “otimismo da espiritualidade moderna.” Muito pelo contrário, trata-se, como frisamos, de um pensamento limítrofe beirando o insuportável, na medida em que até a pretensão por “educação”, seja ela sobrenatural ou vinculada à ilustração, auferida pelo estudo das artes, das ciências e mesmo da filosofia, estão, desde logo, fadadas ao fracasso. Isso porque o ser humano não pode ser melhorado, não pode, sob o perigo de avolumarem-se os totalitarismos de quaisquer matizes, criar novas sociedades, livres e democráticas.

O mal, para Cioran, é intrínseco à natureza profundamente abjeta do humano e o amor em nada alivia o desespero de nossa condição. Ele, o amor, nada tem de espiritual ou divino; sua presença ganha contornos meramente biológicos; está ligado diretamente aos apetites dos sentidos, à crepitação imensa do desejo, à busca por conforto afetivo ou aceitação social. Numa palavra, o amor nada mais significa do que corpos “cindidos” procurando encontrar o absoluto, irremissivelmente perdido.

A separação dos seres do caos inicial criou o fenômeno da individuação, um verdadeiro esforço da vida em direção à lucidez. As individualidades se originaram como um grito de apelo em direção à consciência, e os seres triunfaram em seu esforço para se desligar da confusão do todo. Enquanto o homem permaneceu como ser e nada mais, a individuação não havia superado os limites da vida, pois se apoiava no todo e era tudo. Mas o impulso para si mesmo, retirando-o do centro do universo, deu-lhe a ilusão de um

infinito possível nas fronteiras individuais. É assim que o homem começou a perder o seu limite, e que a individuação se tornou castigo: aí reside a sua dolorosa grandeza. Já que, sem o curso aventureiro da individuação, o homem não seria nada. (CIORAN, 1995a, p. 184-185).

Mas, se as ilusões espúrias deste mundo devem ser rejeitadas como um todo, as consciências lúcidas (luciferinas) encaram o sofrimento vis-à-vis, sem malabarismos intelectuais e proscrição diante das liturgias políticas; e através do pensamento exasperado e iconoclasta, são capazes de, ao menos, habitar a indiferente terra na qual palpitam nossos corações fragmentado e transgressores.

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

OBRAS CONSULTADAS DE EMIL CIORAN:

CIORAN, Emil. **De lágrimas y de santos**. Barcelona: Tusquets, 1988.

_____. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

_____. **El ocaso del pensamiento**. Barcelona: Tusquets, 1995a.

_____. **Entretien avec Braka Bogavac le Comte**. In: _____. *Entretiens*. Paris: Gallimard, 1995b. [Collection Arcades, n. 41].

_____. **Exercícios de admiração**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001a.

_____. **Entrevista com Sylvie Jaudeau**. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

_____. **Breviário da decomposição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

_____. **Nos cumes do desespero**. São Paulo: Hedra, 2012

Bibliografia complementar

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. São Paulo: Escuta, 2010.

JAUDEAU, Sylvie. **Cioran ou le dernier homme**. Paris: Librairie José Corti, 1990. [Col. Les essais].

LACARRIÈRE, Jacques. **The Gnostics**. London: Peter Owen Publishers, 1977.



Luciana Azevedo/
Jézer Junior

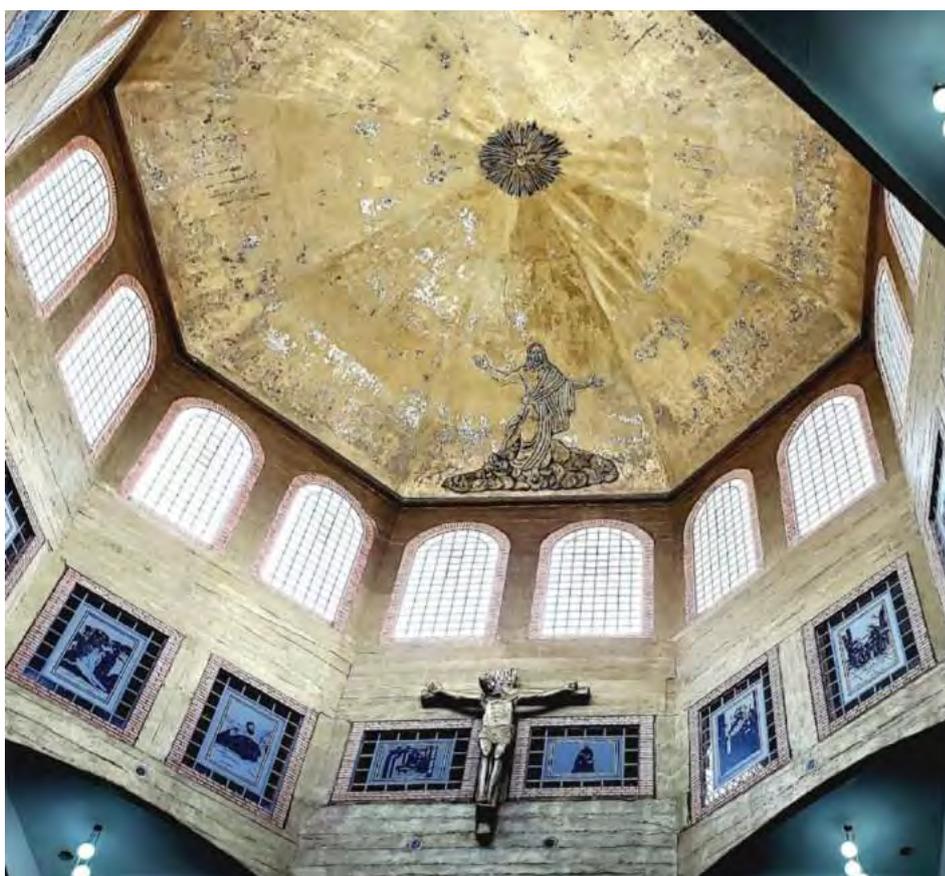
● BRASÍLIA EM ORAÇÃO

SEGUNDO MAIOR SANTUÁRIO DO BRASIL

Brasília – onde a cultura local se confunde com a própria cidade –, em razão de sua concepção modernista, que integra o planejamento urbanístico e a arquitetura diferenciados, foi inscrita, em 7 de dezembro de 1987, na lista da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio cultural da Humanidade, com 112,25 quilômetros quadrados de área tombada visando a sua preservação para as gerações futuras.

Conforme o Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, o patrimônio cultural é definido como um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

O tombamento, registrado em livros do tomo, é dividido considerando quatro características¹, a saber: (i) *Livro do Tombo Arqueológico*, Etnográfico e Paisagístico – Onde são inscritos os bens culturais em função do valor arqueológico; de valor etnográfico ou de referência para determinados grupos sociais; e de valor paisagístico, englo-



Santuário Menino Jesus - Arquidiocese de Brasília.

bando tanto áreas naturais, quanto lugares criados pelo homem aos quais é atribuído valor à sua configuração paisagística, a exemplo de jardins, mas também cidades ou conjuntos arquitetônicos que se destaquem por sua relação com o território onde estão implantados; (ii) Livro do Tombo Histórico – Neste livro são inscritos os

bens culturais em função do valor histórico. É formado pelo conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no Brasil e cuja conservação seja de interesse público por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil; (iii) *Livro do Tombo das Belas Artes* – Reúne as inscrições dos bens culturais em função do valor artístico; e (iv) Livro do Tombo das Artes

¹ <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/608/>

Aplicadas – Onde são inscritos os bens culturais em função do valor artístico, associado à função utilitária. Essa denominação (em oposição às belas artes) se refere à produção artística que se orienta para a criação de objetos, peças e construções utilitárias: alguns setores da arquitetura, das artes decorativas, design, artes gráficas e mobiliário, por exemplo.

Dentre os diversos bens materiais tombados no Distrito Federal como patrimônio cultural estão: a Catedral Metropolitana de Brasília, o Cine Brasília, o Clube de Golf, a Ermida Dom Bosco, a Escola Parque 307/308 Sul, a Igreja Nossa Senhora de Fátima, o Memorial JK, o Teatro Nacional Cláudio Santoro e o Santuário Arquidiocesano Menino Jesus, localizado na EQ 2/4, AE 5, Setor Norte, Brazlândia/DF – Região Administrativa IV, cuja declaração se deu por meio da Lei GDF nº 6.186 de 18 de julho de 2018.

A história do Santuário tem início em abril de 1971, quando um menino engraxate, ao passar pelo local onde hoje está edificado o Santuário, teve uma visão: junto a um arbusto apareceu uma grande escada subindo em direção aos céus, e que pouco depois desapareceu. Impressionado, o menino contou o fato para sua mãe, que o levou ao conhecimento do vigário da cidade que pediu que o menino mantivesse o segredo, prometendo que naquele local da visão seria construído um grande Santuário dedicado ao Menino Jesus e a Nossa Senhora.



Santuário Menino Jesus - Arquidiocese de Brasília.

No interior do Santuário encontra-se uma imagem do Menino Jesus esculpida por um artista romano e que, há mais de cem anos, era venerada no Convento das Irmãs do Menino Jesus, nas proximidades da Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. A imagem chegou ao Brasil no fim de setembro de 1972, trazida pelo padre José Pellegrini e as Irmãs Oblatas do Menino Jesus, sendo entregue ao primeiro Arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida Batista, que a custodiou à comunidade Paroquial de Brazlândia/DF, ainda sem igreja, apenas uma modesta palhoça onde depois veio a ser construída uma pequena igreja de madeira.

A construção do Santuário teve início no mesmo local, junto ao arbusto onde ocorreu a visão que teve o menino engraxate, três anos depois da chegada da imagem.

Percebendo que a obra deveria comportar um número muito maior de pessoas, o Santuário começou a ser construído definitivamente no ano 2000, com o apoio dos fiéis, da comunidade local, de empresários da cidade e das contribuições de famílias católicas e luteranas da Alemanha, Suíça e Áustria. A Paróquia Menino Jesus passou a ser designada como Santuário Arquidiocesano Menino Jesus em 30 de novembro de 2016, por decreto do então Arcebispo de Brasília, Cardeal Dom Sérgio da Rocha. Santuário é a designação do lugar para onde afluem peregrinos eromeiros, atraídos por algum motivo especial de piedade. A motivação pode ser uma imagem, uma relíquia ou um milagre acontecido no local em mo-

do sobrenatural. Os santuários podem ser diocesanos ou arquidiocesanos, se aprovados pelo Bispo ou Arcebispo; nacionais, se houver a aprovação da Conferência Episcopal (ex.: Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida/Brasil); e internacional, se houver a aprovação da Santa Sé (ex.: Santuário Internacional de Knock/Irlanda).

A Paróquia Menino Jesus é considerada o maior Santuário dedicado ao Menino Jesus no Brasil, tendo capacidade para acolher aproximadamente 6.000 pessoas sentadas e, ao total, mais de 15.000 pessoas distribuídas em suas galerias internas. Sua arquitetura possui seis pavimentos, uma torre frontal com 55 metros de altura, duas torres laterais com 45 metros cada e uma cúpula com 33 metros.

Em cada traço do Santuário há um



Santuário Menino Jesus - Arquidiocese de Brasília.

significado especial, seja em suas colunas, nos quadros (atrás do altar está o quadro da Santa Ceia, o maior quadro em alto-relevo do mundo), nas imagens, na cúpula e até mesmo nas cores simples, que permite ao Santuário acolher os peregrinos e transmitir a mensagem do Menino Jesus: ser

Ele o caminho que nos leva ao Pai.

No dia 12 de janeiro de 2021, foi sancionada pelo governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, a Lei nº 6.781 criando o roteiro religioso denominado Caminho da Fé, com trajeto saindo de Taguatinga/DF, passando pelo Centro de Evangelização Renascidos em Pentecostes, em Ceilândia/DF, com destino final ao Santuário Arquidiocesano Menino Jesus, em Brazlândia/DF, cujo objetivo é estimular e desenvolver a fé religiosa promovendo a reflexão das pessoas sobre a importância da espiritualidade.

Assim, o segundo maior Santuário do Brasil tornou-se ponto de peregrinação dos brasilienses, juntamente com a Catedral Metropolitana, a Ermida e o Santuário Dom Bosco.



Santuário Menino Jesus - Arquidiocese de Brasília.

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● SAÚDE E BEM-ESTAR



Maria Helena
Costa

SOBREVOO PERTENCIMENTO

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou alguém mais forte. Muitas vezes a vontade imensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa.

Clarice Lispector

Como pássaro em sobrevoos, o que veríamos ao percorrer cada quinhão de terra neste Planeta Azul? Pelo impacto gerado na aplicação das ferramentas da Biodécodage¹, em encontros individuais ou em grupo; pela emoção ao me conectar com as transformações que envolvem cada um de nós; pelas experiências que temos vivido, diria que esse pássaro alteraria, momentos de grande emoção e de profunda gratidão, pela transformação que observaria em cada um. Em cada um de nós!

Diga-me lá: nos últimos dois anos, como avalia a sua trajetória? Seus processos? Inquietações? Suas buscas? Você se sentiu parte da vida, parte de sua trajetória, parte de sua

família, de seu grupo de amigos, do seu time no trabalho? Você teve a sensação de pertencimento, de ser o dono de sua própria vida?

Quais seriam as respostas que deixou de buscar? Quais as que encontrou, aceitou e assumiu a responsabilidade por praticar? E então me apoio em Lispector, no reconhecer a própria força para fortificar uma pessoa ou uma coisa.

Será esse o sentido de tantas mudanças? O sentido de nos fortalecermos e fortalecermos uns aos outros? O sentido de nos libertarmos e de libertarmos uns aos outros?

Como fazer pelos outros? Não! Trata-se de fazer com os outros. Ser referência, inspiração e mover outros a escolherem melhores caminhos. E nessa escolha, ou nessa busca de pertencimento, enveredo pelo pertencimento a algo infinito, a ser expressão de algo maior, a ser útil como Lispector, a criar uma ótima experiência, a fazermos algo acontecer.

Nesta manhã, pratiquei uma ferramenta da Biodécodage com grupo de Coachees em Processo de Vendas.

Escolhi prática para que, cada um tivesse a oportunidade, de ressignificar algo que o afastasse dos objetivos do processo, da experiência, a ser iniciada. E, como sempre, foi marcante! Agora mesmo, fiz um pequeno vídeo de um João de Barro em sua casa, talvez cantando o melhor hino de sua história, a exaltar, a vida. Lamento não poder inseri-lo aqui...ou poderei?

E esses pequenos instantes, se transformam em grandes emoções, pela experiência que se torna marcante. Volto ao FLOW, por Mihaly Csikszentmihalyi (2000), tema abordado na edição anterior. Esse conceito, que deve ser melhor compreendido, para aprendermos a observar em nossas vidas, perspectivas que nos fortaleçam. A perceber momentos em que mudamos tudo, por uma simples escolha.

Para tal, revisito instantes aqui apresentados e, percebo as sensações. Transmito algumas experiências a você, leitor, que certamente, encontrará em sua vida, outros tantos equivalentes. Noto também, que a experiência é mais intensa, se dela participo ativamente. Talvez a mais marcante e recente, seja o acompanhar meu pequeno neto, durante um temporal com raios, trovões e chuva intensa.

¹ Biodécodage - método terapêutico que aborda a doença, a partir de uma emoção que é registrada nas células, com a ótica da biologia que nos leva a hipóteses sobre a origem de sintomas.

Após nomear a ele, cada um destes elementos, no momento em que aconteciam, ele volta a brincar. Então, passados alguns minutos, um novo trovão surge e ele caminha até mim, se aconchega e o envolvo em carinho – sentir a proteção que se dá, pelo afeto a um ser, que simplesmente confia em mim... sim, emoção imensa e gratidão pela oportunidade, pela troca e meu aprendizado – nada mais importa naqueles instantes, naquela hora.

Ver o João de Barro construir sua casa, abrigar-se com sua parceira, a cantoria, o filhote, trazer o alimento, e acompanhá-lo a voar, por exemplo, me encanta e me deixa plena de alegria, em leveza e gratidão e a força presente aqui, é a apreciação da beleza e da excelência.

Pintar uma tela, (digo que faço lambanças), escolher cores, tocar com as mãos, adicionar elementos, texturas e me entregar, por completo a essa execução, me coloca em flow, que é um estado mental de funcionamento em que mergulhamos, em envolvimento total e fluidez no processo a que nos dedicamos. Esqueço do tempo, amo o que faço e, o pensamento se torna apenas o momento. Claro, que ao final da obra, surgem o critério e a avaliação e então, o momento será outro.

Estes estados podem ocorrer, em meio a situações ou experiências desfavoráveis, como ao ouvir Beethoven ou Mozart, quando o desafio e a tensão se manifestam; e esse escutar, o envolvimento com a música, trará um estado de relaxamento, de confiança e as nuvens cinzas se dissiparão. Fazer uma palestra, entregar



Aquarela - Antônio Carvalho Vieira da Silva, Professor, artista plástico, designer gráfico, fotógrafo, ilustrador. Ilustração 115x96cm. Técnica Micron 0.3 e aquarela.

um treinamento, olhar os olhos atentos a acompanhar o descortinar de novas paisagens, caminhos – cada uma dessas experiências me leva ao pertencimento e também ao flow.

Nadar e buscar superar a distância percorrida, na prática anterior. Observar o céu a cada braçada, ou apenas contar o percurso percorrido, utilizando palavras que me foram trazidas há muitos anos e, traçam um roteiro mental, que se alia ao emocional, e cria condições (se internalizado), para fortalecimento e realização, assim: amor – humor – garra – percepção – método – celeridade. Em cada piscina, cada braçada repito a palavra, como um mantra. Aqui, tenho uma

organização que pode orientar todas as atividades e não pesquisei o autor, mas me foi passada por terapeuta.

Ao usar essas palavras, me envolvo tão intensamente com o fluir do corpo na água, o céu, e o significado conjunto que traduz uma expressão a mim: crie, acredite, planeje, faça em amor e será o melhor. Novamente, a sensação de momento único, de gratidão. E me parece que, em cada um destes momentos, tenho o melhor da vida.

Diversos sentidos apresentaram o flow, que envolve nervos, músculos, pensamentos, emoções sentimentos e trazem sensações físicas. Tão plu-

ral, que vai de uma prática desportiva, a uma leitura, ao melhor passatempo Sudoku, qual o seu? Ou ao patchwork...

Aqui, ao escrever este artigo, devo praticar também o flow do pensamento, por vezes me aterrando, para que não voe tanto e considere o real objetivo do que aqui transmito. Compartilhar com o leitor, algumas reflexões que lhe tragam serenidade e, uma inquietação; a levá-lo ao olhar, voltado para si mesmo.

E então, a viagem poderá seguir e pegarmos uma carona com Eckhart Tolle, que nos convida a ser presença no agora – o único momento possível –aquele em que podemos fazer escolhas, decidir caminhos, sermos os comandantes de nossos barcos. Sermos integralmente autorresponsáveis, conscientes de que o leme direciona o barco e está em nossas mãos. O único momento que nos propicia o flow – o agora.

Tenho me encantado com os estudos da Biodécodage e quando mergulho na biologia me sinto maravilhada com o corpo humano e, me pergunto: o que fazemos com tanta perfeição? Nossas células, que se dividem de dois a três trilhões, todos os dias e, nos sentimos improdutivos tantas vezes, evidentemente, transmitindo a esse corpo perfeito, a dúvida por sua precisa performance. Sempre tão ocupados e talvez, tão alienados, do que é real.

Faça uma parada na sua série favorita e viaje pelo Corpo Humano, em documentário disponível no Netflix; e

entre em flow pelo encantamento, de que mesmo que façamos tantas coisas absurdas, nosso coração pulsa da forma adequada e bombeia o sangue, a promover funções em todos os órgãos. Talvez possamos restabelecer o equilíbrio, ao verificarmos que tudo é perfeito e nós, nos encarregamos da produção do caos. E nestes momentos podemos compreender Saramago:

Arranca metade do meu corpo, do meu coração, dos meus sonhos. Tira um pedaço de mim, qualquer coisa que me desfaça. Me recria, porque eu não suporto mais pertencer a tudo, mas não caber em lugar algum.

José Saramago

Aqui encontro a oposição às deusas de Tolle. Saramago nos sugere, encher-mo-nos de tudo que nos rodeia. E fazemos isso frequentemente. O ponto do retorno é observar que, o que nos enche, na verdade pode nos trazer o vazio, por não encontrarmos a identidade comum entre nós, e o que nos enche – e nos enchemos de nos encher! Porém, não caber em lugar algum, traz o alerta de que, o interior pode se apresentar muito maior, expansivo e por buscarmos referências externas, não nos permitimos ser, quem somos.

E ao refletir sobre pertencimento, tendo passeado por estas ideias, me volto a caminho comum para um recomeço, para o recriar, para que possa pertencer a mim, a minha essência. E é um caminho claro se, a entrega se faz: observar, aceitar, perdoar, amar, transformar – um roteiro simples e

com resultados práticos, se o leitor se permitir, a auto-observação isenta, imparcial.

Proponho que registre suas descobertas e estará mais próximo, de perceber novos e surpreendentes caminhos, em jornada que se tornará expansiva e surpreendente. Certamente, praticará suas forças. Considere conhecê-las com o convite ao final do texto. Então, experimentará níveis mais elevados de felicidade e níveis reduzidos de depressão, nos diz Seligman.

O sabático proposto por Flora Victoria, apresenta três etapas claras:

Conectar – sem julgamentos, permitir a aproximação com seu eu real e sugere listar observações, refletir e agradecer. Como em verdadeiro processo, anotar ideias e insights será fundamental.

Regenerar – identificar o eu ideal e perceber o que deseja mudar. Fazer o seu retrato falado, permitir pensamentos, sensações e novamente anotar suas observações.

Projetar – imaginar um dia ideal para regenerar algo, por ação simples a ser feita, que poderá impulsionar o compromisso com a transformação. O que você escolhe? Experimente cada um dos caminhos, cada uma das sugestões, mas anote!

Para encerrar, deixo algumas perguntas e sugiro que registre as respostas. Será um pensamento em voz alta e contribuirá para sua percepção de pertencimento, de engajamento em seus propósitos, a proximidade, com

seu Eu Ideal.

Comunico-me efetivamente e com clareza?

Sinto-me autêntico (a) e dono (a) de minha vida?

Tenho propósitos claros na vida, nas atividades profissionais?

Celebro conquistas? Aplaudo meus filhos, meus queridos em suas conquistas?

Demonstro autoconfiança? Confio nos que estão próximos?

Como me relaciono com meu Eu Ideal?

Como me relaciono com meus pares, com familiares, amigos?

Estarei aberto (a) às transformações que se intensificam?

Serei coeso (a) com minha identidade, minha essência?

Talvez possamos verificar as forças que nos orientam e deixo o link para tal.

<https://www.viacharacter.org/survey/pro/sementescoaching/account/register>

Se surgirem dúvidas sobre estas con-

siderações, envie mensagem, entre em contato.

Gratidão pelo sobrevo e registre suas experiências, seu olhar atento a si mesmo, ao que cria, ao que vive. Compartilhe comigo. Será uma alegria provocar mais transformações!

Nota sobre a autora:

Maria Helena Costa ama o despertar em pessoas – estas formam times e empresas. Acredita que qualquer processo de desenvolvimento específico deve se basear no despontar de cada ser – conhecer seus talentos, desenvolver habilidades e competências para resultados significativos. O desenvolvimento Pessoal associado a Carreira e ao Positive Coaching demonstram neste momento alinhar ferramentas adequadas à realidade que se reconfigura para o profissional integral.

- Mestre em Arquiteta e Urbanismo, professora de disciplinas de Projeto. Pesquisadora com foco na atuação dos estudantes segundo seu engajamento.
- Executive e Positive Coaching, associada à Sociedade Brasileira de Coaching.
- Aluna da Escola Francesa de Biodecodificação e praticante desta técnica.
- Cocriadora do Carreira e Sucesso – o desenvolvimento para futuros profissionais e aqueles que buscam recolocação, qualificação. Fomentadores de parcerias com Instituições de Ensino para a formação de profissionais capazes e confiantes.

[@sementes_comvc](https://www.linkedin.com/in/maria-helena-costa-9047aa2b)
sementescomvc@gmail.com

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

BIBLIOGRAFIA:

FLÈCHE, Christian. **Biodécodage, Tratar a origem emocional de todos os sintomas** – Christian Flèche e cols. São Paulo: Andreoli, 2020.

MIHALY, Csikszentmihalyi. **FLOW, A Psicologia do alto desempenho e da felicidade**. Objetiva.

SELIGMAN, Martin E.P. **Florescer: Uma nova compreensão da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

VICTORIA, Flora. **O Tempo da Felicidade: um sabático para representar a vida, priorizar seus objetivos e se renovar**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

● PSICOLOGIA



F. J. Alencar
Araripe

PERTENCIMENTO

“Pessoas são seres sociais que têm uma necessidade de pertencer a um grupo, amar os outros, e ser amados.”

O pensamento acima é de Abraham Maslow, famoso psicólogo estadunidense, que nos meados do século XX liderou na formação de uma das forças da psicologia, ou seja, a Psicologia Humanista. Para ele, para que haja um verdadeiro crescimento e felicidade, primeiramente é necessário que se satisfaça as necessidades de conexão dos humanos.

Na falta de amor e carinho uns com os outros, torna-se difícil, se não impossível, ser alcançado um verdadeiro potencial que nos distinga como seres humanos.

A questão do pertencimento, a sensação de sentir-se em conexão com os outros é tão importante, que a falta disso poderá acarretar distúrbios psicoemocionais.

O que vem a ser a solidão, se não um sentimento de não pertencermos ou de não estarmos presentes entre

aqueles que nos rodeiam? De onde vem o chamado “medo do palco” se não do medo de ser rejeitado, e, o medo da morte não poderá em grande medida ser a perda da relação com os demais?

Teria essa questão do pertencer ou não fonte de distúrbios apenas psicológicos? Na verdade, não, pesquisadores constataram que o isolamento social pode causar um grande aumento nos distúrbios coronários, ocorrendo exatamente ao contrário quando as pessoas contam com um grupo de apoio. Isso nos prova que esse sentimento, o pertencer, é importantíssimo para saúde tanto psíquica quanto somática.

Sem dúvida alguma é saudável e gratificante conseguirmos que essa nossa necessidade de pertencer seja atendida por aqueles que estão mais próximos e não pelos que nos são mais caros, como nossos familiares e amigos.

Será que podemos limitar a questão do pertencimento o já exposto ou poderemos expandir esses limites a sociologia; a educação, e a própria história? E por que não?



Imagem: PERTENCER - Angelina Quaglia

Os profissionais da sociologia sabem da importância que uma comunidade tem de sentir-se parte de um local; de uma cidade; de uma região, de um país.

No Brasil, essa realidade se mostra por demais distante já que diretamente ligada à educação, teria que expandir-se atingindo a economia e a política, infelizmente, as duas preocupam-se tão somente com o lucro e poder.

Para tanto, seria necessário conhecermos a verdadeira história do Brasil e não a estória, isso poderia vir a despertar o sentimento de pertencimento ao povo brasileiro, do qual é tão carente. Assim, poderíamos nos sentir realmente parte dessa Nação.

Pelo que foi dito vemos a importância de sentirmo-nos pertencentes; de estarmos em conexão com os outros, de sermos humanos entre humanos.

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

● FEMININOS MÚLTIPLOS



Maria Luiza
Junior

ENTRE PROMESSA CORDIAL E RACISMO INDEFECTÍVEL: PERTENCIMENTO NA ESFERA DO PODER

No tempo em que “comer manga e beber leite” matava, Juscelino Kubistchek¹, neto de imigrante tcheco, foi prefeito biônico de Belo Horizonte, 1940-1945, quando se empenhou em embelezar o espaço urbano, canalizando córregos; pavimentando e construindo novas avenidas e praças, destaque para o Complexo da Pampulha, projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer; marco cultural do Modernismo nacional, anterior à Brasília. A intervenção no espaço urbano de BH proporcionou a integração do subúrbio com o centro; ampliou a rede sanitária, o “prefeito furacão” instalou fiação subterrânea das redes elétrica e telefônica; dentre outras intervenções.

Cabe lamentar que o saneamento básico não foi solucionado em Brasília até a presente data, não por irresponsabilidade de JK, (1902-1976), aquele que prometeu realizar um governo de progresso “50 anos em 5”, e sim dos sucessivos administradores do Distrito Federal, dos biônicos aos eleitos, que teimam em priorizar obras que atendam aos interesses da especulação imobiliária em detrimento da urbanidade.

O jovem médico, das Minas Gerais, órfão de pai aos três anos de idade, foi eleito Presidente do Brasil (1955)

com a menor votação da história da República, e o avô do Aécio, Tancredo Neves, não fazia parte do grupo de políticos que contestou o resultado, somando-se aos insatisfeitos, a ala militar pró-golpe que tentou embargar a posse dos eleitos Presidente e Vice-Presidente, JK e Jango, que viriam a suceder legalmente Getúlio Vargas, que cometera suicídio em 1954, antes do fim de seu mandato.

A ex-presidente Dilma Rousseff, eleita para um segundo mandato em 2013, como resultado da insatisfação do candidato derrotado Aécio Neves, ela também uma mineira de nascimento, neta de imigrante búlgaro, sem apoio e empenho de seus correligionários, sofreu *impeachment* em 2016, contrariamente a Juscelino, médico-militar, com *testosterona*, que obteve ímpar apoio do Marechal Lott, então Ministro da Guerra, fazendo valer a Constituição vigente, e em defesa da democracia.

Para aqueles brasileiros que pouco ou nada tinham, vivendo sob o sol equatorial, calejados pela enxada no solo inóspito, resultado da secular monocultura da cana-de-açúcar, flagelados pelas intempéries da Natu-

reza e desmandos dos coronéis da política, São Paulo se constituía no Eldorado brasileiro, com um nível de empregabilidade sem concorrência. Assim, para lá se dirigiam os brasileiros despossuídos, como a mineira Carolina Maria de Jesus, escritora e catadora de lixo, autora do livro *Quarto de Despejo*, dentre outros. Carolina foi a mulher negra que forjou um olhar crítico sobre o espaço urbano na capital paulista, obrigando, com o sucesso editorial e internacional de sua obra, uma reformulação urbana na favela do Canindé, os barracos de madeira em oposição ao magnífico Copan de Niemeyer...

Para povoar a recém-inaugurada Brasília, foi fundamental o deslocamento de brasileiros de todos os rincões, para a tal *terra virgem desbravada*, a partir de então apelidados de candangos. Para uns, significou a manutenção do emprego na máquina governamental que se transferia do Rio de Janeiro para a Nova Capital, com um adicional pecuniário, boas opções de moradia, acesso à Universidade de Brasília sem o seletivo vestibular, para si e seus parentes, e outras vantagens. Para outros a aventura, não exatamente recreati-

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Juscelino_Kubitschek#In%C3%ADcio_de_vida

va, e sim um recurso de sobrevivência material. Brasília prometia ser de todos os brasileiros especialmente para todos que a habitassem.

Segundo a cientista política, Ana Lúcia Amaral (2006)²,

A sensação de “pertencimento” significa que precisamos nos sentir como pertencentes a tal lugar e ao mesmo tempo sentir que esse tal lugar nos pertence, e que assim acreditamos que podemos interferir e, mais do que tudo, que vale a pena interferir na rotina e nos rumos desse tal lugar.

Saindo do Cariri (CE), no último pau-de-arara³, chegou à Brasília o cantor Fagner; de Correntes (PI) a mãe com os cinco irmãos de Joaquim Cruz, que se instalou na incipiente Taguatinga/DF, cidade natal do atleta. Por outro meio de transporte e motivação, de São Luiz (MA) Séo Teodoro com o Bumba meu Boi; do Rio de Janeiro, o militar, pai e família de Monica de Menezes Campos, e, Manoel Frederico Soares, o Embaixador do Samba de Brasília, autor de canções como *Tem Bobo pra Tudo*. De Paracatu (MG), desgarrado de seus familiares o adolescente negro

de nome Joaquim Barbosa.

O breve relato biográfico de alguns deles, é intencional, para que possamos avaliar o resultado de suas interferências nas instituições que faziam de Brasília, a *Capital da Esperança*.

Monica de Menezes Campos atendeu a pré-requisitos, tinha sobrenome, estudante da UnB (Letras) e da UDF (Direito), era poliglota, e quebrava uma outra barreira, era mãe-solteira. Sua carreira foi interrompida com sua morte precoce, aos 27 anos. De acordo com o documentário *Exteriores – Mulheres Brasileiras na Diplomacia*⁴, quando serviu na Embaixada Brasileira na Suíça, Monica sofreu discriminação racial e assédio moral por parte do chefe daquela missão diplomática, cuja identidade é mantida incógnita. A diplomata Marise Ribeiro Nogueira, confirma no Itamaraty a prática de discriminação racial invisibilizando a presença negra em seus quadros de carreira, e, que tal expediente serve para manter o mito da democracia racial no cenário internacional.

Monica foi a *baronesa* do mês de Julho de 2021⁵, referência ao 25 de Julho – Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, no Brasil, Dia de Tereza de

Benguela, líder quilombola do século XVIII, na região dos Estados mato-grossenses.

O blog Barão, na matéria a seguir comentada, traz uma única imagem de Monica de Menezes Campos, desmembrada em outras três ilustrações, a partir da original, da Revista Manchete⁶, *DIPLOMACIA, A Escalada Feminina*. Em 1978, ocorreu a aprovação de 13 mulheres, a foto da primeira colocada, Leonilda Beatriz Campos Gonçalves, apresenta a vitoriosa trajando um terninho, tem ao fundo o antigo prédio do Itamaraty no Rio de Janeiro. Monica, com cabelos alisados, foi fotografada de jeans, e pasmem, ao fundo, poluindo a imagem, está a rua, identificável somente por quem conhece Brasília, do moderno Palácio do Itamaraty, outro projeto de Niemeyer, são mostrados apenas dois cisnes brancos no espelho d'água. A leitura da matéria apresenta outras pérolas racistas, tal a afirmativa de que candidata foi aprovada em segunda tentativa porque recebeu “ajuda” de outros estudantes do Instituto.

Joaquim Cruz, natural da cidade satélite Taguatinga/DF, ao conquistar a Medalha de Ouro na Olimpíada de Los Angeles, em 1984, e quebrar o recorde na prova dos 800 m, tornou-se o único brasileiro a subir no mais alto posto do pódio em prova de atletismo. O menino pobre que teve a oportunidade de ser treinado no complexo desportivo do SESI de Taguatinga, e de lá seguiu para os Estados Unidos como atleta bolsista, acumulando vitórias, em entrevista ao UOL⁷, lamenta a realidade da fal-

2 <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=pertencimento>

3 “Pau de arara” é um meio de transporte popular no NE, um caminhão que tem adaptados bancos de madeira na carroceria para transportar pessoas que migram para outras regiões do Brasil. Outro significado para Pau de arara: método de tortura física destinada a causar fortes dores e traumas psicológicos. Método este amplamente aplicado nos presos políticos da Ditadura Militar no Brasil

4 A partir dos 27 minutos do documentário, *Mulheres na Diplomacia*, em <https://vimeo.com/315184082>

5 <https://obarao.damasio.com.br/baronesa-do-mes-monica-de-menezes-campos/>

6 <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&pagfis=178986>

7 <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/minha-historia-joaquim-cruz/#page20>

ta de investimento na Educação dos infantes brasileiros, e brasilienses como ele.

“Sou muito frustrado por ter aprendido tanto e tão de perto sobre o modelo americano e ser incapaz de replicá-lo no Brasil, onde a mistura racial é uma coisa fora de série e a temperatura é perfeita para a prática esportiva.”

Joaquim Benedito Barbosa Gomes, o adolescente que se lançou em Brasília em voo solo, sem a família que permaneceu em Paracatu/MG, fez História ao se tornar o primeiro jurista negro a ser nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal, e, que no exercício de seu cargo, o pujante Ministro foi o único a determinar abertura de inquérito contra um político acusado de crime de peculato. Foi a favor da pesquisa de células-tronco. Da sua posse em 2003 até sua aposentadoria voluntária em 2014, foi vítima preferencial da imprensa racista, que não se limitou a produzir matérias relativas ao exercício de seu cargo, se imiscuindo em sua vida privada. Barbosa, célere, respondeu a seu par na Corte, ministro Gilmar Mendes.



Imagem: Selos comemorativos

“(...) Vossa Excelência, quando se dirige a mim, não está falando com os seus capangas do Mato Grosso, ministro Gilmar”⁸

Diferentemente da mídia nacional, em 2013, Joaquim Barbosa foi eleito pela Revista Time como uma das cem pessoas mais influentes do mundo e incluído pela BBC Brasil em uma lista de 10 brasileiros que foram notícia no mundo naquele ano⁹.

Os jornalistas seguiram avançando contra o Ministro Barbosa, seja por charges ofensivas de sua moral, seja por insinuações pretensiosas à formação de opinião negativa ao

magistrado, sugeriu aos repórteres “vão chafurdar no lixo”. Tendo anunciado ser candidato à eleição presidencial, em 2018, posteriormente retirou sua candidatura. À véspera do segundo turno da eleição presidencial, declarou seu voto no candidato do Fernando Haddad, do PT, contra o candidato Bolsonaro, do PSL. Barbosa afirmou que “pela primeira em 32 anos de exercício do direito de voto”¹⁰, um candidato lhe inspirava medo e por isso votaria em Haddad, que para prejuízo geral, foi derrotado. Diria o sambista Brigadeiro, o citado Manuel Frederico Soares, “tem bobo pra tudo!”, e como tem...

⁸ https://pt.wikipedia.org/wiki/Joaquim_Barbosa

⁹ *Idem.*

¹⁰ *Biidem.*

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

● PAPO CANDANGO



Carolina
Araújo

DIVERSÃO DURANTE A PANDEMIA

Criança feliz, feliz a cantar. Alegre a embalar seu sonho infantil... A infância é uma fase da vida que merece muito ser desfrutada. Mas, desde março de 2020, crianças do mundo inteiro tiveram sua infância roubada pela pandemia da Covid-19. E o que fazer para que elas não fiquem o tempo todo trancadas em suas casas apenas em jogos eletrônicos. É necessário correr, brincar, exercitar, conhecer a natureza, ou seja, curtir o seu “sonho infantil”.

Brasília é uma cidade que oferece muitas opções de lazer ao ar livre. Os parques são amplos, com muito verde e cheios de animais silvestres. Muitas mães ficaram perdidas em relação ao que fazer para entreter as crianças durante o tempo de pandemia. Primeiro, porque tudo fechou nos primeiros três meses. Mas depois, os locais foram abrindo aos poucos com os devidos protocolos sanitários e começaram a surgir as oportunidades de se divertir de uma forma diferente.

O parque Sarah Kubitschek, também, conhecido por parque da cidade, foi uma ótima opção para as crianças gastarem suas energias. Muitas famílias se juntavam no local para um

piquenique, uma gostosa atividade que reúne a família com apetitosas refeições e, ao mesmo tempo, as crianças se divertem ao ar livre.

Outro lugar que é palco de entretenimento na capital é o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Assim que o espaço voltou a receber visitantes, muitas famílias passaram por lá com seus filhos e, também, o local montou um cine Drive-in onde cada família assistia aos filmes dentro de seu carro. Foi uma ótima opção para sair um pouco de casa com segurança em relação à transmissão do sars-cov-2.

Brasília tem o seu cine drive-in, atualmente um dos únicos do Brasil. Inaugurado em agosto de 1973, possui ótima localização, praticamente no centro da cidade. É considerado



o melhor equipado, pois possui seus 15 mil metros quadrados de área asfaltada, capaz de acomodar 400 veículos em seu estacionamento; e uma tela de concreto medindo 312 metros quadrados, sua projeção com moderno projetor Digital Barco.

Com as várias salas de cinemas nos shoppings da cidade, o drive-in era pouco frequentado. Mas durante a pandemia o cenário mudou. O estabelecimento se preparou para receber as famílias mantendo o distanciamento entre os veículos e, com as salas fechadas, o Cine Drive-in era a única opção de cinema no momento pandêmico. Muitas famílias aderiam. O local oferecia sessões com filmes infantis e para adultos. A diversão era certa!

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

● DIREITO



Luciano Brasileiro
de Oliveira¹

O CONTRATO DE LOCAÇÃO RESIDENCIAL E O TRABALHO EM HOME OFFICE OS EFEITOS DA PANDEMIA MUNDIAL

Todos conhecemos os efeitos nefastos da Pandemia Mundial da COVID 19: mortes em massa, unidades familiares desfeitas, desemprego, desabastecimento, sequelas físicas e psicológicas, isolamento social, enfim, poderíamos indicar um sem número de efeitos causados por um vírus extremamente letal que chegou ao globo terrestre no ano de 2020.

Nesta órbita quase infinita de efeitos negativos da conhecida pandemia, gostaria de me ater a uma questão jurídica que tem chamado a atenção do mercado imobiliário, notadamente no ano de 2021.

Com a percepção da medicina global de que somente se conteria uma devastação de seres humanos da face do nosso planeta mediante o chamando isolamento social, muitas pessoas se viram obrigadas a passar a trabalhar em ambiente residencial. Trata-se do chamado home office ou trabalho em casa.

Várias empresas pelo Brasil afora fecharam suas portas e orientaram seus empregados ou prestadores de serviço a continuar trabalhando em suas unidades residenciais. A questão que se pretende discutir no

presente ensaio diz com aqueles trabalhadores que contratam mediante pessoas jurídicas criadas para este fim ou mesmo profissionais liberais e residem em imóveis locados.

Em ambos os casos – profissionais liberais ou prestadores de serviços – as pessoas físicas costumam constituir empresas ou microempresas individuais para prestarem seus serviços. E tais pessoas jurídicas passaram a se estabelecer em suas unidades habitacionais locadas.

A Lei 8.245, de 18 de outubro de 1991, estabelece que as locações podem ser residenciais ou não residenciais (comerciais), cada qual com suas particularidades, deveres e obrigações. Ainda não existe no ordenamento jurídico uma locação mista, ou seja, que possa servir de moradia da pessoa física e sua família e também que possa servir de sede da pessoa jurídica vinculada ao locatário.

Por outro lado, o locatário é obrigado a servir-se do imóvel para o uso convencional ou presumido, compatível com a natureza deste e com o fim a que se destina, devendo tratá-lo com o mesmo cuidado como se fosse seu (artigo 23).

Constitui infração capaz de operar uma rescisão do contrato de locação a prática de infração legal ou contratual (artigo 9º), pelo que o locatário poderia incorrer em infração contratual se passasse a utilizar o imóvel também como estabelecimento da sua pessoa jurídica.

Um dos pilares obrigatórios nos diversos contratos de locação é estabelecer cláusula como sua finalidade. Se residencial, o uso convencional ou presumido é o de abrigar o locatário e seus familiares. Se comercial, o uso convencional ou presumido é o de abrigar o estabelecimento do locatário, quando se deve especificar que tipo de estabelecimento funcionará na unidade locada: escritório de um profissional liberal ou de um prestador de serviço em determinada área, conforme o caso.

Noutra esfera, a maioria das convenções dos condomínios de unidades residenciais, proíbe a utilização das referidas unidades habitacionais para fins comerciais, visando notadamente coibir alterações nocivas aos condomínios, com entradas e saídas frequentes de estranhos, ruídos anormais, entre outras.

Neste sentido, enquanto não se legisla acerca dos contratos de locação mistos, que se avizinham como o futuro da humanidade, já que muitos trabalhadores não devem retornar as suas unidades comerciais, é preciso interpretar a situação de forma que proporcione segurança jurídica para locadores e locatários.

Penso que uma solução jurídica para os novos contratos de locação, seria para os novos contratos de locação residencial (objeto preponderante), inserir a pessoa jurídica do interessado também como locatária, além de especificar no objeto do contrato de locação que o imóvel estaria sendo alugado para o uso do primeiro locatário (pessoa física) e sua família, bem como para o exercício do seu trabalho através da pessoa jurídica assim denominada.

A toda evidência que estamos tratando de pessoas jurídicas de trabalhadores que podem praticar o home office sem alterações na estrutura do imóvel ou da edificação e tampouco crie uma circulação extraordinárias de pessoas no condomínio.

Em relação aos contratos de locação em vigor, onde o trabalhador já reside no imóvel, penso que uma alteração do contrato de locação, estabelecendo as mesmas regras antes mencionadas, seria satisfatória para atender os cuidados jurídicos essenciais.



Bric a Brac: Angelina Quaglia

Resta ainda observar que o locador deve, necessariamente, verificar qual o objeto da pessoa jurídica que se pretende instalar na unidade residencial, mediante exame dos seus atos constitutivos.

Afora as questões do Direito Civil Imobiliário, ainda temos as questões de Direito Administrativo, notadamente em relação à expedição dos alvarás de funcionamento, que não são objeto do presente ensaio, mas que devem ser examinadas pelos interessados.

Portanto, até que venha legislação adequando a norma jurídica aos no-

vos tempos, onde cada vez mais veremos pessoas trabalhando em suas residências, penso que é imprescindível algumas pequenas alterações nos contratos de locação, visando a segurança de locadores e locatários.

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● O TOM DA CONVERSA



Jorge
Nassar

UMA HISTÓRIA BRASILIENSE

205 Norte. Já é terça-feira daquela manhã de maio em plenos anos 80. O Alarme toca às 10:00 horas, e Duda tateia o móvel para localizar o despertador, que com seu toque desajeitado cai no chão, fazendo-o ter que abrir os olhos para localizá-lo estrilando no chão. Com esforço de um corpo inerte de sono, consegue alcançá-lo e solta um suspiro:

- Cacete...

Do lado de fora do quarto ouve passos, que param na porta do quarto. Vem aquela batida grosseira na porta e uma voz forte e estridente:

- Dez horas da manhã, Eduardo. Vai fazer mais nada da vida não, moleque? Acorda logo. Sai dessa cama!

Duda revira os olhos, dá aquela respirada estressada, misturada com a embriaguez do sono:

- Ah, mãe! Porra! Já vou...

A mãe retruca, já mais distante do quarto:

- Agoraaaaa...

"Saco!," suspira o jovem ainda inerte na cama.

Depois daquele café da manhã ouvindo as reclamações matinais da mãe, recebe dela a encomenda de ir levar uns pacotes na casa do avô, que

mora na altura das 708 Norte.

Pega o telefone e liga para alguém:

- Léo, sou eu. O que tá fazendo? Bora ali na casa do meu vô? É, agora! Já tô descendo! Beleza! Te encontro lá debaixo do bloco...

Pega a encomenda, dá um beijo na mãe e sai, não dando mais atenção às lamúrias da progenitora.

Quando abre a porta do elevador, muitas caixas e o Seu Alceu à frente, que lhe dá um sorriso e um "bom dia."

- Bom dia, seu Alceu! É hoje já? Nossa! Boa viagem, caso eu não o veja mais!

Seu Alceu agradece e descem conversando descontraídos os 4 andares até a garagem.

Seu Alceu é um velho vizinho do andar de cima que, após aposentar-se do Detran, está voltando para sua terra natal, a velha e ensolarada Pernambuco.

- Vou morrer de saudades desta cidade e de todos vocês. Venham me visitar em Recife. Terei prazer em receber-los!

Duda sorri e diz que a depender dele, com certeza ele irá. Se despedem.

Após pegar a sua "magrela," Duda encontra Léo no bloco.

- A gente pode passar na casa da Bia depois?

Léo está apaixonado na sua colega de faculdade, Beatriz Macedo, filha de um deputado do Pará, que mora num apartamento funcional na 202 sul.

- Ih pronto! Lá vou eu pra ficar de vela, né? - Duda resmunga.

- Ué, chama a paulista doidinha que tu conheceu semana passada. Ela vai com a vespa dela pra lá, abelhudo de bike. - Léo não economiza na ironia fazendo trocadilho com o nome da motinha da moça.

- A Mônica, né? A essa hora ela tá na UnB, futucando em cadáver. Sei nem onde fica a "facu" de medicina lá. Aquilo lá é muito grande, véi!

Pedalaram pelo plano até chegar na casa do avô do Eduardo. Lá, deram de cara com um grande amigo

do Duda, antigo vizinho do avô, com quem ele brincava desde a tenra infância na piscina de ondas do Parque Rogério Pithon Farias.

- Fala Xande!! E aí, quando é que a gente vai surfar no lago? Tô pilhado! Alexandre era estudante de Engenharia Mecânica e seu sonho era criar uma estrutura que produzisse onda artificial no lago.

- Fala Duda! Cara, eu tô pesquisando aqui como fazer a estrutura e os sistemas hidráulicos que vão mover a plataforma. Mas quando eu criar, tu vai inaugurar junto comigo! Paranoawaii!!

Riem juntos.

- Cara que ideia massa! Vamos detonar! - Duda se empolga.

Duda vê que Léo tá meio ansioso, como se houvessem facas no ar, e o indaga. Léo quer entrar logo na casa para poder usar o telefone do avô do Duda a fim de ligar pra Bia.

- Cara, tu tá muito louco com isso! Um telefone só é muito pouco pra você! Relaxa aí que qualquer coisa eu peço pro meu vô levar a gente lá.

Léo fica mais tranquilo.

Ao entrar em casa, Duda encontra a tia Madá e o noivo Vado em cenas de muita alegria. Madá está muito eufórica, pois foi aprovada em concurso público para integrar a Orquestra Sinfônica do Rio. Ela é flautista reconhecida da cidade e muito requisitada. Vado é músico de boteco que está sonhando

em ir com ela para o Rio e conseguir ficar famoso. Todo metido a menestrel, Vado quer aparecer na televisão a qualquer custo. Quer é ser estrela no Rio de Janeiro.

Após cumprimenta-los, Duda entra na cozinha e encontra a empregada do avô, Elisa, que tá com o olho vidrado na pequena TV de 13 polegadas da cozinha, antenada na TV Brasília. Duda dá um beijo em Elisa, que nem olha para o menino e diz assustada:

- Duda, meu "fio," "óia" isso. Que horror!

- Que foi, Elisa?

- Dois "homi" se matando num tiroteio no meio da Ceilândia. Parece coisa de faroeste, daqueles que seu vô gosta de "vê!" E "óia" lá o povo "tudim só oiando," tem até "sorvetêro"! Gente do céu!

A chamada da notícia dizia que dois traficantes decidiram uma traição à moda antiga, daqueles que não se tinha mais notícia no mundo civilizado. Ambos morreram no tiroteio.

Nisso aparece o avô de Duda, dá um beijo nele e no Léo e pergunta para os dois:

- E aí, campeonatozinho de botão? Valendo um sorvete da La Basque?

- Bora! – Gritam os dois garotos que ainda na flor da idade, quase nasceram junto com a cidade que tanto amam.



Bric a Brac: Angelina Quaglia

Assim são as idas e vindas de uma cidade jovem com seus trejeitos imaturos, seus sonhos, seus amores, seus sonhos e por todas as histórias que contadas juntas dariam muita, muita música.

Nota:

Esse texto ficcional foi criado a partir das letras de músicas que tem Brasília com cenário, como **Eduardo e Mônica** e **Faroeste Caboclo** da Legião Urbana, **Léo e Bia** e **Pra Longe do Paranoá** de Oswaldo Montenegro, **Te Amo Brasília** de Alceu Valença, **Surfista do Lago Paranoá**, do Natiruts e **Um Telefone é Muito Pouco** de Renato Matos.

● CLIQUE PARA VOLTAR AO ÍNDICE

● CRÔNICAS DO RUBENS



Rubens
Perlingeiro

COMISSÃO DE ÉTICA



Imagem :Karolina Grabowska

Está reunida em sessão solene a Comissão de Ética da Câmara dos Deputados para julgar se um dos ilustres congressistas tem bens incompatíveis com sua renda.

“Deputado, o senhor tem depósitos no exterior”?

“Veja bem”, justifica-se o parlamentar. “A conta não é minha. É de um fundo de investimento. Eu apenas ponho o dinheiro lá.”

O interrogatório prossegue. “Deputado, e aquele carro importado de 800 mil reais? É seu”?

“Veja bem”, esclarece o ilustre congressista, “observe que na frente do carro, na tampa do motor, há uma plaquinha onde se lê ‘Ferrari’, o que indica claramente que o veículo não é meu.”

A Comissão ainda não está satisfeita. “Deputado, e a mansão no Lago Sul, no valor de quatro milhões de reais”?

“Veja bem”, explica Sua Excelência, “a casa, até modesta, quase um bangalô, está cadastrada em um cartório de registro de imóveis e, portanto, não é minha.”

Nessa altura, a oposição parte para os golpes baixos. “Deputado, como se explica sua mulher ter gastado um milhão de dólares em futilidades nos Estados Unidos com o cartão corporativo”?

“Veja bem”, comenta o contestado, “aquela não é a MINHA mulher. É apenas casada comigo. Trata-se de uma pessoa autônoma, cujo CPF não é o meu.”

Findos os trabalhos, toma a palavra o relator, integrante do mesmo partido do investigado: “em virtude das explicações claras, objetivas e incontestáveis apresentadas pelo nobre colega, esta Comissão o considera livre de todas as acusações”.

Após a salva de palmas, seguiram-se abraços e tapinhas nas costas. No local foi servido um coquetel de confraternização pago com dinheiro público, como sempre.

Preciso rever com urgência meu conceito de Ética.

Nero G. Pireli

● CLIQUE PARA
VOLTAR AO ÍNDICE

Revista 15.47 .

PARABOLOIDE EDIÇÕES - Vol. 01, nº. 07 (outubro-novembro 2021) Brasília - Brasil

On-line

Bimestral

Sumário Português

Disponível em: <https://paraboloide.com/revista-15-47>

1.Patrimônio 2-Brasília 3-Educação 4-Cultura 5-Tecnologia 6-Arte 7-Design

8-Música 9-Lazer 10-Turismo 11-Arquitetura 12- Urbanismo 13- Direito 14- Psicologia

DIREÇÃO EXECUTIVA:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
(PARABOLOIDE. INCUBADORA DE IDEIAS)

CONSELHO EDITORIAL:

ANDRÉ BERÇOTT
ANGELINA QUAGLIA
CYNTHIA NOJIMOTO
CAIO FREDERICO E SILVA
JOÃO DINIZ
LUCIANO BRASILEIRO DE OLIVEIRA
MARIA HELENA COSTA
MARIA LUIZA JUNIOR
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA

REVISÃO TEXTUAL / DIAGRAMAÇÃO / REVISÃO FINAL:
PARABOLOIDE. EDITORA / ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
ELLE MARKETING DIGITAL / SORAYA CRIA

REVISÃO DE ARTE E CURADORIA DE FOTOGRAFIA:

ANGELINA NARDELLI QUAGLIA
BEATRIZ BERÇOTT
PATRÍCIA IUNES DE ÁVILA E SILVA
MALU PERLINGEIRO

FOTOGRAFIA DE CAPA, ÍNDICE E CONTRACAPA
FRANCISCO SALDANHA / ARTE: ANGELINA QUAGLIA PARA

**PARABOLOIDE. INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA. BRASÍLIA - DISTRITO
FEDERAL**

contato@paraboloide.com
(+55-61) 99914-0661
(+55-61) 98177-2536

PARABOLOIDE.INCUBADORA DE IDEIAS ARQUITETURA E URBANISMO LTDA.
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

contato@paraboloide.com

(+55-61) 99914-0661

(+55-61) 98177-2536

